

Bhakti Rakṣak Śrīdhar Dev-Goswāmī Mahārāj

Evolução Subjetiva da Consciência

Evolução Subjetiva da Consciência
A Brincadeira do Doce Absoluto

Bhakti Rakṣak Śrīdhar Dev-Goswāmī Mahārāj

A Brincadeira
do Doce Absoluto

Pensa-se em geral que evolução seja algo objetivo. Entretanto, a evolução objetiva é uma percepção equivocada da realidade. Evolução baseia-se, de fato, na consciência, que é subjetiva. Contudo, para o ignorante, a evolução subjetiva parece ser evolução objetiva. Devido à ignorância, pensamos que somos sujeitos enquanto que, na realidade, o Senhor é o sujeito e nós somos seus objetos. Pensamos ser proprietários quando, na verdade, somos Sua propriedade. É dito que tudo ocorre pela vontade dos Vaiṣṇavas, os devotos do Senhor. Um Vaiṣṇava é como o empregado fiel que transmite a vontade do patrão. Ele não tem vontade própria – a vontade do puro Vaiṣṇava é apenas a vontade de Deus.

O conceito de evolução subjetiva é explicado no Śrīmad-Bhāgavatam (10.14.22):

**tasmad idarṇ jagad aśeṣam asaṭ-
svarūpam svapnabhamasta-dhīṣāna
puru-duḥkha-duḥkham dukhabodhan**

“Assim como as misérias sofridas durante um sonho são imaginárias, este universo – mesmo não o sendo – parece ser real devido à ilusão criada pelo Senhor.”

Evolução
Subjetiva
da Consciência

A Brincadeira
do Doce Absoluto

© 1996 Śrī Chaitanya Sāraswat Maṭh

Todos os Direitos Reservados pelo Sucessor Presidente-Āchārya
do Śrī Chaitanya Sāraswat Maṭh, Kolerganj,
P.O. Box Nabadwip, Dist. Nadia -W. Bengal Pin 741302, Índia

Edição original em inglês em 1983

1ª Edição em Português em 1988

2ª Edição em Português em 2008

Editores em inglês

Śrīpad Bhakti Sudhir Goswami Mahārāj

Śrīpad Bhakti Vidhan Mahayogi Mahārāj

Tradutor e editor

Śrīpad Bhuvana Mohandas

Revisão

Śrīmatī Nanda Priya Didi

Śrīpad Karuna Sindhu Prabhu

Śrīmatī Ananda Moyi Didi

Śrī Chaitanya Sarāswat Maṭh

Brasil – São Paulo - 2008

Prema Editora

Rua Diogo Moreira, 312 - São Paulo, SP - 05423-010

casaprema@uol.com.br - www.casaprema.com

Evolução Subjetiva da Consciência

A Brincadeira
do Doce Absoluto

*Oṃ Viṣṇupāda Paramahansa Parivrājakāchārya-varya
Sarva-śāstra-siddhānta-vit Aṣṭottara-ṣata-śrī-śrīmad*

**Bhakti Rakṣak Śrīdhara
Dev-Goswāmī Mahārāj**



Śrīla Bhakti Sundar Govinda Dev-Goswāmī Mahārāj



Śrīla Bhakti Rakṣak Śrīdhara Dev-Goswāmī Mahārāj



Śrī Chaitanya Sāraswat Maṭh

Evolução Subjetiva da Consciência
foi produzido a partir de conversas
informais gravadas pelos discípulos de Srila
Sridhar Maharaj em seu mosteiro Sri
Chaitanya Saraswat Math, em Navadvip,
Bengala Ocidental.

As conversas foram posteriormente
organizadas e editadas por Sripad Bhakti
Sudhir Goswami e Sripad Bhakti Vidhan
Mahayogi Swami da Guardian of Devotion
Press de San José, Califórnia, EUA.

Índice

- PREFÁCIO, i
1. FOSSILISMO, HIPNOSE E O COSMOS, 15
 2. A CRIAÇÃO, 41
 3. CONSCIÊNCIA E EVOLUÇÃO, 55
 4. O PLANO DO EQUÍVOCO, 69
 5. UM MUNDO DE EXPERIÊNCIAS
FLUTUANTES, 83
 6. TESE, ANTÍTESE E SÍNTESE, 113
 7. O SUPER-SUJEITO, 133
 8. CIÊNCIA VERSUS "NESCIENTIA", 141
 9. EVOLUÇÃO ESPIRITUAL, 155
 10. DEVOÇÃO PURA, 165
 11. O BHAGAVAD-GITA SUBJETIVO, 179
 12. O GAJATRI MANTRAM, 201
- SOBRE O AUTOR, 213

Prefácio

Pensa-se em geral que evolução seja algo objetivo. Entretanto, a evolução objetiva é uma percepção equivocada da realidade. Evolução baseia-se, de fato, na consciência, que é subjetiva. Contudo, para o ignorante, a evolução subjetiva parece ser evolução objetiva.

Devido à ignorância, pensamos que somos sujeitos enquanto que, na realidade, o Senhor é o sujeito e nós somos seus objetos. Pensamos ser proprietários quando, na verdade, somos Sua propriedade.

É dito que tudo ocorre pela vontade dos Vaisṇavas, os devotos do Senhor. Um Vaisṇava é como o empregado fiel que transmite a vontade do patrão. Ele não tem vontade própria – a vontade do puro Vaisṇava é apenas a vontade de Deus.

Por causa da ignorância tentamos tornar Deus nosso servo; mas isso é como usarmos uma Śālagrāma Śilā (Deidade em Forma de Pedra) para quebrarmos nozes. O Senhor não é um objeto... Ele é o vidente, o ator e o conhecedor –o Sujeito Supremo–, mas, tolamente, pensamos que nós é que o somos.

O conceito de evolução subjetiva é explicado no Śrīmad-Bhāgavatam (10.14.22):

**tasmād idaṁ jagad aśeṣam asat-svarūpam svapnābham
asta-dhiṣana puru-duḥkha-duḥkham dukhabodhan**

“Assim como as misérias sofridas durante um sonho são imaginárias, este universo –mesmo não o sendo– parece ser real devido à ilusão criada pelo Senhor.”

Pessoas sem inteligência tomam o sujeito pelo objeto. É ignorância confundir o olho com o vidente ou o cérebro com o sábio. O Śrīmad-Bhāgavatam descreve isso (1.3.31):

**yathā nabhasi meghaugho, reṇur vā pārthivo'nile
evaṁ draṣṭari dṛsyatvam, āropitam abuddhibhiḥ**

“O ignorante iguala o céu às nuvens, o ar com as partículas

de poeira que nele flutuam e pensa que o céu está nublado ou que o ar está sujo.”

Consciência não é um produto do mundo; o mundo é que é um produto da consciência. Este mundo é um reflexo pervertido do mundo espiritual. No mundo material –neste mundo de exploração– como diria Darwin, tudo é uma questão da sobrevivência do mais capaz. Temos que explorar para sobreviver – *jīvo jīvasya jīvanam*. Mas, no mundo espiritual (a terra da dedicação), todos são uma unidade de serviço. Lá, por meio da dedicação, encontraremos uma vida feliz.

Nessa dimensão supra-subjetiva, Śrī Kṛṣṇa ocupa-Se eternamente em Suas brincadeiras divinas com Seus servos mais íntimos. E, à medida que nossa consciência evolui através da dedicação, teremos um papel a desempenhar nos passatempos do Doce Absoluto.

I

Fossilismo Hipnose e o Cosmos

Este capítulo é parte de uma conversa entre Śrīla Śrīdhar Mahārāj, o neuro-fisiologista Dr. Daniel Murphey e o físico-bio-químico Dr. Thoudam Singh.

Dr. Singh: Quando os cientistas falam de evolução, referem-se à vida evoluindo a partir da matéria. Ouvi o senhor falar sobre evolução de um prisma bastante diferente. O Senhor diz que tudo evolui a partir da consciência.

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Sim, primeiro vem a consciência e depois a matéria. A consciência, que é espiritual, é a base de todas as coisas materiais. Consciência pode contatar consciência diretamente. Quando a consciência chega ao estágio da matéria, à concepção material, experimenta um tipo de consciência vaga. Primeiro, a consciência turva-se e, depois, surge a consciência material. Mas tudo tem seu lado espiritual. Como almas eternas, nossa conexão direta existe, de fato, apenas com o aspecto consciente da existência. Por exemplo, a Terra é concebida como sendo uma mulher. Segundo os Vedas, a deidade que preside a Terra é uma mulher. E o Sol é concebido como sendo um *devata*, um deus masculino.

Ao entrar na consciência material, a alma passa através de um reflexo de consciência turva, *chidābhāsa*. Só então a alma pode vir a experimentar a consciência material. Antes de evoluir até a consciência material, a consciência passa por um estágio turvo ou *chidābhāsa*. Assim, por trás de qualquer coisa material, existe uma concepção espiritual. Isto não pode deixar de ser verdade.

Dr. Singh: O que é *chidābhāsa*?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: É algo semelhante à mente. Suponha que a consciência vem para sentir a matéria. Quando a

consciência está vindo ao mundo material para conhecê-lo, primeiro tem de passar pela consciência material e, então, pode vir a sentir o que seja a matéria. Segundo a teoria de Darwin, a matéria produz gradualmente consciência; mas, antes de produzir consciência, teria de produzir algum tipo de consciência turva, a seguir a mente e finalmente a alma. Na realidade, ocorre exatamente o oposto.

Então, a evolução subjetiva assemelha-se à evolução material ou objetiva. Mas, na evolução da consciência o super-sujeito está em primeiro lugar e depois vem a alma individual ou o sujeito-*jīva*. A matéria é produzida seguindo a evolução subjetiva dos *jīvas*. No entanto, a consciência tem de passar por um estágio turvo para chegar a perceber a matéria.

Estou afirmando que o processo de evolução move-se de cima para baixo. A Realidade Absoluta –se aceitarmos que existe algo como o real absoluto– tem de possuir duas qualificações. Quais são? Primeiro, nas palavras de Hegel, essa realidade tem de existir por si mesma: Ela é sua própria causa. Segundo e mais importante para nós, ela existe para si mesma. Existe para satisfazer seu próprio objetivo. Não é subserviente a nenhuma outra entidade, pois, desse modo, sua posição seria secundária. A Realidade, o Absoluto, é pleno em Si mesmo.

Todas as demais coisas surgem d'Ele. A substância perfeita já existe. Aquilo que nos parece ser imperfeito descende de acordo com nossos sentidos defeituosos.

O imperfeito tem que depender do perfeito, quem é a realidade última. E o imperfeito deve ser produzido por Ele desse modo a fim de provar a Sua perfeição. As realidades condicionadas e incondicionadas, finitas e infinitas existem para provar a perfeição do Absoluto. Portanto, este mundo defeituoso tem uma relação indireta com a verdade.

Entretanto, a consciência não pode saltar diretamente para a concepção de matéria; tem de sujeitar-se a um processo a fim de chegar à consciência material. Da posição marginal, na fronteira da potência eterna superior, inicia-se a evolução e a dissolução deste mundo material. Isto ocorre somente nas imediações de *svarūpa-śakti*, que é o sistema responsável pela evolução do plano espiritual e que se constitui num todo dinâmico eternamente evolutivo. Não é que a não-diferenciação seja a origem da diferenciação. Existe uma substância eternamente diferenciada. Esse plano está repleto de *līlā*, ou dos passatempos dinâmicos. Se podemos conceber que algo estático seja eterno, por que então não se poderia conceber como eterno algo que seja dinâmico? Esse plano de *svarūpa-śakti* é plenamente evolu-

ído internamente. É eterno. Evolução e dissolução dizem respeito somente à degradação do espírito sutil até à plataforma material e sua evolução rumo à perfeição. Aqui, encontramos evolução e dissolução; mas, estas coisas não existem na morada eterna de *svarūpa-śakti*.

Dr. Singh: A evolução objetiva é o que os cientistas modernos chamam de evolução Darwiniana. Como a evolução subjetiva chega à ciência da consciência de Kṛṣṇa?

Śrila Śridhar Mahārāj: Você deve tomar o exemplo da hipnose. Através de uma forma mística de hipnose, o super-sujeito controla o sujeito, fazendo-o ver algo em particular. O sujeito, então, não pode deixar de ver esse algo em particular. Poderíamos pensar que, ao vermos uma pedra, é a pedra que nos está compelindo a vê-la como pedra, mas ocorre o oposto: somos compelidos a vê-la desse modo por estarmos sob a influência do super-sujeito que exhibe tudo do modo que Lhe apraz. Quando Ele ordena: “Veja pedra”, teremos de ver pedra. O controle sobre o que vemos encontra-se em Suas mãos. Nenhum poder de controle sobre o que vemos repousa no mundo objetivo. O mundo objetivo é totalmente controlado pelo subjetivo. Isso é confirmado no Bhagavad-gītā, onde Kṛṣṇa diz, *paśya me yogam aiśvaryam*: “Se eu digo, 'Contempla meu poder místico' você é

obrigado a vê-lo. Você não tem outra escolha.”

Kṛṣṇa diz, *mattaḥ smṛtir jñānam apohanam cha*. Ele é a causa primordial da lembrança, do esquecimento e da inteligência. Ele é o controlador. Ele pode fazer qualquer coisa para Seu próprio prazer, Seu *līlā*. Isto não só é verdade no mundo material como também em Seu próprio domínio. Esta afirmativa do Gītā diz respeito a este *brahmānda*, este mundo material. A essência desta afirmativa é que, desde os sistemas planetários inferiores até os superiores –toda esta região de evolução e dissolução–, tudo é manipulado por Ele. Nenhum crédito pode ser dado a nada externo. Todo crédito deve ir ao centro que possui controle pleno.

E a realidade é subjetiva; baseia-se na consciência. Percebe-se a cor através dos olhos. Não é que a cor está aí e os olhos podem capturá-la. Mas o observador vê através dos olhos e percebe a cor. Então, cor é uma percepção. Sua posição como substância mesma deveria ser rastreada até o plano sutil da existência. Esta é a natureza da realidade: o grosseiro está surgindo do sutil. É claro que na filosofia Sāṅkhya isso é descrito como algo tripartido. De acordo com a filosofia Sāṅkhya há três ramificações da realidade: o poder de sentir, os sentidos e os objetos dos sentidos. O som é criado pelo ouvido. A cor é

produzida pelos olhos, e assim por diante.

Os objetos dos sentidos estão situados no modo da ignorância, *tama-guna*; os instrumentos sensoriais estão no modo da paixão, *rāja-guna*, e o poder de sensação está no modo da bondade, *sattva-guna*. Destes procedem a luz, o olho e a cor; o éter, o ouvido e o som. Desta forma a realidade mundana ramifica-se em três: *tamo*, *raja* e *sattva*. Então, o mundo grosseiro vem do sutil através do canal da consciência. O sensor, o instrumento de percepção, está criando o objeto de sua percepção.

Tente compreender este princípio de hipnose. A coisa toda é hipnose –toda esta Criação– e encontra-se totalmente nas mãos do Sujeito Supremo. Todas as leis materiais não têm nenhum significado; todas as leis e sub-leis são pertinentes ao mundo subjetivo.

Dr. Murphey: Mas como perceber esse tipo de hipnose?

Śrīla Śrīdhar Mahārāj: Como podemos saber de antemão que, no laboratório, ao combinar hidrogênio com oxigênio –dois gases– produziremos água? Somente quando chegamos a um estágio particular de conhecimento científico é que podemos saber que algo mais sutil como o gás pode produzir uma coisa material tangível como água. Desta forma, quando você chega a ter uma idéia da substância superior, você se torna

capaz de compreender como o denso se origina do sutil.

Este mundo relativo é um reflexo pervertido da realidade absoluta. Coisas altamente qualificadas devem ser postas na posição de importância causal. Não é que algo inferior pode produzir algo superior; mas é fácil que algo superior produza algo inferior. Isso não é difícil de entender.

A posição científica moderna está basicamente afirmando que a pedra pode produzir alma. Mas, por que não considerar que a alma é que pode produzir pedra? Temos de inquirir sobre esse processo de como a alma pode produzir pedra. No entanto, descartamos essa possibilidade e, ao invés, dizemos que a pedra está gradualmente na alma. Tendemos muito a investigar nessa linha. Por quê? O sutil deveria receber mais importância que o grosseiro. Por que haveríamos de pensar que o homem criou Deus e não que Deus criou o homem?

Dr. Singh: Então Deus é o mágico e nós somos seus sujeitos?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Ele não somente é um mágico, mas é um super-mágico. Ele não é meramente o tipo de mágico que está dentro de nosso campo de experiência.

Dr. Murphey: Qual é o papel de Yogamāyā, a potência interna do Senhor?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Ela se encontra na companhia

eterna de Kṛṣṇa. Em nossa concepção da divindade, *puruṣa/ prakṛti* –o masculino/feminino– coexistem. Potente e potência, substância e potência, estão inconcebivelmente interligados. Ao contrário, se concebemos que a Alma Suprema existe independente de qualquer potência, estamos dentro da concepção *brahman* de Śaṅkarācharya: a suprema consciência como uma unidade sem-diferenciação. Então, a Verdade Absoluta inclui tanto o potente quanto a potência –*puruṣa/ prakṛti*– consciência com energia.

De fato, existem três elementos a detectar na divindade: *jñāna, bala* e *kriyā*. O aspecto eterno do todo absoluto divide-se em três: energia, consciência e êxtase; pensar, sentir e desejar; *sat, chit* e *ānanda*. *Sat*, a potência que mantém a existência, é a potência de Baladeva, *bala*. *Chit*, o aspecto consciência, é Vāsudeva, *jñāna*. E *ānanda* –os sentimentos de êxtase– é Rādhika, *kriyā*. *Jñāna, bala* e *kriyā*, conhecimento, força e sentimento. *Sandhīnī, saṁvīt, hlādinī*, existência, realização, êxtase, e Baladeva, Kṛṣṇa, Rādhārānī. Essas são as três fases de *advaya-jñāna*, ou do todo-uno. Pode-se pensar no todo-uno, em seu estado de evolução primária, de três maneiras: consciência principal, energia principal e satisfação principal. Deve conceber-se essa realidade última em três fases. Aí estão elas:

jñāna, bala, kriyā cha. Pensar, sentir, desejar. *Sat, chit, ānanda*. *Satyam, śivam, sundaram*; eternidade, auspiciosidade, beleza. E esses três princípios manifestam-se através da evolução e dissolução no eterno e no não-eterno.

Esses aspectos do teísmo foram tratados de forma muito científica no livro *Śrī Kṛṣṇa Saṁhitā* de Bhaktivinod Ṭhākura.

Certa vez, eu analisava a questão dos planetas na cosmologia védica deste ponto de vista. Nós vemos que, pelo movimento de diferentes planetas, se produz um eclipse solar fazendo com que a sombra da Lua caia sobre a Terra. Mas, nas Escrituras foi descrito que, durante um eclipse, o planeta Rāhu está devorando o Sol ou a Lua. Quando Śrīla Bhaktisiddhānta Sarasvatī Ṭhākura estava em Purī, em seus últimos dias neste mundo, houve um eclipse. Certo devoto, que supostamente conhecia o *siddhānta* –a conclusão dos Vedas– sentou-se perto de Prabhupāda e ficou ridicularizando a idéia apresentada no Bhāgavatam de que, durante um eclipse solar ou lunar, Rāhu devora o Sol ou a Lua.

Eu não fui capaz de tolerar tal afirmativa em relação ao Bhāgavatam e argumentei que, o que o Śrīmad-Bhāgavatam afirma, não deve ser visto superficialmente. Eu apresentei o que me pareceu ser um argumento de longo alcance. Eu disse que,

em seu livro Jaiva Dharma, Bhaktivinod Ṭhākura criou muitos personagens, mas eu penso que eles não são imaginários. O que ele escreveu pode ter ocorrido em outro milênio, *kalpa*, ou dia de Brahmā, e só agora veio à tona. Desta forma, continuei a apoiar a posição cosmológica do Bhāgavatam argumentando que, aquilo que é necessário para provar a realidade também tem de ter uma posição real. Não pode deixar de ser assim. Eu continuei a argumentar dessa forma e Prabhupāda me apoiou.

Tentando compreender a posição do planeta Rāhu, vemos que o que Śukadeva e Vyāsadeva disseram é geograficamente impossível. Mas, as suas afirmativas estão ali, no Śrīmad-Bhāgavatam, e não devemos aceitar levemente o significado literal das escrituras. Considerando a importância do significado literal das escrituras, Bhaktivedānta Swāmī Mahārāj apresentou o Bhagavad-gītā Como Ele É. Eu pensei, “Como vou provar o que o Bhāgavatam diz? Não sei. Mas, o que é dito no Śrīmad-Bhāgavatam tem de ser verdade. Tenho fé nisso.”

Há tantas afirmativas nas escrituras sobre a cosmologia do universo. Os arianos, os homens espiritualmente desenvolvidos da antiguidade, costumavam ver tudo feito de consciência. Eles viram que a sombra também era consciente. A sombra, *ābhasa*, é também considerada como sendo um estado de consciência.

É somente através desse estado sombrio de consciência que chegamos à concepção material de uma coisa. Antes de chegar à concepção de sombra, devemos passar por um estado mental. Nesse estado mental, podemos adicionar personalidade. A personificação da sombra pode ser chamada de “Rāhu”.

A alma aproxima-se da matéria –do mundo material– mas, antes disso, precisa atravessar um estado de consciência sombrio, conhecido como *chidābhāsa*. A consciência atravessa um nível de consciência sombria até a matéria, a não-consciência. E esse estágio de consciência sombria tem sua personalidade, que também é consciente e pode ser conhecida como “Rāhu”.

Qualquer concepção material pressupõe uma concepção espiritual dessa coisa em particular. A sombra, através da qual a consciência tem de passar para poder perceber as coisas como materiais, tem personalidade. No Bhāgavatam, os ṛṣis, os videntes da verdade, dirigem-se a ela como Rāhu. Por serem altamente desenvolvidos, detectam em toda parte o aspecto pessoal da existência. O que percebemos como matéria morta eles percebem como sendo consciente. Portanto, eles sempre adotam a perspectiva pessoal.

Ao vir experimentar qualquer concepção material, a alma terá de atravessar um meio que influencie sua consciência,

fazendo-a ver as coisas como sendo materiais. O que é matéria concreta é desconhecido. É um mero efeito de consciência. Assim como tem de haver uma origem consciente para tudo o que é material –ou uma origem na consciência pessoal–, da mesma forma, tem de haver uma concepção pessoal do Sol, da Lua, da Terra e de todos os planetas. Antes de alcançar a concepção de sombra, ou de qualquer outro objeto, a alma tem de atravessar um estado de consciência. Esse estado tem uma certa existência espiritual como pessoa. Portanto, o Bhāgavatam refere-se ao Sol, à Lua e ao planeta Rāhu como pessoas. A Terra, a Lua, as estrelas, os planetas, tudo tem uma concepção pessoal. Por trás do que percebemos com nossos sentidos grosseiros, ou de tudo o que é dito como sendo matéria, tem de haver uma concepção pessoal. Sem ser influenciada por uma concepção pessoal, a consciência não pode chegar ao plano da matéria grosseira.

Portanto, nas escrituras antigas, vemos que os grandes sábios e ṛṣis dirigem-se sempre a tudo que existe neste mundo como a uma pessoa. Ainda que, para nós, pareça ser matéria morta, eles a consideram pessoa. Por quê? A matéria é, até certo ponto, a sombra da entidade pessoal. A entidade consciente, pessoal, é mais real, e a matéria que percebemos através de uma

consciência diminuída é menos real.

Dr. Murphey: Então, esta sombra aqui, por exemplo, é Rāhu?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Quando concebemos uma representação pessoal dessa sombra, ela será conhecida como Rāhu. Tudo é consciente. A sombra, seu efeito –tudo. Quando a Lua está entre o Sol e a Terra, a sua sombra chega até aqui e o que está vindo também é consciente. Tudo é inicialmente consciente –então surge a matéria. A partir da concepção pessoal, as coisas evoluem até a consciência grosseira. Tudo é pessoal. Então, os ṛṣīs, tendo tal visão da realidade, costumavam dirigir-se a tudo como sendo pessoa: as árvores, as montanhas, o Sol, a Lua e o Oceano. Quando a consciência pura vem para experimentar a matéria pura, tem de haver inicialmente um estágio misto que é uma pessoa sofrendo do *karma* –pessoa no sentido de não estar no momento plenamente desenvolvida espiritualmente, mas numa condição mista. Então, o que os ṛṣīs estão dizendo –que tudo é pessoa– é real; não se trata de uma especulação.

Tudo é consciência. Assim como os cientistas da atualidade dizem que tudo é matéria, temos razões verdadeiras para pensar que tudo –não importa o que você veja– é consciente. Podemos

sentir diretamente aquilo que faz parte de nossa natureza. E isso é consciência. Nossa consciência pode se encontrar em uma posição degradada ou desenvolvida, mas a consciência está próxima de nós. Sentimos somente nossa energia mental.

Dr. Murphey: Isso é um pouco difícil de compreender totalmente. Quando vemos uma cor, o que estamos de fato vendo?

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Realidade –isso existe na alma. Somente a alma é real. O observador é realidade. O sujeito é real. E o que quer que o sujeito sinta também emana do sujeito.

Dr. Singh: Mas os objetos que o sujeito percebe também são pessoas? Quando estamos vendo a cor vermelha, neste momento, o vermelho é também uma personalidade?

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Tudo tem sua representação na realidade espiritual, consciente e pessoal. De outra maneira, não haveria possibilidade de se refletir neste plano como matéria. Primeiro, há consciência e, depois, situando-se numa condição mais grosseira, esta parece ser matéria. No estudo da Ontologia, aprende-se que, ao estudar qualquer coisa, ainda que possamos saber que ela possui certos atributos para o olho e que se mostra de certa maneira para o ouvido, esses atributos são apenas aparências. Afora as aparências, o aspecto ontológico de

uma coisa –aquilo que ela é, a sua realidade–, é desconhecida e incognoscível. Minha alegação é de que, para que a consciência possa sentir a matéria não-consciente, terá de atravessar por uma área consciente para encontrar o objeto material. Então, a percepção total dessa coisa material não pode deixar de ser consciente e consciência sempre indica pessoa. Primeiro, existe a concepção, depois a idéia material.

O mundo consciente é muito próximo e o mundo material é muito distante. Portanto, os ṛṣīs, cujo pensar é altamente desenvolvido, dirigem-se a tudo que encontram no meio ambiente como se fossem pessoas. Nos Vedas, a antiga literatura escritural da Índia, encontramos que os santos e sábios estão sempre em meio a tantas pessoas. Ao fundo, tudo é pessoa.

Dr. Murphey: E pessoa significa pensar, sentir e desejar.

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Pensar, sentir e desejar –uma entidade vivente em três fases. O mesmo ocorre com Deus e sua potência. Primeiro encontra-se o sujeito existindo e, a seguir, vêm suas experiências. E, as experiências de caráter mais sutil, recebem maior importância. Quando o sujeito vem até a região mais distante para conceber a matéria, esse será o ponto em que se encontra mais distante de si próprio. Ele se dirigirá a tudo que o rodeia com concepções pessoais.

Uma concepção pessoal não pode deixar de reafirmar que a matéria está distante. A consciência tem conexão direta mas com a sombra, com o reflexo da matéria no mundo consciente. Só a alma pode compreender isso. Se a matéria pode existir independentemente, então, ela também tem uma sombra no mundo consciente. E a alma está conectada a essa sombra.

Em outras palavras, existe a pessoa e logo o corpo. Assim como o corpo é o efeito posterior do agente vivente consciente, também a matéria é o efeito posterior do espírito. Não apenas toda consciência material, mas tudo o que está em contato com a alma é pessoal. *Chidābhāsa* é algo como uma substância mental que possuímos internamente.

Há dois tipos de pessoas, *kṣara* e *akṣara*: a alma pura liberada e a que está lutando na matéria. Podemos encontrar pessoas liberadas e não-liberadas no mundo das transações materiais – entidades móveis ou imóveis, ou que tenham qualquer outra posição. Ainda assim, todas devem ser vistas como pessoas. Desde que tudo é uma unidade de consciência, tudo tem uma existência pessoal.

Dr. Murphey: Externamente, vemos o rio Ganges como água, mas, na realidade, ele é uma pessoa.

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Tudo é pessoa. Antes de chegarmos

à concepção material, temos de passar pela concepção ou aspecto pessoal da coisa. Em Vṛṇḍāvan, tudo é consciente. Mas algumas coisas posam como se fossem passivas, ainda que todas são conscientes. O rio Yamunā, as vacas, as árvores, as frutas, tudo é consciente, espiritual, mas posa em forma distinta. Os arianos eram capazes de detectar a característica pessoal de tudo e viram a natureza inteira sendo consciente e pessoal e a tudo se dirigiram como se fosse consciente.

Consciência e personalidade são as bases universais da realidade. O que quer que experimentemos é consciente. O reflexo de um objeto material situa-se dentro de mim e o plano dentro de mim é consciente. O sujeito é consciência e qualquer coisa que o objeto seja, projeta seu reflexo no plano da consciência. O observador de qualquer realidade objetiva está envolvido somente com consciência, do começo ao fim, e não pode ter nenhuma concepção da matéria à parte da consciência.

Dr. Murphey: Como podemos diferenciar consciência de mente?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: No Bhagavad-gītā, é sugerido o caminho da diferenciação entre consciência e mente: *indriyāṇi parāṇi āhur*. O que é *ātmā*, a alma, a concepção espiritual? Nós viemos à concepção do mundo por um processo particular. Pelo

processo de eliminação podemos detectar o que é a mente. É dito que as bases da mente são aceitação e rejeição: *saṅkalpa-vikalpa*, “Eu quero isto. Eu não quero isto”. O que é a mente? A mente é algo contendo apatia e simpatia pelo mundo externo. Temos de detectar em nós o que é essa coisa. Existe dentro de nós. É preciso entrar em seu próprio ser e tentar obter uma experiência pessoal do que seja a mente. Então, pela análise interna, pode-se tentar entrar em contato direto com a faculdade de julgamento, razão e inteligência, perguntando-se: “O que é a inteligência? Onde está dentro de mim?” Devemos tentar descobri-la e contatá-la diretamente. Devemos nos perguntar: “O que é a mente? Já existe dentro de mim. Mas o que ela é? E o que é a razão dentro de mim? Qual a fonte da mente e da inteligência?” E, passando o estágio da faculdade de decisão: “O que é a alma?” Igual a um iogue, tentamos entrar em contato direto com os elementos que existem dentro de nós. Por que não seríamos ser capazes de detectar exatamente o que eles são, de ver internamente o que são?

Dr. Murphey: Quando nossa fé cresce numa certa direção, como saber que nossas realizações provêm de nosso próprio ser interior, de nossa consciência interior e não da influência do meio ambiente, das circunstâncias que nos cercam?

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: O ser encontra-se num estado dormiente, mas com alguma ajuda externa pode ser desperto, assim como quando se dorme, pode-se despertar pela interferência externa. É algo assim: alguém está adormecido, mas, quando desperta de seu torpor com o auxílio externo, fica novamente cōnscio de si próprio. Uma vez que desperta e retoma sua auto-consciência, sabe imediatamente: “Eu era tal e qual; eu sou tal e qual”. Com a ajuda dos amigos, podemos recobrar nossa riqueza. Da mesma forma, se continuamos a aplicar o processo de *bhakti*, nos tornaremos cada vez mais conscientes de nosso ser e da realidade. Somos a nossa própria garantia.

Dr. Murphey: Eu queria esclarecer um ponto. Em seu sistema de análise Śāṅkhya, Kapila diz que *pradhāna* é “a matéria imanifesta, que é eterna”. O senhor diz que tudo é consciência. *Pradhāna* também seria composta de consciência?

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Sim, matéria é apenas o equívoco que causa toda esta existência material. Mas possui também uma personalidade: a deusa Devī.

O mundo principia num conceito falso. Quando você obtém o conceito correto, você pode ver o *līlā* de Kṛṣṇa por toda parte. Tudo vai entusiasamá-lo a respeito de Vṛndāvan. Ao se

livrar do conceito falso, você não verá o externo.

Um louco tem um cérebro desajustado. Pode ser que esteja entre amigos, mas estará perdido em sua loucura, em sua paranóia. Quando volta à sua posição normal, encontra as mesmas coisas, todos os amigos. Da mesma forma, tudo está certo. É somente a doença, nosso falso conceito, que precisa ser removida.

Dr. Murphey: A doença é nossa falta de consciência de Kṛṣṇa?

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Falta de consciência significa falso conceito, doença. Isso é descrito no Śrīmad-Bhāgavatam: *bhayaṁ dvitīyābhīniveśataḥ śyād* –doença é manter um interesse separado. O desvio de nossa condição espiritual normal –o desenvolvimento do falso conceito– baseia-se no encanto, na perspectiva de um interesse separado. Essa é a causa fundamental de todo equívoco. A concepção de um interesse local, provincial, provocou a diferença entre os conceitos apropriado e equivocado da realidade. Distanciamos-nos da concepção central.

A partir de uma consciência universal, viemos a este plano provincial. E, conforme a gradação da consciência em seu desenvolvimento do provincial ao universal, nos encontramos em tantos diferentes planetas, ou planos de existência: *bhūr*,

bhuvah, svāḥ, jana, mahār, tapa, satya – todos esses diferentes estágios de desenvolvimento e universalismo. Mas, a raiz de toda a existência material é a perda de consciência do centro.

Por outro lado, aquele que é consciente do todo-orgânico fica na posição mais salutar. Isso é ajuste correto e o desajuste causa nossa condição doentia atual. Ajuste é vida; é vida liberada. E ser presa do desajuste é aproximar-se da dor e da miséria. Tudo que existe no meio ambiente está correto. A única dificuldade encontra-se no conceito de um interesse egoísta especial. É nossa aversão ao interesse universal que causa nosso desligamento da concepção do todo, da felicidade e da posição salutar. E a causa disso é o interesse egoísta.

O Autocrata Absoluto é o bem absoluto. Portanto, não há lugar para reclamações contra Ele. Kṛṣṇa diz: *suḥṛdaṁ sarva-bhūtānām*, que Ele é o proprietário de tudo. Em comparação, somos nada. Mas, ainda assim, Ele é nosso amigo. Não deveríamos nos esquecer disso. Estamos representados n'Ele. Nosso desapego d'Ele causa todas as misérias que sofremos. Nós, e muitos como nós, perdemos a fé n'Ele. Mas Ele é nosso amigo. Sentimos ciúmes d'Ele e pensamos, “Eu não sou o mestre? Outro é o mestre –isto é intolerável!” Não há cobrança de impostos sem representação. Mas, nossos interesses estão bem

representados em Kṛṣṇa. Ele se preocupa conosco até mais do que podemos conceber. Por que esquecemos disso?

Se ao menos nos situássemos novamente nessa fé, estaríamos bem. É nossa culpa que estamos sofrendo. Caso contrário, do ponto de vista universal, não há diferenças de visão. *Īśāḍ apetyasya*, viramos as costas a nosso mestre. Mas deveríamos nos lembrar de que Ele é nosso mestre, Ele é nosso bem-querente e nosso guardião. Desvio dessa consciência é miséria infinita. Sua causa é muito sutil e muito diminuta: nossa mentalidade de manter um interesse separado. E o resultado é que fomos capturados pelo campo inimigo. Patañjali disse que nos movemos em direção ao mal de modo inteligente e organizado. Isso não só é algo louco, mas perverso.

Segundo Patañjali, isso é pior que loucura. O que trará alívio a uma alma que se encontra numa condição deplorável? Um louco está de posse de tudo – está apenas fora de si. Sua consciência tem precisa ser ajustada corretamente. Então, ele descobrirá que, “Oh! Está tudo bem! Deixe-me ir de volta ao lar.” Atualmente, sua consciência está de lado. Ele não está no lar. Sua consciência deve ser focada na direção do lar. Esse é o problema.

Nosso Guru Mahārāj costumava dizer: “Não admito nenhum

tipo de escassez neste mundo –somente a escassez de consciência de Kṛṣṇa”, *jagate eka mātra hari-kathā-durvikṣā chāḍ’ a āra kona durvikṣā nāi*. Sempre que se sentisse entusiasmado, costumava usar essa expressão. Ele dizia: “Vão de porta em porta e digam a todos: ‘Kṛṣṇa é o Supremo e vocês são servos de Kṛṣṇa.’ Lembrem a todos disto, de porta em porta. Então, as pessoas descobrirão: ‘Oh, tenho tudo de que preciso! Eu sou Kṛṣṇa-dāsa, um servo de Kṛṣṇa. Preciso me conectar a Kṛṣṇa.’ Esse elo deve ser suprido e, assim, tudo ficará bem. Não há necessidade de mais nada. Não há miséria real exceto a de termos esquecido Kṛṣṇa, nosso Senhor. Esse é o ponto principal que devemos pressionar. Esta é a necessidade universal. Não admito nenhuma necessidade além dessa.”

Neste mundo, há sempre um fogo ardendo. Mas não há necessidade de extingui-lo, pois nada temos a ver com o mundo a ser extinto pelo fogo até às cinzas. Todas as nossas demandas interiores serão supridas somente em conexão com Kṛṣṇa. Tudo o mais é desnecessário; poderá queimar até às cinzas ou ser tragado pela inundação. Não temos nenhuma preocupação real com qualquer dessas coisas. Pelo contrário, esses apegos materiais nos arrastam de volta à coisa errada. E, como resultado, não podemos permitir que nossa mente seja atraída a Kṛṣṇa. As

coisas deste mundo, todos nossos apegos, são negativos; todas estas coisas são nossos inimigos. O universo inteiro poderá ser queimado até as cinzas, mas nós não seremos afetados de forma alguma. O mundo poderá ser devastado –a Terra, o Sol, a Lua, as estrelas– tudo poderá desaparecer, mas ainda assim nós permaneceremos. A alma é eterna. E, se pudermos ter uma conexão com Kṛṣṇa, tudo neste mundo ficará desnecessário para nós e para todos. Por que devemos viver no mundo mortal, erroneamente identificados com carne e sangue? Nós somente “acreditamos” que estamos nascendo e morrendo. Mas trata-se de uma noção falsa.

Tudo é consciente. E, ao realizar isso plenamente, ficaremos fixos no domínio de *svarūpa-śakti*, no mundo espiritual. Lá, as diferentes entidades viventes poderão posar na forma do rio Yamunā, como as águas, como trepadeiras, como árvores, mas todas serão unidades conscientes, apenas posando em diversas maneiras.

Dr. Murphey: É dito que quando Kṛṣṇa vai banhar-Se no Yamunā todas as ondas correm para abraçá-Lo.

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Às vezes, as pedras derretem sentindo a impressão dos pés de lótus de Kṛṣṇa. Tudo é consciente. Também o é no caso de Rāhu, Ketu e outros planetas.

Por toda parte, nas escrituras, encontramos os sábios desenvolvidos espiritualmente falando com a natureza como se estivessem falando com uma pessoa. E isso é real. Mas nossa consciência está desviada na ignorância.

Então, como cientistas, vocês devem esmagar a filosofia do fossilismo. Bhaktivedānta Swāmī Mahārāj ordenou-lhes que adotassem uma posição forte na comunidade científica do Ocidente e esmagassem o fossilismo. Por que deveríamos aceitar o fossilismo? Primeiro, encontra-se a consciência. Esta é a teoria de Berkeley. Não é que a mente esteja no mundo, mas o mundo é que está na mente. Tudo está baseado na consciência. Nada, nenhuma concepção, permanece sem consciência. Então, em última análise, todas as coisas indesejáveis são apenas uma falsificação mental.

2

A CRIAÇÃO

O Mānu-saṁhitā (1.1.5,6) começa descrevendo a criação do seguinte ponto:

**āsīd idam tamo bhūtam, aprajñātam alakṣanam
apratarkyam avijñeyam, prasuptam iva sarvataḥ**

**tataḥ svayambhur bhāgavān, avyaktavyam jayan idam
mahābhutādi vṛtaujaḥ, prādur āsin tamonudaḥ**

Pouco antes de iniciar o movimento criativo, a potência marginal do Senhor se encontrava num estado de equilíbrio. *Taṭastha* significa equilíbrio: *āsīd idam tamo bhūtam*. Tudo se

encontrava na escuridão, plenamente envolvido pela ignorância. *Alakṣanam* quer dizer que não havia a menor possibilidade de qualquer avaliação. Nenhum sintoma de realidade existia que tornasse possível qualquer suposição ou conclusão a respeito da natureza da realidade. E era *aprajñātam*: a ciência não tem possibilidade de investigar a natureza desse estado de existência. Daqui, apenas podemos dizer que estava completamente imersa em sono profundo. A analogia do sono profundo pode nos dar uma idéia desse período: *prasuptam iva sarvataḥ*. A existência material se encontrava como que num sono profundo.

Naquele momento, a partir do interior do plano espiritual, teve início o movimento. E veio a luz. A luz foi vista pelos videntes. Essa luz era pré-existente. Mas, nesse momento, os videntes receberam a visão para ver a luz. Começaram a ver. A primeira concepção deste mundo material depois da luz foi a água. A luz revelou uma substância semelhante à água.

Essa luz primordial compara-se à personalidade. Luz significa consciência e consciência significa personalidade. Essa luz ou personalidade, primeiramente, deu nascimento aos espectadores –aos que percebem a existência material– e, em seguida, a uma substância objetiva que se assemelha a água. Essa água é

conhecida como *virajā*, ou a substância causal. O que no vocabulário Vaisṇava é conhecido como Brahmaloka, o mundo da consciência, é representado pela luz e *virajā*, ou a substância causal, é representada pela água. O mundo consciente é representado pela luz e a primeira realidade objetiva é representada pela água. Então, as sementes de consciência são semeadas nessa água causal, que é a sombra dessa luz. Ainda que o elemento água atual foi criado tempos depois disso, a primeira concepção de matéria é comparada à água por esta ser uma solução móvel e acomodatória. A palavra sânscrita para água –*apa*– significa “de um conceito inferior”. Desta maneira, iniciou-se a criação inferior.

De modo que, na conexão das sementes de consciência com essa água primordial, a produção que se segue é conhecida como *mahat-tattva*: a energia de consciência representada pela luz misturada à matéria como uma massa. *Mahat-tattva* é a massa de matéria infundida pela energia de luz-consciência.

Após passar por um desenvolvimento contínuo, essa entidade foi dividida em muitas unidades de *ahaṅkara*, o elemento do ego. *Mahato ahaṅkara*. Primeiro há o *ahaṅkara*, a massa-ego como um todo. O elemento do ego conglomerado, ou seja, o *ahaṅkara* total –a “mãe” *ahaṅkara*– é chamado de *maha-tattva*.

Prakṛtermahān ahaṅkara pañchatraṇ mahatrāṇi. À medida que a substância objetiva evolui pela influência da consciência, se expressa em cinco ingredientes principais: aquilo que pode ser visto, cheirado, ouvido, degustado e tocado. Estes cinco elementos são os princípios primitivos da existência material.

E esse princípio quártuplo evoluiu em três fases: *sattva*, *rāja* e *tamaḥ*: bondade, paixão e ignorância, expressando-se como éter-som-audição e o ouvido; ar-massa-tato e a pele; fogo-corvisão e os olhos, água-sabor-paladar e a língua; e terra-aroma-olfato e o nariz. Eles formam vinte e quatro elementos. O ser, os três elementos sutis, *prakṛti*, *maha-tattva* e *ahaṅkara*, os cinco elementos grosseiros, os cinco sentidos, os cinco objetos dos sentidos e os cinco instrumentos de percepção sensorial, assim foi descrito o desenvolvimento do mundo material, descendo pelo processo que vai do sutil ao denso, da consciência à matéria. Novamente, quando, pela vontade superior, esta existência material se desfaz, o denso dissolve-se no sutil. Iniciando-se pelo mais denso, o todo da existência material torna-se, gradualmente, cada vez mais sutil até que, por fim, entra na expressão sutil da existência material conhecida como *Prakṛti* – a substância causal aquosa.

Com a dissolução da energia material, o *ātmā*, ou a alma

individual, é absorvida pelo *brahman*, a massa não-diferenciada de consciência. A posição dos vários tipos de energias espirituais foi descrita por Kṛṣṇa no Bhagavad-gītā, 15.16, como se segue:

**dvāv imau puruṣau loke, kṣaraś chākṣara eva cha
kṣaraḥ sarvāṇi bhūtāni, kūṭa-stho 'kṣara uchyate**

**uttamaḥ puruṣas tv anyah, paramātmety udāhṛtaḥ
yo loka-trayaṃ āviśya, bibharty avyaya īśvaraḥ**

“Existem dois tipos de seres: os que são perfeitos e imutáveis, ou seja, infalíveis, e as almas falíveis. As almas falíveis residem no mundo material, e as infalíveis residem no mundo espiritual.” Kṛṣṇa diz: “Eu existo transcendental tanto ao aspecto falível quanto ao infalível da substância espiritual, *kṣara* e *akṣara*. Portanto, Eu sou Puruṣottama, Vāsudeva, Param-brahma, a Suprema Verdade Absoluta. O todo de Minha jurisdição também deve ser considerado existindo em Mim.”

Vaikuṇṭha, Goloka –toda a Criação– está representada pelo nome de Puruṣottama ou Vāsudeva. Então, quando se entra nesse domínio de Vāsudeva, pode-se ver tantas demarcações, estados de realidade, passatempos, lides e atividades trans-

cendentais. Lá, no mundo eterno, encontram-se os seres vivos aperfeiçoados, ocupados em sua vida dedicada.

A concepção geral do mundo espiritual é Vaikuṇṭha, onde encontramos a dedicação calculada. Acima, encontra-se o plano de dedicação espontânea. Essa dimensão é conhecida como Goloka, onde se encontram muitos tipos de passatempos variados. Em Goloka, estão representados plenamente os vários tipos de relacionamento com o Supremo: *śānta*, passivo, *dāśya*, servidão, *sakhya*, amizade, *vātsalya*, paternal e *mādhura*, conjugal. E o humor conjugal pode ser subdividido em *svakīya*, amor matrimonial, e *parakīya*, o relacionamento de amantes. Este, é claro, é um assunto muito elevado. Mesmo assim, precisamos ter uma visão disso, desde que, em última análise, nosso destino está conectado a coisas elevadas que nos foram dadas por Śrī Chaitanya Mahāprabhu e pelos grandes *āchāryas* como Bhaktivinod Thākura e discutidas também nas escrituras como o Śrīmad-Bhāgavatam e o Chaitanya-Charitāmṛta.

O que encontramos em seus ensinamentos sobre Goloka vem a ser nossa perspectiva, nossa aspiração. Desenvolveremos a nós mesmos de acordo com nosso gosto devocional e nosso gosto também pode incrementar ao ouvirmos de uma fonte superior. Nosso espírito seletivo pode ser aperfeiçoado ao

examinarmos idéias diferentes, diversos exemplos da realidade transcendental. E teremos de agir de acordo ao que mais nos atrai, baseados, e muito, em nossa escolha interior.

Pergunta: Qual o papel que as almas individuais desempenham no processo da Criação?

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Eu já descrevi isso. Inicialmente é criado um falso ego conglomerado e geral, o *ahaṅkara*. No *Brahma-Saṁhitā*, isso é denominado *śambhu*, onde se explica de que maneira a alma, como um raio de consciência, mistura-se à energia material. Consciência e *prakṛtī*, o conceito mais primitivo de energia, são categoricamente diferentes. A consciência conglomerada entra em contato com a massa energética e, quando elas se misturam e unem, desenvolve-se um ego geral. Este ego geral dissolve-se gradualmente em inumeráveis egos e a consciência conglomerada distribui-se como unidades individuais de consciência, absorvidas na energia material. Desta forma, as almas condicionadas individuais descem paulatinamente e se enredam dentro do mundo material.

O falso ego conglomerado é conhecido como *mahat-tattva*, que é quando, em seu estado primitivo, as almas individuais encontram-se massificadas como um todo comum. À medida em que evolui, esse todo se diferencia em inúmeras unidades

individuais. Da mesma maneira em que um átomo pode ser subdividido em partículas sub-atômicas –elétrons, prótons, nêutrons e mais–, o ego conglomerado subdivide-se gradualmente em seus egos individuais componentes, ou almas *jīvas*. Sua posição é *taṭastha*, marginal e não-detectável. É desse plano sutil e não-detectável de energia marginal que a consciência primeiro se desenvolve até o plano não-detectável como um todo. Só então, inúmeras unidades espirituais individuais manifestam-se a partir dessa massa de ego, ou *mahat-tattva*. Gradualmente, os outros elementos da Criação desenvolvem-se dentro deste plano negativo da exploração.

Este mundo, às vezes, está avançando e, outras vezes, retraindo-se. O universo inteiro se expande e se contrai tal como o coração que se expande e se contrai continuamente. A evolução e a dissolução do universo material ocorre, reagrupando-se no uno e novamente manifestando-se como muitos. O uno e o diverso –o universo inteiro é manifesto e desfeito igual ao coração que se expande e contrai.

As mesmas características que encontramos na pequena unidade podem ser detectadas nas unidades maiores. Existem também alguns novos elementos categóricos a somar a nosso conhecimento. Desta maneira, aqueles que estão dentro deste

universo podem obter algum conhecimento parcial. Mas a história real pode ser contada por aqueles que são videntes imparciais e que, por serem independentes, situam-se fora do mundo da contração e da expansão. Esta é a verdade revelada que é distribuída em parcelas, levando em conta a capacidade das pessoas e o tempo, o lugar e as circunstâncias.

A verdade revelada encontra-se em diversos graus na Bíblia, no Alcorão, nos Vedas e nas outras escrituras do mundo. É através deste processo que a verdade é parcialmente revelada nas diversas partes do mundo, na proporção do pensamento e capacidade de cada grupo de pessoas em particular. A verdade revelada é confiável, mas ainda assim é modificada para ajustar-se às pessoas a quem se estende.

É por essa razão que encontramos diferenças nas muitas versões da verdade revelada. É dito no Śrīmad-Bhāgavatam que, para tratar o ignorante, para ajudar a classe de homens ignorantes, o remédio pode ser escondido dentro do caramelo das concepções religiosas comuns *parokṣavāda vedo 'yam*.

Ainda assim, a revelação védica é vista pelas autoridades não apenas como a mais antiga mas também como a mais perfeita de todas as versões da verdade revelada. A verdade revelada tal como é apresentada no Śrīmad-Bhāgavatam e por

Śrī Chaitanya Mahāprabhu deve ser considerada como sendo o teísmo pleno. Eles mencionam que, para além deste mundo criado, repousa o mundo eternamente dançante. Aqui, caímos na armadilha de um mundo de contração e expansão, enquanto que na dimensão espiritual tudo compõe uma dança eterna e bem-aventurada. Contudo, até mesmo essa realidade é inferior ou superior, segundo a natureza do *rasa* –o humor transcendental– e *ānandam*, o êxtase –que é a substância desejada por cada unidade consciente.

Pergunta: Os passatempos de Kṛṣṇa são eternos. Quando Kṛṣṇa encerra um passatempo neste universo, Seu passatempo começa em outro. No momento da aniquilação final, quando todos os universos se retraem, como continuam os passatempos de Kṛṣṇa?

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Quando o universo é destruído no *mahāpralaya* –a aniquilação total de todas as estrelas e planetas– este lado é quase zerado; alcança o equilíbrio. Mas o mundo espiritual está sempre em plena oscilação. Os passatempos de Kṛṣṇa não correm perigo porque possuem um aspecto eterno.

Pergunta: Mas o que ocorre ao *līlā* de Kṛṣṇa aqui na Terra?

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Suponha que frutos caem de uma árvore. O fruto gradualmente se acaba, mas a árvore continua.

É algo assim: este mundo material pode tornar-se zero, mas os passatempos de Kṛṣṇa continuam eternamente.

Pergunta: Qual a diferença entre Goloka, o lugar dos passatempos de Kṛṣṇa no mundo transcendental, e Gokula, a morada de prazer de Kṛṣṇa neste plano terreno?

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Gokula Vṛndāvan existe eternamente, mas, às vezes, os olhos para vê-la é que não estão presentes. Gokula existe no mundo ideal e prolonga-se até aqui.

O que vemos, vemos a partir de nossas diferentes posições de existência. Mas Gokula está lá, sempre. Se você não tem olhos para ver algo, tal coisa não pode ser vista. Se você não tem mãos para tocá-la, não pode ser tocada. Acontece o mesmo com Gokula: ela se encontra em um plano tal que os diferentes processos externos, que exercem controle sobre a energia material, não podem tocar o ideal refinado de existência em Gokula.

Se a Terra desaparece, isso não significa que todo o sistema solar desaparece. O sistema solar pode permanecer, mas os homens da Terra não mais podem vê-lo. Sua influência sobre a Terra não mais pode ser sentida. De forma similar, Gokula existe em outro plano. Existe no plano mais refinado da realidade. Situa-se além da criação, além da dissolução e da evolução. Essa energia tão sutil pode ser compreendida em analogia ao éter. Se a

Terra é destruída, o éter pode não o ser. O éter existe tanto dentro quanto fora da Terra. Com a dissolução da Terra, o éter poderá não se dissolver, mas continuar a existir. A posição de Gokula é semelhante. Śrīmad-Bhāgavatam (2.9.35) confirma isso:

**yathā mahānti bhūtāni, bhūteṣuchchāvacheṣv anu
praviṣṭāny apraviṣṭāni, tathā tesu na teṣv aham**

“Ó Brahmā, saiba que os elementos universais entram no cosmos e, ao mesmo tempo, não entram no cosmos. Similarmente, Eu também existo dentro de tudo e, ao mesmo tempo, permaneço fora de tudo.”

A posição de Kṛṣṇa é semelhante: Ele está e não está lá. No Bhagavad-gītā (9.4,5), Ele diz a Arjuna:

**mayā tatam idaṁ sarvaṁ, jagad avykta-mūrtinā
mat-sthāni sarva-bhūtāni, na chāham teṣv avasthitah**

**na cha mat-sthāni bhūtāni, pasya me yogam aiśvaram
bhūta-bhṛn na cha bhūta-stho, mamātmā bhūta-bhāvanah**

“Eu estou em toda parte e em nenhum lugar. Tudo está em

Mim e ainda assim nada está em Mim. Em Minha forma imanifesta, impregno este universo inteiro. Contemple Minha opulência mística, Minha simultânea unidade e diferença! Ainda que sou o mantenedor de todas as entidades vivas e que Me encontro em toda parte, não estou implicado em nada disso, pois sou a fonte mesma da Criação.”

Precisamos compreender a relação que existe entre a causa e o efeito. Causa e efeito são de tipos diferentes. Até mesmo a causa interna e a causa externa podem manter posições diferentes. O corpo pode ser perturbado, mas a mente não. A mente pode ser perturbada e a alma não. Através desse raciocínio, podemos vir a entender as diferenças entre causa e efeito, sutil e denso, matéria e espírito.

3

Consciência e Evolução

P*rakṛti*, a natureza material, não cria consciência como afirma a teoria do fossilismo. Mas, por outro lado, ambas se encontram dentro da consciência. A alma não precisa se movimentar por aqui. Neste plano de desfrute, a alma fica inativa, indiferente e passiva. Esta é outra concepção original. A alma não se manifesta no lado negativo; permanece ao fundo. *Prakṛti*, ou a energia material –o corpo– trabalha em seu benefício.

O relacionamento entre a alma e o corpo é como o relacionamento entre um menor e seus falsos guardiões. É o que ocorre quando o proprietário dos bens é menor de idade e os adminis-

tradores aproveitam-se de sua juventude para pilhar e desfrutar dos bens. A alma *baddha-jīva* encontra-se na posição do menor. A alma não pode controlar estes gerentes revoltosos, que são os cinco sentidos. Ela precisa apenas do contato com uma alma superior. Auxiliada e guiada pela alma superior, ela pode então subjugar seus gerentes, ser mestre de suas propriedades. A posição de uma alma caída é como a de um menor proprietário. Ela está desamparada. Ela não faz nada: são seus administradores que fazem tudo, fazendo uso dos recursos dela. Eles estão fazendo tudo em nome da proprietária. A alma está inativa, não-cooperante, mas o corpo, a mente, a inteligência e o falso ego trabalham como se fosse a favor da alma, do ego real, como se ela estivesse a seu favor. Mas, se seu real interesse interno for ativado por uma alma superior que esteja conectada ao Paramatma e a Bhagavan, então a alma encontrará seu próprio campo por lá. A alma controlará seus sentidos e mente e os utilizará no serviço ao Senhor. Ela dirá: “Tudo é para Kṛṣṇa e não para mim.”

Desse modo, Kṛṣṇa diz: *sarva-dharmān parityajya mām ekaṁ śaranam vraja*: “Abandone todos os deveres e venha a Mim. Abandone todos seus deveres atuais, sejam bons ou maus, o que quer que possa conceber de sua posição atual, e venha direto a Mim. Eu sou tudo para você.”

Isso é consciência de Kṛṣṇa. Kṛṣṇa está dizendo: “Você pertence a Mim, é Minha propriedade. Assim como você pode dizer que é o mestre de qualquer propriedade, você é Minha propriedade, Meu escravo.”

Essa é a verdade e, ao aceitá-la, viveremos em um plano superior. Seremos beneficiados. Alcançaremos nossa posição normal. No presente, situados numa posição anormal, estamos sofrendo ao pensar que: “Eu sou o mestre, o monarca de tudo que observo”. Mas, se quisermos progredir no serviço devocional, esse ego será nosso pior inimigo.

E o serviço a Kṛṣṇa é de variados tipos. Existe o serviço em geral. Depois, há serviços de um tipo particular: *śānta*, *dāsyā*, *sakhya*, *vātsalya*, *mādhura*. E, depois, há divisões, também, de acordo à devoção ser espontânea ou calculada. Desta forma, existe hierarquia no desenvolvimento da condição devocional.

O desenvolvimento superior é *ujjvala-rasa*. *Ujjvala-rasa* significa “super-refinada, a mais brilhante, que ultrapassa tudo” —onde encontramos Kṛṣṇa como cōnjuge, sem nenhuma consideração por qualquer lei; o cōnjuge autocrata. E essa natureza e comportamentos particulares são descritos no livro *Ujjvala-Nilāmaṇi* de Rūpa Goswāmī.

O primeiro estágio da devoção é dado no *Bhakti-rasāmṛta-*

sindhu. Neste livro, Rūpa Goswāmī nos conduz de uma vida religiosa civilizada mais básica e comum aos diversos tipos de relações devocionais: *śanta*, *dāsyā*, *sakhya*, *vātsalya* e *mādhura-rasa*. Mas, os detalhes de *mādhura-rasa*, o mais elevado relacionamento com Kṛṣṇa, foram descritos por Rūpa Goswāmī no Ujjvala-Nilāmaṇi. Nilāmaṇi, Kṛṣṇa, em seu brilho superior: *ujjvala*. Nilāmaṇi como cōnjuge. E quais são as características de Kṛṣṇa? Como Ele brinca com Sua parafernália na *mādhura-rasa*? Isso foi descrito detalhadamente no Ujjvala-nilāmaṇi.

Até os maiores eruditos, literatos, emudecem ao ver como o amor divino foi analisado de modo tão refinado e elaborado nesse livro de Rūpa Goswāmī. Pontos sutis foram analisados, organizados e distribuídos pelo livro. E os grandes eruditos ficam atônitos quando se encontram diante de tais afirmativas. Como o Bhāgavatam diz, *muhyanti yah sūrayaḥ*. Na sua introdução, o Bhāgavatam oferece este aviso, esta advertência, aos eruditos: “Todos ficarão atônitos ao tentar vir para este plano. Sua erudição não lhes permitirá florescer aqui.” A natureza daquele plano é tão misteriosa que mesmo os maiores eruditos não serão considerados qualificados para entrar lá.

Só as almas entregues podem compreender e sentir estes pontos sutis da devoção. Os forasteiros, que permanecem inqui-

ridores objetivos e pesquisadores, não obtêm ingresso aqui. Este é o domínio subjetivo superior, o domínio super-subjetivo. Este plano fica acima até mesmo do plano da alma.

E, para compreendermos isso, primeiro temos de inquirir a respeito da alma. Primeiro está a mente, *manah*. Logo, vem a inteligência, *buddhi*, e, depois, a alma, *ātmā*. A alma é sempre verdejante: nunca murcha. A alma é eterna, constante. É dito nos Upaniṣads e no Gītā que, se pudermos contatar a alma uma vez, ocorrerá uma mudança radical em nossa vida. Nessa hora, ficaremos estarecidos ao perceber que, “Oh, há algo tão altamente qualificado aqui, dentro de mim! Por ignorância, considerava este corpo perecível e esta mente hesitante como meu verdadeiro eu. Mas, os sentidos e a mente materiais são transgressores, tendem a ser inimigos em relação a meu verdadeiro ser. Eu sou a alma. Eu não tenho necessidade de todas estas coisas. Posso viver sem todas estas coisas materiais desnecessárias! A alma não precisa do alimento proveniente da jurisdição deste plano material. A alma é independente. Quão maravilhosa é a minha existência! Na realidade, eu sou alma e a natureza da alma é tão nobre, tão elevada, tão boa”.

Neste ponto, surge uma mudança diametral de consciência e tenta-se entrar nesse domínio superior. O que precisamos é da

realidade espiritual. Somos almas e independemos da matéria. Somos feitos de uma tal existência transcendental que nada pode ameaçar a existência da alma, nem bombas atômicas, guerra nuclear, raios, trovões ou terremotos.

Todos os aborrecimentos deste mundo material estão limitados a este corpo, que é uma carcaça estrangeira, uma representação inventada de meu verdadeiro ser. Meu verdadeiro ser existe no plano espiritual, em um nível superior. Se pudermos realmente obter um vislumbre dessa realização, de nossa própria identidade, se pudermos sentir internamente que a alma independe da matéria, então terá lugar uma mudança radical em nossa mente.

Desta forma, a nossa tentativa de progredir na vida espiritual passa a ser bastante genuína. De outro modo, o nosso progresso é suspeito, duvidoso. Nós o agarramos intelectualmente e pensamos, “Sim, deixe-me tentar. Estou ouvindo; é claro que tenho uma boa perspectiva na vida espiritual. Graças à minha inteligência, posso acompanhar até certo ponto. Deixe-me tentar!” Mas, progresso no plano intelectual é apenas um progresso hesitante.

Entretanto, ao alcançarmos o plano da própria alma, encontramos o próprio ser e realizamos que, “Aqui estou Eu!” Nesse

momento, todos os falsos conceitos mantidos por tanto tempo desvanecem como num sonho. Todos terminam e pensamos: “Devo iniciar uma nova vida”. E uma nova perspectiva surge para produzir o progresso no plano superior.

A alma está próxima. Se pudermos eliminar os elementos materiais, poderemos tentar descobrir o que é a alma. Este é o progresso dos Upaniṣads que é mencionado no Bhagavad-gītā: *indriyāṇi parāṇy āhuḥ* (3.42). Primeiro, precisamos entender que nossos sentidos são primários. “Se meus sentidos forem removidos, o mundo inteiro de minha experiência passa a ser nada para mim. Somente através de meus sentidos é que posso ser consciente da existência do mundo externo. Subtraindo os sentidos –os olhos, os ouvidos, etc.– nenhum mundo é palpável para mim”.

Então, acima dos sentidos, encontra-se a mente. E o que é a mente? A mente lida com a aceitação e a rejeição: *sankalpa-vikalpa*. Em outras palavras, a mente pensa: “Eu quero isto, eu não quero aquilo”. Lida com o apego e a aversão. A mente determina quem é inimigo e quem é amigo, isto é meu, aquilo é seu. Se desejamos entender a mente, precisamos olhar para dentro, precisamos inquirir internamente: o que é esse elemento em mim que busca por amigos e evita inimigos? Onde

está ele? Às vezes, a mente é palpável; outras vezes, se oculta. Preciso descobrir onde a mente existe; de que substância se compõe. Através da análise, posso vir a compreender qual dos aspectos de meu ser interno é a mente.

Então, tendo alguma idéia do que seja a mente, posso passar para a análise dessa parte de mim que lida com a razão: a inteligência. Onde está a inteligência?

Quando a mente exige algo, a inteligência diz: “Não pegue isso, não coma aquilo.” Através da introspecção, eu posso olhar para dentro e descobrir qual é em mim o princípio que raciocina? Onde está essa coisa sutil? Qual é sua natureza, sua substância e sua existência? Em nossa introspecção, devemos tentar descobri-la substancialmente. Se isso se torna possível, então, o próximo passo nos levará à alma.

O que é essa alma que torna possível a inteligência, a razão por meio da qual agimos, que faz com que a mente deseje e que também concede aos sentidos o poder de conectar-se com as coisas? O que é essa centelha de conhecimento? Onde está essa alma dentro de mim? Que posição mantém? Quero vê-la face a face. Ao fazer isso, tornamo-nos capazes de dissipar, como um raio, todos os falsos conceitos de corpo e mente. Ao descobrir a alma por meio da introspecção, seremos capazes de experimen-

tar o toque lampejante da compreensão.

Nesse momento, o mundo inteiro assumirá um sentido diametralmente oposto e poderemos ver as coisas de modo diferente: “Oh, esta vida material é indesejável! Estes sentidos são inimigos fantasiados de amigos. Se eu os enfrento agora, eles dizem que posso manter uma amizade honrada com eles e que, sem eles, não posso viver. Mas é tudo uma fraude.”

A partir da compreensão da alma, do ponto de vista desse maravilhoso conhecimento, podemos chegar a perceber o oceano de conhecimento. Começamos a ver o que existe na região subjetiva e ansiamos obter os meios que nos permitirão conseguir uma conexão com esse domínio divino. Nesse instante, será transmitida a própria tendência inata de nossa vida. Haverá uma mudança total em nós, no padrão de nossa perspectiva de vida, e nossa busca ganhará forma concreta na devoção.

Dessa forma, precisamos iniciar nossa busca pela esfera superior e o meio de entrar lá.

É o oposto deste plano da exploração. No livro O Paraíso Perdido de Milton, Satan diz: “É melhor reinar no Inferno do que servir no Céu”. Mas experimentaremos exatamente o oposto, que é melhor servir no Céu do que reinar no Inferno. Servir no Céu é muito superior a reinar no Inferno.

A questão de energia e poder é importante no mundo mortal. Mas, no mundo constante e eterno, este tipo de energia não tem valor. Esse plano é feito de uma substância eterna. Não é como este plano problemático que está sempre quebrando, sempre desaparecendo, sempre desapontando e repleto de traição. Aquele plano divino é constante. Lá, a vida continua sem nenhuma necessidade de comida, descanso ou remédio. Naquele domínio superior, não há necessidade de trabalhar para ganhar o pão. No plano da realidade, onde tudo é permanente e tem valor eterno, não há necessidade dessas coisas todas. Todos esses problemas que nos mantêm loucamente ocupados são facilmente eliminados de um só golpe. Tal é a natureza desse plano. E, se entendemos que somos membros desse plano, surge então a pergunta quanto ao que fazer. Como nos aproximamos do domínio superior? Esse será nosso problema. Não podemos forçar nosso ingresso. Temos de ser agraciados com um visto. Não podemos dominar essa dimensão super-refinada, mas temos de permitir que nos utilize. Em outras palavras, temos de chegar à posição de escravidão. Precisaremos entender que o domínio aqui, neste mundo mortal, é uma maldição, e que a escravidão no mundo superior é uma bênção.

E o Bhāgavatam nos ajudará em nossa marcha progressiva

rumo a esse plano superior.

**naṣṭa prāyeṣv abhadreṣu, nityaṁ bhāgavata-sevayā
bhagavaty uttama-śloke, bhaktir bhavati naiṣṭikī**

As coisas impuras e indesejáveis dentro de nós desaparecem, sumirão quase que completamente, por causa de nossa associação servil com o Śrīmad-Bhāgavatam e o devoto: *sādhū* e *śāstra*. Desta forma, a conexão contínua com a consciência de Kṛṣṇa brota de nosso íntimo. Os elementos interruptores, que resultam da renúncia e do desfrute, desvanecem; as coberturas desfazem-se e surge o fluxo interior contínuo, a conexão com a consciência de Kṛṣṇa pura.

Niṣṭhā significa *nairantaja*, aquilo que é contínuo.

**ādau śraddhā tataḥ sādhu-saṅgo'tha bhajana-kriyā
tato 'nārtha-nivṛttiḥ syāt, tato niṣṭhā ruchis tataḥ**

Quando as coberturas são removidas, então encontramos dentro de nós esse fluxo interno contínuo em conexão com Kṛṣṇa, e surge *naiṣṭhikī-bhakti*. Isso é completamente claro, limpo.

Bhaktir bhavati naiṣṭikī. Assim, das bases de *niṣṭhā*, ou seja, do

fluxo contínuo, progride-se ulteriormente no lado positivo –*āsakti*, apego. Então surge *bhāva*, a emoção espiritual e logo *prema*, o amor divino. É desta maneira que o aspecto interno da devoção virá gradualmente à tona e seremos capazes de mergulhar a fundo na realidade. À medida em que abandonamos as coberturas externas e experimentamos aquilo que no mundo material pode ser considerado como sendo morte –morrer para viver–, deveremos penetrar cada vez mais no aspecto interno.

Pergunta: Este verso diz *naṣṭa-prāyeṣv abhadreṣu*, que as impurezas são quase destruídas. Por que não completamente destruídas?

Śrila Śrīdhara Mahārāj: Isso quer dizer que ocorre gradualmente. Aqui, descreve-se o desenvolvimento gradual. *Naṣṭa-prāyeṣv* significa que, quando se chega ao estágio de *nistha*, quando tudo o que é indesejável quase acabou, seremos então capazes de obter um vislumbre da coisa. É como antes do nascer do sol, quando surge a luz da alvorada dissipando a escuridão da noite, mas o sol ainda não apareceu. A escuridão foi quase totalmente removida, mas o sol ainda não se levantou. Da mesma forma, o Bhāgavatam está descrevendo como *bhakti* se desenvolve progressivamente. *Naṣṭa-prāyeṣv*: não acabou imediatamente. Existe um processo gradual de *sādhana*, um

meio para se alcançar um fim. *Bhakti* desenvolve-se gradualmente, vagarosamente, conforme a capacidade e o esforço, o *sādhana*, do devoto. Quando a escuridão terminou quase totalmente, então, os sintomas não-gentis, anormais e exploradores, como a tentativa mesquinha de explorar o meio ambiente, desaparecem gradualmente. É dessa maneira que podemos progredir. Não é que tudo clareia repentinamente, de uma só vez. Ao contrário, os elementos indesejáveis desaparecem gradualmente, vão embora conforme nosso *bhajana*, nosso *sādhana*, nossa tentativa. E alcançaremos a meta passando por diferentes estágios.

Esses estágios foram descritos por Rūpa Goswāmī em seu livro *Bhakti-rasāmṛta-sindhu*, (1.4.15,16):

**ādau śraddhā tataḥ sādhu-saṅgo 'tha bhajana-kriyā
tato 'nārtha-nivṛttiḥ syāt, tato niṣṭhā ruchis tataḥ**

**athāsaktis tato bhāvas, tataḥ premābhyudañchati
sādhakānām ayam premṇaḥ, prādurbhāve bhavet kramāḥ**

“No início, tem de haver fé. Logo, a pessoa fica interessada em associar-se com devotos puros. A seguir, recebe a iniciação

do mestre espiritual e, sob suas ordens, pratica os princípios normativos. Assim, a pessoa fica livre de todos os hábitos indesejáveis e fica firmemente fixo no serviço em devoção. Em seguida, desenvolve-se um gosto e, então, surge o apego. Este é o caminho de *sādhana-bhakti*, a execução do serviço devocional de acordo com os princípios normativos. As emoções espirituais manifestam-se de modo gradual e se intensificam até que, finalmente, surge o despertar do amor divino. Este é o desenvolvimento gradual do amor ao Supremo para os devotos interessados na consciência de Kṛṣṇa.”

Rūpa Goswāmī diz que *niṣṭhā* significa “conexão contínua”. Após *niṣṭhā*, o lado mundano negativo é eliminado e, então, já no lado positivo, podemos continuar progredindo. Depois disso, vêm os estágios superiores: *āsakti*, *bhāva* e *prema*. Em *prema*, também encontramos diferentes estágios: *sneha*, *mana*, *rāga*, *anurāga*, *bhāva* e *mahābhāva*. Dessa forma, *bhakti* se desenvolve até o plano mais elevado de *mahābhāva*. *Mahābhāva* significa Rādhārānī. É n’Ela que se encontra *bhakti* em sua intensidade suprema, como não é vista em nenhum outro lugar. A isso se chama *mahābhāva*. É dessa forma que *bhakti* desenvolve o amor divino em diferentes estágios, até atingir o nível superior.

4

O Plano do Equívoco

Oeveríamos compreender que vivemos no plano do equívoco. A coisa toda é falsa. Tudo faz parte da ilusão. Algo poderá ter seu lugar dentro do mundo da ilusão, mas, quando lidamos com a verdade real, concluiremos que tudo aqui é como um sonho. Todo este mundo é como um sonho, um equívoco. Portanto, qualquer parte deste mundo será também um equívoco. Tanto aquilo que é verdade como o que é real serão palpáveis a partir do momento em que forem vistos em sua conexão com o mundo real. Esse ajuste ocorre pela associação com os santos que têm uma conexão genuína com a

realidade espiritual.

O que é real e o que é irreal? Real é tudo aquilo que tiver uma conexão com o ser real, com a alma. Alma é consciência no mundo de pura consciência. Tudo que estiver conectado com a mente no mundo mental do ego falso é falso. Uma parte do falso também é extremamente falso, ainda que tenha sua utilidade negativa.

Verdade é tudo o que tem uma conexão somente com a Verdade Absoluta. O fundamento de meus argumentos é o seguinte: Chaitanya Mahāprabhu explicou que, embora Śāṅkarāchārya tenha negado a existência deste reflexo perverso, nós não podemos excluí-lo. Se este não existisse, por que então Śāṅkara teria vindo pregar o Vedānta? Ilusão significa que “isto não é aquilo”, que uma coisa pode parecer ser outra coisa. Uma ilusão não é o que aparenta ser, mas não inexistente. Nesse sentido, é real, tem existência própria.

Este mundo do equívoco não tem lugar dentro do mundo real que é criado com a ajuda da energia interna do Senhor, a *svarūpa-śakti*. Mas, de um modo relativo, o mundo condicionado tem um relacionamento indireto com o mundo incondicionado. Māya existe. Nesse sentido, ela é verdade. Mas é falsa no que se refere a poder conceder o resultado desejado que

você busca. Nesse sentido é tudo falso.

Dr. Marchetti: O Vaisnavismo afirma que este mundo material é tão real quanto um reflexo, mas que não é real como a realidade absoluta do mundo espiritual. O senhor poderia explicar isso?

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: A realidade se compõe de substância real e substância irreal. Podemos perceber dessa forma. Este é o mundo do equívoco. Equívoco significa que eu penso que algo é meu, mas, na realidade, não é assim. Tudo pertence ao Absoluto. Tudo pertence a Ele. Mas dizemos que “Isto é meu” e brigamos uns com os outros. De fato, neste mundo, tudo é propriedade de outrem. Mas, como resultado do equívoco, lutamos uns com os outros, e, dessa briga, resultam tantas reações. O problema é que a alma está enredada nesta luta de faz-de-conta. Por outro lado, este mundo de briga e equívoco não tem nenhum valor. Mas, o grãozinho de poeira que é o espírito e que é uma parte muito infinitesimal da realidade espiritual está emaranhado neste mundo e preocupado com este mundo de brigas de mentirinha. Sem a energia espiritual, nada permaneceria neste mundo. O truque feito pelas mãos de um mágico baseia-se no equívoco. É falso. Mesmo assim, ficamos perplexos diante de seus truques. Isso também é verdade. Um mágico ou

hipnotizador podem nos fazer ver como real o que não é real e, ainda assim, enquanto estamos sob seu feitiço, não podemos negar que aquilo seja real.

Tudo, incluindo nosso próprio ser, pertence a Kṛṣṇa. Mas, a dificuldade começa quando vemos outro e não Kṛṣṇa como proprietário. É o interesse separado; essa consciência de interesse separado é a raiz de todo mal. Somos unos com Kṛṣṇa. Mas, ao brotar a semente do interesse separado, ao pensarmos que temos algum interesse separado, ao pensarmos que não estamos incluídos no interesse de Kṛṣṇa, surge a raiz de tal equívoco.

**bhayaṁ dvitīyābhiniveśataḥ syād
īśād apetasya viparyayo 'smṛtiḥ
tan-māyayāto budha ābhajet taṁ
bhaktyaikayeśam guru-devatātmā**

As escrituras diagnosticaram desta forma a doença que é a invenção de um conceito falso. Estamos vivendo num paraíso de tolos. E o próprio início da existência material a ser detectado ocorre sobre as bases de um interesse separado. O primeiro desvio de *advaya-jñāna* é o conceito do interesse separado.

Pergunta: Como podemos conhecer o que é de fato real?

Śrila Śrīdhara Mahārāja: O nome dado pelas escrituras é *śraddhā*, ou fé, que é o estado desenvolvido de *sukṛti*, ou mérito espiritual. Quando nossa fé se desenvolve, leva-nos ao *sādhuaṅga*, a associação de santos. Os agentes do mundo divino, que se encontram situados no plano da realidade –a onda *nirguṇa* além deste mundo criado– vêm para estabelecer em nossa alma alguma conexão com a realidade. Esse é o elemento mais profundo. A conexão com os santos produz a fé e a fé pode permitir enxergar a realidade.

Existe um mundo que pode ser vislumbrado somente por meio da fé, *śraddhāmayo'yaṁ loka*. Assim como a cor pode ser vista por meio dos olhos e o som é percebido pelo ouvido, aquele mundo pode ser percebido somente pela fé. Somente a fé pode vê-lo e senti-lo. A Realidade Suprema não pode ser percebida por meio de nenhum outro sentido. A fé é a verdadeira função da alma e pode ser desperta pelos agentes de *Vaikuṇṭha*, os santos. Por causa da fé, incrementamos nossa associação com os santos e é nessa transação que ocorre o cultivo da realidade. Gradualmente, este processo nos torna plenamente conscientes. Nesse momento, realizamos que este mundo em que vivemos é transitório e que nosso lar se situa em outro lugar. Nosso verdadeiro lar localiza-se no mundo da

consciência pura.

Pergunta: Esse é o mesmo processo pelo qual os materialistas percebem este mundo como sendo real?

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Não. A realização da realidade espiritual independe de qualquer contaminação material, ou equívoco. Essa injeção na alma é dada por Vaikuṇṭha, pelos eternos associados de Viṣṇu. A percepção da realidade espiritual é função da alma e não dos sentidos ou do ego material. Independe deles. Quando o paciente está inconsciente, o médico lhe aplica uma injeção. Assim, ele retorna à consciência e pode passar a cooperar com o médico descrevendo seus sintomas. Mas, antes que a pessoa possa cooperar com o médico, este faz várias coisas para ajudar o paciente inconsciente. Da mesma forma, quando estamos plenamente absorvidos em nossa ocupação material, os santos do plano superior da realidade agem como médicos, injetando alguma compreensão da divindade em nossa consciência. Desta forma, eles tentam despertar nosso verdadeiro auto-interesse, nossa consciência da alma.

Dr. Singh: Certa vez, Bhaktivedānta Swāmī Mahārāja pediu que utilizássemos a própria ciência para provar que a matéria surge da vida. Eu não sei como começar. Como podemos provar que a matéria vem da vida?

Śrīla Śrīdhar Mahārāj: A definição que Darwin faz da evolução é que a vida vem do fóssil. Mas, dizemos exatamente o oposto. A causa de vermos a variedade deste mundo é a evolução de dentro da consciência. A evolução é interior. Evolução não é algo externo, como é comum pensar. Este é o ensinamento do Vedanta. A realidade não se desenvolve da imperfeição para a perfeição; é tão-somente que uma parte da perfeição parece ser imperfeita. É ridículo teorizar que o imperfeito está produzindo perfeição.

É, de longe, mais razoável e fácil conceber que uma parte da perfeição, de alguma maneira, tornou-se imperfeita e é percebida por nós como sendo uma imperfeição. Essa é a conclusão mais razoável e natural. Temos de aceitar algo do que Darwin diz, mas de onde provém o fóssil? A concepção de que o fóssil pode produzir o infinito é uma idéia tola.

O corpo assombra os médicos com tantos fenômenos maravilhosos. Há tantas questões que eles não conseguem compreender: Como é construído? Como a consciência, a inteligência e o gênio centram-se no cérebro? Essa coisa maravilhosa que encontramos no cérebro, e que é o pensamento do gênio, não é produzido por algo material. O ponto de partida tem de ser a coisa maravilhosa. Dizemos que essa coisa maravilhosa, a fonte

de todos os prodígios, existe de fato.

Tudo está repleto de prodígios. Ao analisarmos o átomo ficamos atônitos. Nós somos os únicos a impor limites. Mas, quando analisamos as partículas atômicas da madeira e da pedra ficamos surpresos. O infinito encontra-se em toda parte. A perfeição encontra-se em toda parte. O problema é que, devido a nosso pensar limitado, produzimos um mundo de limites. Mas, aqueles que estão cativados pela forma “científica” de pensar não estão prontos a admitir isso. Este é o quebra-cabeças: do menor para o maior, do inferior para o superior, tudo é maravilhoso. Mas não admitiremos isso. Chegaremos ao fóssil e diremos que ele está produzindo tudo. Mas o que é esse fóssil?

Dr. Marchetti: Mas como provar aos cientistas que a matéria vem da vida? Estes são argumentos filosóficos. Os cientistas dirão, “De que servem os argumentos filosóficos?”

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: No início da geração de eletricidade, o famoso cientista Michael Faraday fez uma demonstração pública do poder da eletricidade. Numa experiência, Faraday gerou eletricidade. Com a corrente gerada por seu dínamo, foi capaz de mover alguns pedaços de papel. Depois de observar a onda elétrica mover alguns pedaços de papel, uma senhora desafiou-o: “Qual a utilidade de sua eletricidade,

senhor Faraday?” E ele respondeu: “A Senhora poderia dizer qual é a utilidade de um recém-nascido?”

A morte é filosófica? Caso você não busque o abrigo da filosofia, a morte está aí para frustrar tudo o mais. Somente a filosofia pode encarar o maior inimigo, a morte. E a morte não está limitada a uma coisa em particular; incluirá o mundo todo. No decorrer do tempo, o Sol, a Lua, as estrelas, este globo e tudo mais desaparecerão. Até mesmo os cientistas afirmam isso. Se queremos viver além do plano da morte, a filosofia nos auxiliará a alcançar uma vida eterna de paz eterna. Somente a filosofia pode nos dar isso.

Todas essas ciências tecnológicas são simplesmente uma tentativa de incrementar a sedução desta vida. São todas inimigas da alma, inimigas mortais. Todas elas nos guiam apenas até a sepultura. A sepultura é real e ficaremos aliviados somente se lidarmos com ela de forma filosófica. Caso contrário, estamos acabados. Estes conceitos científicos materialistas são como inimigos hábeis que nos cercam. Estão nos tentando: “Viva no mundo material, nós o ajudaremos”. Isso é ilusão.

Dr. Marchetti: Quando o senhor disse que o mundo estava na mente, não seria isso idealismo?

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: É o idealismo de Berkeley. Não é

que nós estamos no mundo, mas que o mundo está em nossa mente. É claro que num sentido maior não estamos preocupados com a mente. A mente material é também parte do mundo do equívoco. A alma vive na região da alma e a mente, o ego e o resto são dependentes da alma. Se a alma se retira, nada permanece. Aqui também, se a vida se vai, o corpo perece. Se as almas se retirarem deste mundo, nada permanecerá. A alma é a realidade. Esta realidade mundana deve ser descrita como um equívoco que surge na alma, como um sonho que a pessoa tem. A alma mesma está despreocupada. E, se a alma retorna ao mundo da alma e a consciência se remove deste plano daqui, nada mais permanece. É tudo escuridão e nada pode existir independente. Então, esta realidade material é criada pela alma em sua atitude rebelde, em sua atitude doentia.

Quando um homem se encontra numa condição doentia, experimenta delírios. A doença é a causa do delírio. O próprio delírio não existe por si só. A alucinação inexistente fora de sua mente. Se você quiser remover o delírio, tem de cuidar e tratar do paciente. Seu cérebro precisa de remédio. Quando tratado, o mundo delirante desaparece. Do mesmo modo, a alma desenvolveu um estado doentio e sofre de delírio. E, na medida em que as almas sofrem de um delírio coletivo, este mundo parece ser

real. Tantas pessoas delirantes e desorientadas estão se conectando e desconectando coletivamente com esta realidade material.

Dr. Murphey: Qual é então a diferença entre o mundo da realidade e o mundo material?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Este mundo material é apenas um reflexo da realidade completa; esse é um conceito que achamos excitante. Nós abraçamos esta criação do Senhor compelidos por um interesse peculiar de desfrutar. Com nossa visão coberta pelas lentes do preconceito, vemos as coisas de modo distorcido. Não devemos culpar ao Senhor, mas sim, a nossas lentes. Tudo se destina a Ele. A diferença é que, em nossa visão da realidade, esta se encontra tingida pelas cores de nossos diferentes tipos de interesses egoístas. E os diversos sistemas planetários no mundo material são sub-planos no plano da exploração e do desfrute. Nossa consciência distorcida é a fonte das várias colorações de todas as coisas que nos rodeiam.

Quando esses conceitos ilusórios são totalmente removidos, descobrimos que, por toda parte, há Kṛṣṇa e somente Kṛṣṇa. E ao eliminar o conceito do Supremo como sendo o Senhor e Mestre, então, recebendo seu ímpeto para a ação da Consciência de Kṛṣṇa, a alma se encontrará em Vṛndāvan. Mas, a fim de alcançar esse estágio, não poderemos manter nenhuma

consciência deste corpo, nem da mente, nem conceito de país, de nação ou conceito global. Deve-se cruzar todos os planos de conceitos limitados. Da alma para a Superalma, a alma deve ir fundo e cada vez mais fundo realidade adentro. Você encontrará tudo lá. Lá, em Vṛndāvan, você descobrirá que Rādhārānī e Kṛṣṇa não são falsos. Não são nem poesia nem imaginação.

A única exigência é que precisamos desenvolver nossa natureza profunda, nossa auto-identificação, através da auto-detecção. Na linguagem de Hegel, a auto-detecção é nosso preenchimento. Segundo o conceito Vaiṣṇava, autodetecção significa alcançar a *svarūpa-siddhi*, a identidade espiritual. Quem sou? O que vem a ser o meu ser mais profundo, situado além de minha mente ou inteligência? Onde me encontro? Qual é o meu auto-interesse interior? Tenho de entrar no plano da realidade. Tenho de obter de volta meu próprio ser. E, em conexão com Kṛṣṇa, entrarei no meio ambiente e perceberei o que o mundo é de verdade.

Se me derem algum vinho ou veneno, então, ficarei fora de mim. Verei tudo de forma distorcida. Serei incapaz de reconhecer minha irmã ou mãe e agirei dentro de uma natureza animal. Verei tudo como um objeto para meu desfrute. A tendência crua da luxúria cobrirá minha visão de tudo. Então,

quando ficar novamente sóbrio, verei as mesmas coisas, mas a minha percepção de tudo estará mudada.

Desse modo, temos de nos preparar para mergulhar a fundo, por trás da superfície da realidade, e descobrir quem somos, qual é nosso auto-interesse. Deveríamos tentar perceber a parafernália da realidade conforme nosso verdadeiro auto-interesse. Através da autodetecção, devemos ver tudo de forma oposta à maneira como vemos no presente. É preciso compreender o modo de descobrir a si mesmo. E, por meio de nossa rendição ao interesse de Kṛṣṇa, tentaremos então retornar ao lar, de volta ao Supremo.

5

Um Mundo de Experiências Flutuantes

Existem muitas escolas de filósofos ateus. Charvaka Muni foi o filósofo ateu mais famoso da Índia. Sua filosofia iguala-se às filosofias extremamente ateístas do Ocidente. É sua opinião que a consciência é um sub-produto da combinação química de diferentes substâncias materiais. Segundo ele, nem a alma nem a consciência permanecem com a dissolução deste corpo físico. Permanece apenas a combinação física dos diversos elementos

do corpo. Assim como a combinação física dos diversos elementos químicos produz algo mais do que os próprios elementos químicos, também a combinação física dos diversos elementos materiais produz a consciência. Com a dissolução deste corpo carnal, nada sobra. No Ocidente, Epicuro foi o primeiro a propor esta filosofia.

A seguir, encontramos o Budismo. Os budistas dizem que, no momento da dissolução do corpo físico, o corpo sutil, o sistema mental, obterá outro nascimento. Os budistas admitem a transmigração de um corpo a outro, ou a reencarnação. Segundo eles, ainda que este corpo pode desaparecer, temos de entrar em outro corpo de acordo a nosso *karma*. Se nos esforçarmos de uma certa maneira, então o corpo sutil, o sistema mental, dissolve-se e nada mais sobra. Segundo os budistas, a alma não existe.

Śaṅkarāchārya tem uma filosofia similar, com uma ligeira diferença. A escola budista afirma que a alma individual não existe. Segundo eles, não há alma individual permanente. Isso também foi dito por Sankarāchārya. Mas Śaṅkarāchārya disse que a substância consciente, o *brahman*, existe como a realidade última. Esta é a diferença entre Śaṅkarāchārya e os budistas. Segundo Śaṅkarāchārya, a própria consciência é verdade e

somente a consciência de uma existência separada é falsa. Seu ponto de vista é que a alma individual é apenas um reflexo da substância consciente, a qual é a realidade última. Ao dissolver-se o sistema mental, cada consciência de individualidade da alma desaparece; inexiste naquele plano derradeiro da realidade.

Ele dá o exemplo da Lua e seu reflexo no espelho. Remova o espelho e não há reflexo. Sua visão é que todas as almas individuais são reflexos de uma fonte comum: o *brahman*, a consciência. Então, Śaṅkarāchārya diz que, na realidade, as almas individuais são unas e idênticas ao *brahman*.

Śrī Chaitanya Mahāprabhu interpreta o Vedānta de forma diferente de Śaṅkarāchārya. Śrī Chaitanya diz que precisamos aceitar a verdade védica em sua totalidade, sem qualquer modificação. Śaṅkarāchārya aceitou somente poucos aforismos védicos que constituem uma representação parcial da verdade. Suas quatro expressões principais tiradas dos Vedas são *aham brahmāsmi*, “eu sou *brahman*”, *tat tvam asi*, “você é isso”, *so’ham*, “eu sou isso” e *sarvam khalv idam brahma*, “tudo é *brahman*”.

Śrī Chaitanya analisou o significado do aforismo *sarvam khalv idam brahma* da seguinte maneira: segundo Śaṅkarāchārya, tudo é uno. Ele diz: *brahma satyaṁ jagan mithyā*: “Espírito é verdade, o mundo é falso”. Śaṅkarāchārya diz que

brahma, o espírito, existe e que *sarva*, tudo, não existe. Se isso é verdade mesmo e tudo é uno, então por que levantar a questão de existência ou não-existência? No aforismo *sarvam khalv idam brahma*, “*sarva*”, tudo, existe, e “*brahma*”, o espírito, também existe. Nesta expressão, tudo existe e o uno também existe. Existem os muitos e existe o uno.

Novamente, se tudo é uno, então se levanta a questão, “Para quem falamos?” Para quem é que os Vedas vieram trazer este conselho? Tanto o relativo quanto o absoluto existem juntos; são co-existentes. O absoluto e o relativo são também representados no aforismo dos Vedas *tat tvam asi*: “Você é isso”. “*Tat*” ou “isso” está lá e “*tvam*”, “*tu*”, também. Ambos, variedade e unidade estão representados no aforismo *tat tvam asi*. Mas Śaṅkarāchārya aceita um e rejeita o outro. Sua explicação é, portanto uma interpretação equivocada do significado original do Vedānta-sūtra. Não é uma interpretação apropriada dos Vedas, porque, em nome do Vedānta, ele introduziu sua própria idéia ou conceito. A interpretação de Śaṅkarāchārya é artificial, egoísta e provincial.

Esta é a refutação a Śaṅkarāchārya apresentada por Śrī Chaitanya Mahāprabhu e, no que nos diz respeito, não existe outra visão. Se tentarmos acompanhar a interpretação de

Śaṅkarāchārya, qual significado poderemos encontrar nesta afirmativa dos Upaniṣads: *yato vā imāni bhūtāni jāyante yena jātāni jivantī*, “A Verdade Absoluta é Aquele de quem tudo provém, que está mantendo tudo, dentro de quem tudo existe e em quem tudo entra no momento da aniquilação”? O que isso significa? Este enunciado afirma que a Verdade Absoluta é não-diferenciada? Para nossa compreensão, basta que aceitemos o seu significado direto. O significado auto-explanatório dessas palavras é suficiente para podermos compreender esta simples afirmativa dos Upaniṣads.

Śrī Chaitanya Mahāprabhu derrota Śaṅkarāchārya pelo bom-senso. Esta é a característica especial de seu argumento. Ele derrota seus oponentes filosóficos, não com argumentos difíceis, abstratos ou intelectuais, mas com bom-senso.

Quando Śrī Chaitanya quis demonstrar a supremacia de Nārāyaṇa sobre Śiva, ele disse que devemos considerar a posição do Ganges. O Ganges é a água que lava os pés de Nārāyaṇa e, ainda assim, repousa sobre a cabeça de Śiva. Nisso, podemos usar de bom-senso para ver qual dos dois se encontra em posição superior. Quando Śrī Chaitanya quis mostrar que Kṛṣṇa é superior a Nārāyaṇa, deu o exemplo de Lakṣmīdevī. Ela almeja pela associação de Kṛṣṇa. Mesmo tendo tudo em

Nārāyaṇa, Ela tem alguma aspiração pela companhia de Kṛṣṇa. Por outro lado, as *gopīs* não sentem atração por Nārāyaṇa. Quando encontram Nārāyaṇa, oram a Ele que lhes conceda a graça de que sua devoção por Kṛṣṇa possa se intensificar.

Dessa forma, podemos julgar a natureza da realidade aplicando o bom-senso e a intuição. A intuição será muito mais profícua do que o argumento obscuro. O Vedānta confirma isto no aforismo, *tarki-pratiṣṭhānāt*: “A argumentação nunca nos auxiliará a chegar a qualquer conclusão real”. Pelo contrário, somente a intuição e o bom-senso podem nos auxiliar de verdade. Essa é a recomendação de Śrī Chaitanya e foi assim que Ele rebateu tantos eruditos, incluindo até mesmo o grande e todo-conquistador *digvijaya paṇḍit* de Kashmir.

Pergunta: Os budistas dizem que, depois de transcender a experiência sensorial, encontraremos que, por trás de tudo, inexistente qualquer fundação para a vida. Descobriremos que não há nada por lá a não ser o vazio. Segundo seus ensinamentos, depois de removermos nossa experiência, não há alma, nem nenhuma base para a existência. Como é que os *ācāryas* Vaiṣṇavas lidam com o budismo?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: No sul da Índia, especialmente em Andhra Pradesh, há muitos eruditos budistas. Śrī Chaitanya

Mahāprabhu encontrou-se com os budistas quando viajava pelo sul da Índia. Chaitanya Mahāprabhu diz, *veda nā māniyā bauddha hava'ta nāstika*: “Por não aceitarem as escrituras védicas, os budistas são considerados ateus”. Śāṅkarāchārya também prega, de forma encoberta, a favor dos budistas; a diferença entre eles é que Śāṅkarāchārya admite a existência do *brahman* como sendo a realidade essencial, enquanto os budistas dizem que, no final, nada existe.

Os *āchāryas* Vaiṣṇavas discordam de ambos, de Buddha e de Śāṅkarāchārya. Eles dizem que o *jīva* é uma alma individual eterna. Esta partícula de energia espiritual conhecida como *jīva* ou espírito é pequenina como as partículas de poeira da terra ou os pequenos raios de sol. Existem ambas, a Alma ou a Consciência Infinita Suprema e as centelhas finitas de consciência. Seu relacionamento pode ser comparado ao relacionamento entre o grande fogo e as centelhas que dele emanam. As centelhas que emanam do fogo podem ficar cobertas pela escuridão, mas, quando reentram sob o abrigo daquela grande conflagração, ficam de novo perfeitamente situadas.

Para rebater o ateísmo dos budistas, podemos examinar o filósofo europeu moderno Descartes. Descartes disse: “Eu duvido de tudo. O que quer que você diga, eu duvido.” Então,

Descartes disse que a questão que surge em seguida é: “Quem duvida existe –verdade ou falsidade?” Você tem de começar sua busca da verdade deste ponto. Quem sou eu? Diante de toda e qualquer verdade relatada, de qualquer idéia expressa, pode-se dizer: “Eu me oponho a essa afirmativa. Eu a questiono.” Aí, surgirá a pergunta se aquele que duvida existe ou inexistente. Se inexistente, não pode então haver a questão de se duvidar. Se a pessoa se puser na posição do cético extremado terá de explicar a sua própria posição. Ele poderá afirmar, “O que quer que você tenha dito eu duvido”; mas ele terá de discernir se ele mesmo existe de fato ou não. Esse tem de ser o ponto de partida para uma pesquisa ulterior.

E quem é aquele que está duvidando? Ele é um átomo? Uma partícula de poeira? Está ele sem conhecimento? E, no caso afirmativo, como chegou a sustentar dúvidas? Esta questão deve ser examinada. Não importa o que a pessoa seja capaz de duvidar, ela deverá fazer-se a seguinte pergunta: “Quem é aquele que duvida? É consciente? Tem raciocínio? Possui algum tipo de existência? Ou será imaginário? É a matéria que está fazendo perguntas? Ou é uma unidade de consciência que as está fazendo? Qual é a origem destas perguntas? Quem está fazendo as perguntas? Vieram da região consciente? Se a resposta for

sim, então, o que consideramos como sendo a base da existência? Consciência ou matéria? Um fóssil ou Deus?"

Antes da primeira guerra mundial, eu era um estudante de direito na universidade. Em meu último ano, estudei filosofia com um professor chamado senhor Stevenson. Ele era um erudito alemão, mas, durante a guerra, aceitou cidadania indiana. Sua matéria lidava com ontologia e filosofia. A linguagem do professor Stevenson era muito simples. Costumava utilizar argumentos refinados para defender seu ponto. Ele deu quatro argumentos contra o ateísmo, um dos quais eu considero muito útil: "Consciência é o ponto de partida de tudo". O que quer que você diga pressupõe consciência. Qualquer afirmativa pressupõe consciência.

Ao examinar o fóssil o que vemos? É preto, é duro, tem algum cheiro, alguns atributos, mas o que são estas coisas? Todas são diferentes estágios de consciência. Sem o auxílio da consciência não se pode fazer nenhuma afirmativa. Nenhuma afirmativa é absolutamente possível. Pode-se afirmar que o fóssil é a substância mais elementar, mas fóssil significa o quê? Certa cor, sensação, dureza, sabor; mas no fundo é consciência.

Após tudo ser analisado, descobrimos que é uma idéia. Esta é a teoria de Berkeley. Tudo é uma idéia num oceano de cons-

ciência. Da mesma forma que o icebergue flutua no oceano salgado, o fóssil está flutuando no oceano de consciência. Em última análise, tudo, o que quer que declaremos, o que quer que exista no mundo da nossa experiência, flutua como um iceberg no oceano de consciência. Esta questão nunca pode ser refutada.

Eu tive experiência pessoal disso. Quando tinha vinte e três anos de idade sentia uma profunda e natural indiferença pelo mundo. Naquela época, tive uma experiência da realidade da consciência. Senti o mundo material flutuando em consciência, da mesma forma que o creme flutua no leite. A realidade consciente é muito mais profunda do que a realidade aparente de nossa experiência atual. O mundo da experiência é como o creme flutuando no leite, o qual é como a mente. Este mundo físico é apenas a porção visível da realidade que flutua no mundo mental. Eu mesmo senti isso. Quando há uma grande quantidade de leite, o creme que flutua e cobre esse leite é muito escasso. Da mesma maneira, eu pude sentir, nesse momento, que este mundo material é uma porção pequena da realidade e que o mundo sutil, que atualmente permanece ao fundo, é, de longe, muito mais vasto. O mundo mental é uma realidade ampla e vasta e o mundo físico é uma pequena cobertura sobre o mundo mental.

O que quer que possa ser percebido pelo olho, o ouvido, a língua, o nariz, a pele, qualquer dos sentidos externos, é apenas uma cobertura da realidade. No Śrīmad-Bhāgavatam, Prahlaḍ Mahārāj diz, *na te viduḥ svārtha-gatim hi viṣṇum, durāśayā ye bahir-artha-māninaḥ*. Estamos muito preocupados com a cobertura da realidade. Estamos devotando nossas mentes à cobertura externa, *bahir-artha-māninaḥ*, mas não mergulhamos nas profundezas da substância eterna. Se apenas mergulhássemos ao fundo da realidade, lá encontraríamos Viṣṇu! A substância mais pacífica está dentro, mas se encontra coberta, como o leite pelo creme. E damos muita importância a essa cobertura. A verdadeira substância está dentro, igual à fruta que está coberta pela casca. O que experimentamos atualmente é a cobertura, a casca, e estamos fazendo um grande caso disso, ignorando a própria substância que está protegida pela cobertura.

O passo primário em busca da verdade é penetrar a cobertura e encontrar o conhecedor interno e, então, começar a nossa análise. O que ele é? É um átomo como uma partícula atômica de poeira? Ou será ele um átomo fantástico no plano consciente? Inicialmente, temos de nos aproximar dessa forma da realidade. Existe o conhecedor e o conhecido, o inquiridor e o inquirido.

Tente encontrar a si mesmo. Então, gradualmente, você virá a saber que você é a alma, a partícula de consciência interior. E igual a você, que é espírito coberto de matéria, o mundo inteiro também o é. A realidade espiritual interior está coberta. Ao perceber o seu ser como alma espiritual, você será capaz de ver que tudo é uma parte da consciência. Dentro do mundo da consciência, flutuam mundos de diversas formas de experiência. O Sol, a Lua, as árvores, as pedras, os seres humanos, nossos amigos e nossos inimigos flutuam no mar consciente. À medida que nos aproximarmos do plano espiritual, descobriremos que ele se encontra próximo de nosso ser real e, desta maneira, perceberemos que a matéria está longe, muito longe, enquanto a alma está próxima.

Tente conceber a realidade nesses parâmetros. Alma, espírito e consciência estão próximos da alma e você é uma criança dessa terra. A matéria está longe, muito longe. Mas, os planos perturbadores estão tão próximos entre si que não vemos a natureza da realidade espiritual. É como quando se põe a mão sobre os olhos e não se pode ver a mão. Mas se a mão estiver a trinta centímetros de distância pode-se vê-la claramente. Às vezes, o que está muito próximo não pode ser visto. Posso ver muitas coisas mas não posso ver a mim mesmo.

Enquanto os budistas e outros ateus argumentam que consciência é algo material, eu digo que não existe nada material. Se eu tenho de responder à pergunta se a consciência é ou não produzida pela matéria, então, eu deverei dizer que nada é material. O que quer que sintamos é apenas uma parte da consciência. Tudo é uma idéia. Nós estamos relacionados apenas com consciência, do começo ao fim de nossa experiência. Não podemos ir além disso – tudo é uma idéia. A pedra, a árvore, a casa, o corpo, tudo são idéias. O plano da consciência está bem mais próximo de nós do que podemos perceber. E o que é visto como algo em particular está muito distante. Estamos envolvidos somente com idéias. Não podemos sair disso. Tudo dentro de nossa experiência é parte de nossa mente.

Pergunta: Os Puranas afirmam que existem 8.400.000 espécies de vida. São elas apenas idéias?

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Todas idéias. Consciência está sempre na posição primordial. No entanto, estas idéias são reais, porque se encontram originalmente presentes na realidade espiritual de Vṛndāvan. Nada é eliminado em nosso conceito de realidade. Tudo é harmonioso. Tudo tem uma posição apropriada. Nada deve ser eliminado. A única coisa necessária

é a harmonia. Somente a nossa perspectiva, o nosso ponto de vista, é que precisam ser mudados. Mas, para obter esse tipo de visão, precisamos abandonar o egocentrismo. Tanto a exploração quanto a renúncia devem ser abandonados. Eles causam esta alucinação. Tudo está contribuindo para o serviço ao centro supremo e, se pudermos compreender isso, ficaremos livres deste mundo relativo.

O mundo material é um reflexo do mundo espiritual. Aqui existe indesejabilidade. Desde Brahmā, que mantêm a posição superior neste universo, até a criatura inferior (*ābrahma-bhuvanāl lokāḥ*), todos tendem ao equívoco. Por outro lado, tudo em Vṛndāvan contribui para os passatempos de Rādhā-Govinda. Tudo em Vṛndāvan é consciente de Kṛṣṇa; cada árvore, trepadeira e arbusto. Como podem ser meros arbustos e trepadeiras? Uddhava é o maior devoto de Kṛṣṇa e ele anseia poder nascer como uma trepadeira ou arbusto em Vṛndāvan. Qual é então o valor dos arbustos e trepadeiras de Vṛndāvan!? Deveríamos pensar que o anseio de Uddhava é imaginário ou teórico e sem nenhum valor prático?

Tudo em Vṛndāvan é necessário para os passatempos de Rādhā-Govinda. Tudo no meio ambiente espiritual tem seu valor indireto. Isto é chamado de *śānta-rasa*, ou o humor pas-

sivo. Isso pode ser compreendido da seguinte maneira: se a pessoa não maltrata ninguém, seja mosca ou mosquito, isso não significa que esteja paralisada ou doente; encontra-se apenas num estado passivo. Então, em Vṛndāvan pode-se prestar serviço de forma passiva. O rio Yamunā, as árvores, pássaros e insetos estão ocupados em prestar serviço num humor passivo.

A razão de isso ser assim pode ser entendida na analogia da peça teatral. No teatro, o ator pode desempenhar o papel de morto. Quando seu corpo é carregado, ele não pode dizer nada; não pode se mover. Isso não significa que esteja morto. Da mesma forma, um devoto em *śānta-rasa* pode assumir o papel de trepadeira, de arbusto ou de árvore em Vṛndāvan a fim de enfatizar o drama do *līlā* de Rādhā-Govinda.

Um devoto pode ainda aceitar o papel de servo. Ele pode ser um rei, mas, para a satisfação do Senhor, ele poderá fazer o papel de um varredor de rua. Quando se representa o papel de varredor, pode-se desempenhar o papel tão bem que as pessoas aplaudirão de pé em apreciação. Então, o humor de servidão é também uma contribuição ao serviço de Kṛṣṇa.

Outro exemplo de *śānta-rasa* é o Rādhā-kuṇḍa. Rādhā-kuṇḍa é o lugar de banho de Śrīmatī Rādhārānī, onde Kṛṣṇa representa Seus passatempos de amor conjugal, sendo consi-

derado a região superior de Vṛndāvan. Tanto os deuses quanto os devotos, todos celebram o Rādhā-kuṇḍa. Deveríamos pensar que se trata de uma porção de água comum? Pelo contrário, quão exaltada é a posição do Rādhā-kuṇḍa!

A seguir, existe a colina de Govardhana. Isso também é um tipo de pose. Aparenta ser uma colina, mas Govardhana é adorada como sendo o próprio Kṛṣṇa. Ele também aparece como uma pedra, na forma de Śalagram: Ele aparece ainda na forma das Deidades.

Śrī Chaitanya Mahāprabhu ora: “Ó Senhor, por favor, considere-me como poeira de Seus pés sagrados”. *Vibhinnāmśa jīva*, a poeira dos pés, é geralmente inanimada. Mas, quando Chaitanya Mahāprabhu ora: “Considere-me poeira dos pés”, a poeira de que Ele fala não é matéria. É uma unidade de consciência, plena de conhecimento e amor. A poeira dos pés de lótus do Senhor é o símbolo do conhecimento e do êxtase. A existência e o conhecimento são pressupostos no domínio espiritual. E mais do que isso, as almas de lá são pontos de amor divino situados em Vṛndāvan e em Navadvīp. E com a conversão por atacado das almas deste mundo, encontraremos o reino de Deus por toda parte. O reino de Kṛṣṇa e o reino de Mahāprabhu existem; apenas perdemos o ângulo de visão apropriado

para vê-los. Devemos, mais uma vez, adquirir essa visão. No presente, estamos entre inimigos. Mas, se mudarmos o ângulo visual pensaremos, “Não, estou entre amigos”.

E tal ângulo de visão é tão amplo que quem vê dessa maneira perde o temor. Quando Jaḍa Bhārata foi capturado pelos bandidos e levado diante da deidade de Kālī para ser sacrificado, seu ângulo de visão era tão amplo que não se preocupava com nada. Ele pensou: “O que quer que esteja acontecendo é a vontade do Senhor. Ele é o proprietário e a testemunha de tudo. Ele vê tudo. Tudo é sua vontade e eu nada tenho a ver com a consequência.” Para onde quer que Jaḍa Bhārata fosse levado, ia sem resistência com esta idéia. Ainda que estivesse prestes a ser sacrificado, ele estava despreocupado. Ele pensava, “Estou em um círculo amigável. Não há perigo.” Estava em tal plano de consciência que não podia ser afetado por nenhum perigo ou temor. Ele pensava, “Estou sob a proteção de Kṛṣṇa”. E então, Jaḍa Bhārata prova, com seu exemplo prático, que este ângulo de visão não é mera filosofia ou imaginação. É realidade.

A vontade divina de Kṛṣṇa está por trás de tudo o que existe. E, ao se entrar em contato com esse poder superior, com esse plano original da realidade, não se terá nenhuma preocu-

pação, nenhum medo, *mayā santuṣṭa-manasaḥ sarvāḥ sukha-mayā diśaḥ* (S.B. 11.14.13). Esse tipo de pose existe mesmo no plano da realidade, onde Kṛṣṇa é adorado com devoção isenta de conhecimento, *jñāna-śunya bhakti*. Parece haver temor e preocupação. Mas essa preocupação é bem diferente, em sua natureza, dos cuidados materiais. Influenciadas por Yogamāyā, as *gopīs* e os amigos de Kṛṣṇa querem saber, “Kṛṣṇa não está aqui! Onde estará?” E, desta maneira, as *gopīs* e os pastorzinhos correm de um lado a outro procurando Kṛṣṇa. Até as vacas ficam preocupadas e param de pastar. Mas tudo isso está sendo dirigido por Yogamāyā para a satisfação de Kṛṣṇa. Tal é a natureza do *līlā* no plano de *jñāna-śunya bhakti*.

Estamos ocupados na busca interna da verdade. E, nos Vedas, a resposta às nossas perguntas, a essência de toda verdade revelada das escrituras, pode ser resumida numa única palavra: *Om* -“SIM”. Qual o significado deste sim? “Aquilo que você deseja existe sim. O que você está buscando está lá, sim! Sua busca interna de viver e melhorar será satisfeita: procure e encontrará.” Se você se examinar e buscar por sua necessidade mais profunda, descobrirá que a verdade revelada diz, “Sim, sua sede será saciada. Você será bem nutrido.”

Pergunta: No Bhagavad-gītā, Kṛṣṇa diz: “*jīva-bhūtān mahā-*

bāho yayedam dhāryate jagat –que a energia espiritual está montando este mundo material”. Como entender isso?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: As almas desorientadas deste mundo provém do *taṭastha-loka*, do plano marginal e, desencaminhadas pelo equívoco, entraram neste ângulo de visão ilusório.

Kṛṣṇa diz que este mundo é matéria morta. As almas entraram aqui e surgiu o movimento. Entraram neste conceito material e começaram a movê-lo. Neste sentido estão mantendo o universo, *yayedam dhāryate jagat*. Mas, em última análise, tudo está sendo mantido por Ele. Kṛṣṇa também diz *aham sarvasya prabhavo*: “Tudo emana de Mim”. E, nos Vedas, está dito, *yato vā imāni bhūtāni jāyante*. Nesta criação, Ele é a origem, a manutenção e a aniquilação de tudo. Mas aqui, neste mundo material, as almas caídas como tantas centelhas entraram na região escura e, como vagalumes, mostram a escuridão que os rodeia. As almas *jiva* são como vagalumes na noite escura deste mundo material. De alguma forma, continuam na escuridão, mal podendo ser detectadas como uma tênue luzinha na escuridão, ainda que possam ser notadas. O espírito pode conhecer a si próprio.

Pergunta: Quem o senhor disse que expôs a filosofia ateuista no Ocidente?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Epicuro é o maior ateu do Ocidente, igual a Charvaka Muni no Oriente. Segundo Epicuro, quando este corpo material se dissolve, nada permanece. E, segundo ele, não existe um sistema mental. O sistema mental pelo qual passamos durante nossos sonhos não tem existência separada. Mas ambos, Śaṅkara e Buddha, aceitam a existência do sistema mental dentro do corpo físico. Sua filosofia também admite a transmigração da alma. Mas Buddha diz que, com a dissolução do sistema mental –o *sukṣma śarīra*– nada permanece.

Śaṅkarāchārya, por sua vez, diz que a consciência dentro do corpo mental é um reflexo do *brahman* e que esse *brahman* é a existência suprema. Segundo ele, ao dissolver-se o corpo permanece somente o *brahman*. Śaṅkarāchārya diz:

**śloka dhenu pravakṣyami, yad aktam yānti kotibhiḥ
brahma satyam, jagan mithyā, jīva brahmaiva na paraḥ**

“Em meio verso, resumo a verdade expressa em muitos volumes das escrituras. Apenas em meio verso darei a essência de todas as verdades: *brahma satyam, jagan mithyā*. *Brahman*, o espírito, é verdade e este mundo é falso. A alma *jīva* nada mais é do que *brahman*. Esta é a substância de todas as escrituras.”

Nos sistemas filosóficos de Buddha e Śaṅkarāchārya, não é possível obter-se conhecimento apropriado. Se o que eles dizem é verdade, que este mundo é falso, então deveremos perguntar: “Por que vocês falam? E para quem? Se tudo é falso, a sua filosofia também é imaginação?” Teremos de perguntar a Śaṅkarāchārya: “Tem algum significado a sua vinda a este mundo, o seu esforço de derrotar o budismo e estabelecer a unidade como sendo a verdade final? Quem o senhor veio convencer? Se este mundo é falso, por que então o senhor veio pregar? Se este mundo é falso, por que então o senhor está aceitando tantas dificuldades para explicar a sua filosofia? Para quê? Sua missão também é imaginária?”

Rāmānuja foi o primeiro grande oponente de Śaṅkarāchārya. Rāmānuja apresentou sua refutação com grande força, baseando-se num sólido fundamento. Rāmānuja argumentou: “Se tudo é fictício, para que Śaṅkarāchārya se esforça com tanta energia, querendo estabelecer sua filosofia? Dizer que 'o mundo é falso' é adotar uma posição suicida. Ele veio aqui para fazer nada? Ele veio para corrigir-nos do erro. Mas tem de haver erros. Erro e equívoco são reais. Por outro lado, qual é a necessidade de gastar tanta energia refutando tantas proposições? Māyā existe. Māyā é eterna. A alma individual é eterna e Māyā

também é eterna.”

A existência material baseia-se na possibilidade de que *tataṣṭha jīva* cometa um erro e desenvolva o equívoco. A alma é *anu-chetana*, consciência atômica. E, como unidades atômicas de consciência, nossa liberdade não é perfeita. Nossa liberdade imperfeita é a causa desta ilusão. A alma tem de ter liberdade. Antes de se cometer um crime, tem de estar presente no sujeito comum e amante da paz a possibilidade de cometê-lo. A possibilidade da doença existe e, nisso, hospitais, remédios e dietas especiais são necessários. Da mesma forma, existe a possibilidade de equívoco na alma, porque somos fracos e limitados.

Māyā, o mundo das medidas, é desnecessário para o Absoluto mas é necessário para aqueles que estão na posição relativa. Māyā é desnecessária quando existe apenas um único auto-interesse. Mas, Māyā é necessária quando há divisão, diferenciação e distribuição, quando há muitas idéias quanto ao que seja auto-interesse.

Dentro do mundo do equívoco, Māyā é a lei do mundo. A lei ajuda a quem a obedece e pune a quem a ofende. A lei é a mesma para todos e essa mesma lei significa proteção para o bom e castigo para o mau. Lei quer dizer dividir direitos. A mesma lei provê proteção para o bom e punição para o mau. A

svarūpa-śakti, a energia interna do Senhor, ajuda o bom e a *māyā-śakti* pune o mau.

Śakti, ou energia, serve aos objetivos do Senhor e, portanto, necessariamente possui dois aspectos, *paritrāṇāya sādḥūnām vināśāya cha duṣkṛtām*: castigar os malvados e recompensar os bons. Quando o Senhor mesmo aparece, Ele tem dois propósitos: um para os bons e outro para os maus. Ele também vem aqui com essa combinação de propósitos. Assim, ainda que Ele seja um, vemos estes dois aspectos em Seu caráter.

Rāmānuja propôs o conceito de que a unidade do Absoluto não é algo rançoso e não-diferenciado. Esta filosofia é chamada de *viśiṣṭādvaita-vāda*, unidade com diferença. A filosofia de Śaṅkarāchārya por sua vez, é conhecida como *kevaladvaita-vāda*, unidade exclusiva. Rāmānuja aceita que a Verdade Absoluta é uma mas, segundo ele, é de uma unidade diferenciada. Ele não aceita uma unidade indiferenciada. Ele não tem dúvidas de que é uma, mas esse uno se caracteriza por especificação e diferenciação. Isso se assemelha ao panenteísmo de Hegel.

Pergunta: Segundo o senhor, a matéria também é consciente já que provém do Senhor, que é a Consciência Suprema. No princípio, quando diferenciamos a matéria do espírito, aprendemos que a matéria é morta e que as entidades viventes a

manipulam. Mas, ao desenvolvermos uma realização superior, perceberemos que a matéria também está vivendo?

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Sim, e isso é conhecido como *śānta-rasa*. Desde uma plataforma de realização superior, podemos detectar consciência em toda parte: no vidro, na pedra, na terra, na madeira, em todas as inúmeras formas e cores em que a matéria possa aparecer.

Estamos sempre em meio a consciência. Consciência é onipenetrante, mas situa-se em diversos graus de concepção. A gradação da concepção pode variar, mas é tudo consciência. Tudo é eterno: *paśu-buddhi-tanturājanam hariṣyeti, paśu buddhi*. Precisamos tentar reintegrar-nos a nosso próprio plano de realidade. Nele, sem o auxílio deste elemento mortal, podemos viver felizes. Aquele plano transcendental não é um mundo indiferenciado. Não é que lá não se possui individualidade. Se podemos admitir a existência de uma massa indiferenciada de consciência, por que não admitir a existência de um sistema de consciência? Rāmānuja diz que é um sistema. Śaṅkarāchārya diz existir apenas uma massa indiferenciada de luz-consciência. Rāmānuja discorda e diz que a base da realidade é uma massa diferenciada de luz-consciência. Não é indiferenciada ou indistinta.

Śrī Chaitanya Mahāprabhu diz que a base da realidade é

achintya bhedābheda, uma bipolaridade inconcebível. Por toda parte há algo semelhante e algo diferente. Quaisquer pontos de oposição que se discutam terão algo de semelhante e algo de diferente. Nada é totalmente igual a algo mais. E, acima disso, o infinito não está ao alcance de sua mão. É inconcebível. A característica unificada e diferenciada da realidade é inconcebível. Seu segredo está nas mãos do Supremo. Não depende de nossos caprichos. Mesmo assim, o caráter diferenciado do Absoluto será visto em forma diversa, conforme a relação subjetiva que tenhamos com Ele.

O Śrīmad-Bhāgavatam (10.43.17) nos dá um exemplo disso:

mallānām aśanir nṛṇaṁ nara-varaḥ
strīṇaṁ smaro mūrtimān
gopānām sva-jano 'satām kṣiti-bhujām
śāstā sva-pitroḥ śiśuḥ

mṛtyur bhoja-pater virāḍ aviduṣāṁ
tattvaṁ paraṁ yoginām
vṛṣṇinām para-devateti vidito
raṅgaṁ gataḥ sāgrajaḥ

“Quando o Senhor Kṛṣṇa, acompanhado de Baladeva, entrou na arena da competição de Kaṁsa, Ele foi visto de diversas maneiras pelos espectadores. Cada qual O via conforme seu próprio relacionamento –*rasa*– com Ele. Aos lutadores, Ele parecia um raio. Às pessoas em geral, Ele parecia ser a personalidade mais bela. Para as damas, Ele parecia ser o jovem mais atraente, o Cupido personificado e, assim, incrementavam sua luxúria. Os pastores observavam Kṛṣṇa como seu próprio parente, provindo da mesma aldeia de Vṛndāvan. Os reis ali presentes viram-nO como o mais poderoso governante. Seus pais, Nanda e Yaśodā, viram-nO como sua criança bem-amada. Kaṁsa, o rei da dinastia Bhoja, viu-O como a morte personificada. As pessoas mundanas viram-nO como a Forma Universal, os ignorantes, como um incapaz e, para as *gopīs*, Ele apareceu como a Superalma. Para os membros da dinastia Vṛṣṇī, Ele apareceu como seu descendente mais célebre.”

Quando Kṛṣṇa entrou na arena, todos viram-nO à sua própria maneira. Desta forma, podemos compreender como Ele satisfaz a todos. Quando Yaśodā O vê, ela diz: “Meu menino!”, mas as *gopīs* olham para Ele como um de seus colegas de folguedo. Kṛṣṇa satisfaz a todos. Até os animais em Vṛndāvan sentem êxtase quando entram em contato com Kṛṣṇa.

**barhāpīḍaṁ naṭa-vara-vapuḥ karṇayoḥ karṇikāraṁ
nibhrad vāsaḥ kanaka-kapiśaṁ vaijayantīm cha mālām
randhrān veṇor adhara-sudhayāpūrayan gopa-vṛndair
vṛndāranyaṁ sva-pada-ramaṇaṁ prāviśad gīta-kīrtiḥ
(Śrīmad-Bhāgavatam, 10.21.5)**

“Enquanto as *gopīs* descreviam a doce vibração da flauta de Kṛṣṇa, lembravam também seus passatempos com Ele. Assim, suas mentes encantavam-se e se tornavam incapazes de descrever plenamente as belas vibrações. Enquanto trocavam idéias sobre a vibração transcendental, relembavam também como Kṛṣṇa Se vestia, decorado com uma pena de pavão na cabeça, parecendo um ator bailarino, com flores azuis por cima da orelha. Sua roupa resplandecia na cor amarelo-dourada e estava enguirlandado com a guirlanda *vaijayantī* feita de flores de *tulasī*, *kunḍa*, *mandāra*, *parijāta* e lótus. Vestido de forma tão atraente, Kṛṣṇa enchia os buracos de Sua flauta com o néctar emanado de Seus lábios. Assim, elas lembravam d’Ele entrando na floresta de Vṛndāvan, cujo solo experimenta o prazer conjugal ao ser abraçado pelo toque dos pés de lótus de Kṛṣṇa.”

Consciência de Kṛṣṇa significa um teísmo desenvolvido até o estado de relação conjugal. Todos os conceitos de satisfação

encontram-se aqui em sua posição mais pura e desejada. Este mundo material é apenas uma sombra, uma imitação negra da realidade. Teísmo pleno significa consciência de Kṛṣṇa. No conceito desenvolvido de teísmo, o Infinito abraça a totalidade do finito. Descende para completamente abraçar e acolher o finito. Este tipo de teísmo desenvolvido encontra-se em Vṛndāvan. Lá, uma parte negligente do finito pode alcançar a bem-aventurança do abraço total do Infinito. Em Vṛndāvan, nenhum recanto do finito fica insatisfeito. Cada partícula de areia e cada trepadeira estão bem representados lá, com uma personalidade completa nos passatempos amorosos de Śrī Kṛṣṇa.

Entretanto, aqui, neste mundo material, uma partícula de areia é nada, é ignorada. Mas lá, tudo é bem cuidado. Em Vṛndāvan não há ignorância. Ninguém tem seu interesse ignorado. Tudo está harmonizado e, portanto, o conceito de Vṛndāvan na consciência de Kṛṣṇa é o conceito superior do teísmo desenvolvido. O Śrīmad-Bhāgavatam diz: “No momento em que Kṛṣṇa põe Seus pés de lótus em Vṛndāvan, a Terra personificada diz: 'Minha missão está cumprida e alcancei a minha máxima fortuna'. Em Vṛndāvan, a terra, a própria poeira, sente o prazer do tipo mais elevado de amor conjugal, meramente pelo toque de Seus pés de lótus. Onde quer que

Kṛṣṇa ponha Seus pés, a felicidade da Terra é ilimitada. Por Seu toque, a Terra sente o êxtase mais intenso.

Em Vṛndāvan, Kṛṣṇa é *mādhurya*, a doçura personificada. Ele é *ānanda*, o êxtase personificado. E Kṛṣṇa corresponde de toda maneira a nossos anseios interiores. O Supremo Centro tem a capacidade peculiar de corresponder a todas as nossas necessidades e satisfazer a sede de toda a existência. Conforme a capacidade, a posição e a dignidade, Kṛṣṇa distribui a todas as almas o sumo do doce oceano dos sentimentos transcendentais, *yo yaṁ śraddhā sa eva saḥ*.

Pode-se saborear a doçura do Absoluto, que é como açúcar caramelado, conforme a capacidade que se tenha. É como o açúcar caramelado que é saboreado de várias formas. Mas com um furúnculo na língua, até mesmo o açúcar caramelado fica amargo.

O patrão verá o homem que trabalha como um empregado. Já seus filhos, o verão como um pai e a esposa, como um esposo. Seu servente o verá como um mestre e os cães e outros animais, de outra maneira. A mesma pessoa será vista diferentemente, conforme sua relação com quem o vê. Da mesma forma, Kṛṣṇa aparece diferente para quem O vê conforme seu *rasa* respectivo. É assim que o caráter diferenciado do Absoluto revela-se, conforme as qualificações subjetivas da alma.

6

Tese

Antítese

e Síntese

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Quais temas você estuda?

Estudante: Filosofia e Religião.

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Em qual universidade?

Estudante: Estadual de San Francisco.

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Você é um estudante de religião e filosofia. Você estudou Hegel? A filosofia de Hegel é, às vezes, descrita como panenteísmo. O panenteísmo propõe que Deus está presente em todas as coisas. Mas, contrastando com o

panteísmo, afirma que Deus é também um ser independente, situado acima e além de todas as coisas. Hegel é ainda conhecido pelo perfeccionismo. Ele afirma que a natureza do Absoluto é tanto condicional como incondicional, combinados. A verdade desenvolve-se através da tese, antítese e síntese e, por este método, tudo progride. Segundo Hegel, o Absoluto existe por Si próprio e para Si próprio. E ele também usava a expressão germânica equivalente à expressão “morrer para viver”. Estas eram suas expressões preferidas.

Tais expressões são muito úteis para os que fazem parte da linha teísta. Se você quer viver uma vida progressiva terá de deixar morrer o que você é agora. Seu ego terá de se dissolver e, então, o ser interior real ou refinado brotará. Esta é uma boa filosofia que apareceu entre os ocidentais. O conceito de “morrer para viver” surge na linha Vaiṣṇava. Hegel também disse que o Absoluto existe “por Si próprio” e “para Si próprio”. “Para Si próprio” significa que a Verdade Absoluta é o Supremo desfrutador. No Bhagavad-gītā, Kṛṣṇa diz:

**aham hi sarva-yajñānām, bhoktā cha prabhur eva cha
na tu mām abhijānanti, tattvenāś chyavanti te**

Este é o ponto mais vital para estabelecer Deus como uma

pessoa. Ele é o desfrutador. Se há algo a ser desfrutado, o desfrutador situar-se-á na posição suprema. Isso não pode deixar de ser assim. Tudo se destina a Seu prazer. E Ele é o Supremo. “Por Si próprio” significa que o Absoluto é Supremo. Tudo se destina à Sua satisfação. Essa é uma verdade necessária, inquestionável e, também, Ele tem existência subjetiva.

Nenhum objeto pode existir sem um sujeito. Nada pode existir sem um pensador. Tem de haver um pensador. Por exemplo, o que é um fóssil? Ao examiná-lo, observamos a cor e a dureza de uma pedra. Mas essas qualidades são apenas pensamentos dentro de nós, um estado de pensamento. O que é cor? Um conceito dentro de nossa consciência. Então, qualquer tipo de existência pressupõe um sujeito ou consciência. Este é o ponto crucial da questão. Nenhum objeto pode existir sem um sujeito. E nenhum sujeito pode existir sem um objeto. Existe o pensador e o pensamento. Se há um pensador, esse tem de estar pensando algo. Portanto, existe um objeto. E, se há um objeto, então qualquer atributo que possua tem de se refletir na consciência de um sujeito. De outra forma, não seria possível a existência. Você entende?

Estudante: Sim. É muito claro.

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Todos esses são conceitos originais

de Hegel, suas contribuições à filosofia. Ele foi um filósofo muito importante. E, mesmo sendo um pensador ocidental, sua filosofia aproximou-se muito à dos pensadores orientais. A filosofia de Hegel aproximou-se da filosofia de Rāmānuja em vários aspectos.

É claro que existem muitos filósofos ocidentais importantes. A filosofia de Kant é muito influente. Você está familiarizado com Kant?

Estudante: Sim.

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Você estudou Descartes?

Estudante: Sim, um pouco. Ele disse: “Penso, logo existo”.

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: É dito que ele é o pai da filosofia moderna. Logo temos Berkeley, que é um pensador subjetivo ao extremo. Locke, Hume, Mill, Berkeley, Johnson, Kant, Hegel – todos esses são filósofos ocidentais importantes.

Estudante: Prefiro estudar filosofia oriental.

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Qual é o tipo de filosofia oriental que você estuda? Sāṅkhya? Yoga? Nyāya? Vaiśeṣika?

Estudante: Zen Budismo e Taoísmo, filosofia chinesa.

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: O conceito de paralelismo apresentado por Platão também é aceito, até certo ponto, na filosofia Vaiṣṇava. Segundo Platão, as formas que percebemos são

um reflexo da forma ideal. Essa era sua compreensão de como as formas que percebemos são um reflexo pervertido do mundo espiritual original. Essa é a teoria de paralelismo de Platão.

Estudante: Poderia o senhor explicar mais sobre os paralelos entre a filosofia de Hegel e a consciência de Kṛṣṇa?

Śrila Śridhar Mahārāj: Na filosofia de Hegel, a verdade progride através da tese, antítese e síntese. A verdade move-se de forma oscilante. Na filosofia da consciência de Kṛṣṇa, a palavra *vilāsa* significa “movimento brincalhão”. Você pode aceitar que significa que o Absoluto está envolvido numa brincadeira e que esta se manifesta de forma oscilante. *Aher iva gatiḥ premnaḥ svabhāva-kuṭilā bhavet*: Uma serpente move-se ondulante; da mesma forma, os movimentos do Absoluto não seguem uma linha reta, mas oscilam. *Vilāsa*, ou o conceito de *līlā* –os passatempos divinos do Senhor– é algo semelhante. Isso é próximo ao que Hegel diz quanto à verdade desenvolver-se de forma oscilante através da tese, antítese e síntese. Há tese, logo vem seu oposto e, então, novamente eles se unem e criam uma nova tese. Então, surge de novo a antítese e mais uma vez uma harmonia maior na síntese. Desta forma, a verdade é dinâmica, desenvolvendo-se e progredindo. Hegel foi o pensador mais profundo entre os filósofos ocidentais. É claro que outros eru-

ditos alemães, como Max Mûler, também foram pensadores profundos. De fato, a Alemanha tinha tamanha apreciação e afeto pela cultura da Índia que certos livros antigos, que não mais podem ser encontrados na Índia, ainda podem ser encontrados na Alemanha. Os alemães nunca foram os senhores coloniais da Índia, mas, mesmo assim, eram extremamente curiosos de conhecer os livros da cultura hindu. Apesar da guerra, muitos livros raros e antigos da Índia, que não mais podem ser achados por aqui, ainda estão sendo seguramente preservados na Alemanha.

Estudante: Eu tinha uma pergunta a respeito da filosofia de Berkeley. Segundo ele, o mundo está na mente. Parece que a teoria de Berkeley tende a negar a existência deste mundo. Tende a argumentar contra qualquer tipo de realidade.

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Mas Hegel veio para, de certa forma, aliviar Berkeley. Alguém poderia desafiar Berkeley dizendo: “Eu posso pensar que tenho cem dólares no meu bolso. Mas, se procurar nos bolsos, os encontrarei?” Hegel diz que eles tem de estar em algum lugar da Mente Universal. Esse é o ponto de vista de Hegel.

Estudante: Então, estão presentes em algum lugar?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: E essa onda vem gradualmente. Este

foi o meu argumento a respeito do livro Jaiva Dharma de Bhaktivinod Ṭhākura. Você leu esse livro?

Estudante: Não. Não estou familiarizado com ele.

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Nesse romance, os personagens que falam da vida espiritual são aparentemente imaginários. As diversas pessoas nesse livro, Brajanātha, o Babajī e outros, parecem ser personagens imaginários conversando sobre a vida espiritual. Mas, certa vez, expliquei que o que está na mente de Bhaktivinod Ṭhākura, o que ele escreveu no Jaiva Dharma, não é imaginário. Em alguma época, as pessoas e eventos que ele menciona têm de ter existido e essas coisas terão de vir a existir novamente. Você entende?

Estudante: Não estou certo.

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: O que Bhaktivinod Ṭhākura viu em sua mente tem de existir em algum lugar deste mundo, às vezes no futuro, às vezes no passado. A mesma coisa que ele descreve em forma aparentemente ficcional existiu de verdade. Vou dar-lhe um exemplo. Quando falo, o som move-se a uma determinada velocidade. Esse som pode ser ouvido mais tarde em outro lugar. O mesmo é verdade no que se refere à luz. Não é?

Estudante: Sim.

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Então, Śrī Chaitanyadeva, com seu

som divino, cantou por aqui e executou *saṅkīrtana*. Ele falou e a velocidade dessa onda divina ainda continua. E agora, pode ser encontrada em algum lugar, em algum universo. Você entende? Estou sendo claro?

Estudante: Penso que sim.

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: A velocidade dessa luz continua; não se perdeu. Da mesma forma, os sons que estou pronunciando agora não estão perdidos. Estão viajando por alguma distância, pelo tempo e pelo espaço. O que vejo, essa onda de luz, também está viajando. As transmissões de rádio da Segunda Guerra Mundial, esse período de guerra, essa visão da guerra, também existem no espaço, em algum lugar. Essa vibração estava, certa vez, por aqui mas agora está em outro lugar. Está fluando em alguma dimensão da realidade, no tempo e no espaço. Se eu atiro uma flor ao Ganges, ela é, então, carregada pela corrente. Se eu puder mover-me com maior velocidade do que a corrente, poderei encontrar essa mesma flor em outro lugar distante no rio. Então, a velocidade da luz, a velocidade da visão, move-se a 299.000 quilômetros por segundo. Se fosse possível nos movermos mais rápido que a velocidade da luz, seríamos assim capazes de retomar a onda visual de eventos que são carregados por essa luz. Isto é possível.

Da mesma forma, o que atualmente existe no plano da imaginação, tem de ter existido na realidade em algum tempo no passado, ou no futuro, mas, no presente, encontra-se em algum outro lugar.

É dito que os passatempos de Kṛṣṇa movem-se de um universo a outro, assim como o Sol se move de uma zona de tempo para a próxima. Agora, o amanhecer está aqui. Dentro de cinco minutos, o nascer do Sol e a manhã acontecerão em outro lugar. Desta maneira, é sempre alvorada em algum lugar. Aqui ou lá, podemos encontrar o Sol em algum lugar da Terra. Se pudermos mover-nos à velocidade do Sol, então estaremos sempre vendo o Sol nascer.

O que veio à mente de Bhaktivinod Ṭhākura, o que ele pode ter descrito de forma aparentemente fictícia, tem de existir em algum lugar no plano da realidade, no passado ou no futuro. É realidade. Não é imaginação. Tudo é real. Isto não é imaginação. O que vejo em meus sonhos é agora falso. Mas, em alguma vida anterior, em meu passado, experimentei essa realidade. Tive esse tipo de visão e isso agora veio a mim na forma de sonho. Foi um fato e agora é apenas um sonho.

O que está na mente pode ser abstrato para nós, mas na Mente Universal tudo é concreto. O que existe no plano da

imaginação tem de ser, e pode ser, encontrado em outro lugar.

Estudante: Ainda que tudo, em um sentido, encontra-se na mente, mesmo assim, quando sinto calor e descubro que outros também sentem calor, concluo que está quente. Parece que, conforme Berkeley, isto está ocorrendo somente em minha mente.

Śrīla Śrīdhar Mahārāj: Você tem de compreender a verdade fundamental que o que é quente para você pode ser um meio ambiente frio para outro organismo. É uma questão de grau. Nossa experiência de frio e calor depende de nosso grau de tolerância. O que é frio para nós pode ser quente para outros. Desta maneira, temos de nos ajustar à idéia de realidade; o que é quente para mim pode ser frio para outro. Realidade é uma coisa para seres humanos e é algo inteiramente diferente para insetos, vermes e outros organismos. O que é brilhante para nós é escuridão para outros. O que é brilhante para uma coruja é escuro para nós. Você entende?

Estudante: Sim.

Śrīla Śrīdhar Mahārāj: A criação tem uma natureza diversificada. A experiência de nossos olhos e ouvidos difere da experiência de outros, cujos sentidos são diferentes dos nossos. Podemos ouvir o que outros não podem. Mas nossos ouvidos não podem detectar infra-sons ou ultra-sons; podem detectar

apenas um espectro de som limitado. Nossa visão também é limitada. Não podemos ver luz infravermelha ou ultravioleta. Nosso sentido do tato é sensível a um grau extremamente limitado. Então, todas as realidades coexistem. A realidade ajusta-se conforme nossa própria experiência. Algo parece frio para mim. Esse mesmo algo é quente para outro. Dessa maneira, é “quente” ou “frio” conforme nossa experiência subjetiva. E é assim que “nossa realidade” existirá. Portanto, o que é percebido pela mente não é imaginação. É realidade. O que é imaginação para mim é realidade para outro. O nascer e o pôr do Sol podem ser percebidos simultaneamente de dois pontos de vista distintos. Todas as experiências coexistem em toda a Criação.

Pela vontade do Senhor Supremo, o que você agora sente como sendo frio pode facilmente vir a sentir como sendo muito quente. Pela vontade dEle tudo é possível – tudo depende dela. Ele é a causa última. Se Deus assim o desejar, aquilo que você considera intoleravelmente quente, no instante seguinte, você será forçado a sentir como sendo intoleravelmente frio. Tudo depende de Sua vontade, que está vindo até aqui seja numa forma modificada, numa forma geral ou em forma especial, segundo Seus caprichos. É assim que pode existir uma gradação quanto ao modo como Ele manifesta a Sua vontade. Mas, a

vontade dEle é a causa primordial de tudo e se encontra acima da lei. Temos de ser conscientes disso. Só então, poderemos ser capazes de explicar qualquer coisa.

Estudante: Portanto, Ele é um tipo de hipnotizador?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Sim, Ele é um hipnotizador. Tudo depende da doce vontade do Absoluto. Tudo é projetado e destinado por Ele. Tudo está em Suas mãos. O Centro Absoluto existe por Si próprio e para Si próprio. Somente Ele e ninguém mais conhece o propósito de tudo. Somente Ele conhece Seus modos e ninguém mais pode conhecê-los. Podemos saber o tanto que Ele deseja que saibamos. E também isso pode mudar por Sua doce vontade. Portanto, Ele é completamente livre: um autocrata.

Esse autocrata supremo só pode ser capturado pelo amor e não pelo conhecimento. Seus modos são incertos. Como nosso conhecimento poderia ajudar-nos a compreendê-lo? O conhecimento pode ajudar-nos a entender algo que siga leis fixas e possua uma natureza fixa. Mas, o Absoluto é um autocrata. A qualquer momento, Ele pode mudar todas as leis. Portanto, como poderemos conhecer o Infinito? Ao tentar compreender a Verdade Absoluta, toda nossa experiência prévia fica nula e vazia. A cada instante, Ele pode nos mostrar uma nova cor. Não

se pode fazer nenhuma afirmativa clara da verdade a respeito de Deus a partir de qualquer grau de conhecimento. Conhecimento é fútil em relação ao Infinito. Primeiro, Ele Se move de uma maneira, depois, de outra. Faremos nossos cálculos baseados no quê? Sua posição muda sempre por Sua doce vontade.

Seu coração pode ser capturado somente pela entrega. É somente pela entrega que podemos satisfazê-LO. E, se Ele o desejar, poderá dar-Se a conhecer. Mas, mesmo assim, somente poderemos conhecer aquela parte de Sua personalidade, aquele tanto de si próprio, que Ele quiser nos revelar. O planejador da realidade é um autocrata. Está acima da lei. Temos que considerar isso cuidadosamente. Aquele que está planejando este universo está acima da lei. Não está sob a jurisdição de nenhuma lei. Ele não possui nenhum tipo de natureza fixa. A qualquer momento, Ele pode mudar Sua posição por Sua doce vontade. E o que Ele desejar terá de vir a ser.

Estudante: Bertrand Russel diz que, se há um Deus, Ele não pode ser bom. Deus mesmo não está sujeito à lei, mas se violarmos a lei de Deus, sofremos. Se Deus fosse bom, poderia ter criado todas as almas deste mundo acima da lei.

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Se ele diz isso, quer dizer que quer tornar-se o Deus dos Deuses. Ao Sr. Russel nós dizemos que, “A

Verdade Absoluta é desconhecida e incognoscível. Como Seus caminhos podem ser conhecidos? Ele é um autocrata e você quer impor sua experiência finita, deformada e frágil à Verdade Universal! Sua experiência é a limitação da limitação e você quer atirar essa pequena experiência sobre o todo ilimitado? É um argumento muito deplorável, baseado na asserção de um conhecimento falho. De sua posição finita você quer conhecer a dimensão do todo infinito para então criticá-lo. Qual o fundamento de sua crítica? Você se aproxima do Infinito para criticá-lo baseado em quê? O quanto você conhece sobre Ele?

“Se vir uma mãe castigando seu filho e vir apenas essa parte de seu comportamento, você poderá concluir que ela é muito cruel. Mas você desconhece o afeto com o qual a mãe cuida de sua criança. Não percebe como ela se preocupa com seu futuro. Não percebe tudo isso. Você poderá dizer que ela está castigando o filho e que, portanto, ela é cruel. Mas desconhece o contexto de seu comportamento. Qualquer incidente tem de ter um futuro e um passado e você deve cuidadosamente detectar isso antes de proclamar um julgamento, ou fazer qualquer comentário.

“Em seu caso, quão limitado você é em relação ao Infinito? Até que ponto pode compreendê-lo? Sua capacidade de conhecer o Infinito é muito débil. Ninguém deveria tentar fazer

qualquer afirmativa a respeito da vontade infinita baseado em sua própria capacidade limitada. Para uma pessoa de conhecimento, isso é leviano e suicida.”

Estudante: Ouvi dizer que, segundo a ontologia Védica, a alma é marginal. Da sua posição marginal ou *tatastha*, as almas *jīva* sabem que existe um mundo superior e um inferior? Que existe sofrimento no mundo material e serviço divino no mundo espiritual?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: A alma *jīva* tem adaptabilidade para ambos os lados. Marginal quer dizer “dotado de adaptabilidade em relação tanto ao mundo material, quanto ao mundo espiritual, sem participação ou qualquer experiência de ambos.” A alma marginal (*tatastha jīva*) possui, tão somente, adaptabilidade seminal em relação a ambos. Situa-se à margem entre os mundos material e espiritual. E situar-se à margem, estritamente, significa que se está na posição de poder analisar a adaptabilidade. Pode-se ir rumo ao mundo espiritual e vir para o mundo material. Existem potencialmente ambas as possibilidades, mas é dado à alma exercitar a sua liberdade. A alma é uma unidade consciente, por isso possui livre-arbítrio. Liberdade é inseparável de consciência. Unidade consciente e liberdade são iguais. Átomo consciente significa estar dotado de liberda-

de, pois sem liberdade seria matéria.

Estudante: A alma possui liberdade, mas terá conhecimento dos variados aspectos da realidade?

Śrila Śrīdhara Mahārāja: A alma é muito pequena e sua liberdade também é imperfeita. Em sua posição marginal, a alma é muito vulnerável. Liberdade não quer dizer liberdade absoluta. A possibilidade de cometer um erro existe, pois a alma é tão pequena e sua liberdade defeituosa. A liberdade da alma minúscula não significa liberdade perfeita. Liberdade completa seria realidade perfeita. Mas a alma minúscula é dotada da menor liberdade atômica. Esta é a posição dos átomos de consciência e é por isso que são vulneráveis. A posição dos que se encontram situados na posição marginal é que poderão julgar correta ou incorretamente. Teríamos de culpar a Deus por nosso sofrimento, caso a alma não fosse dotada da liberdade de poder determinar sua posição. Mas não podemos culpá-lo. O ponto de partida do sofrimento da alma está dentro de si própria.

O sofrimento de uma alma em cativeiro é semelhante ao do viciado numa droga. Antes de começar a intoxicar-se, o primeiro passo rumo ao vício é a curiosidade. Então, após intoxicar-se por um certo tempo, não se pode viver sem intoxicação. Nosso apego a Mâyā, ou o equívoco, é como o vício de uma droga.

Inicialmente, sentimo-nos curiosos. Mas, quando nos habituamos à intoxicação do equívoco, somos forçados a continuar usando essa substância intoxicante. O vício poderia nunca ter começado. Mas, assim que começou, na medida em que se cultiva o vício, a intoxicação o devorará.

A causa primeira de nosso enredamento com a natureza material foi de misturar-nos com Mâyā numa brincadeira de curiosidade. Mas, quanto mais nos tornamos seus amigos, mais ela nos devora. É assim que acabamos nas garras de Mâyā. Inicialmente, no entanto, nosso envolvimento era muito pequeno. Era como quem está experimentando uma droga. O início de nossa brincadeira com Mâyā envolvia o mau emprego de nosso livre-arbítrio e é isso que nos trouxe ao estado atual, onde Mâyā nos devorou. Mâyā significa nossa atração pela intoxicação. Mâyā existe onde quer que haja gosto pela exploração. É o oposto da exploração é a verdade. A verdade é encontrada quando se dedica tudo ao centro, a Kṛṣṇa.

Estudante: Se, na posição marginal (*tataṣṭha*), a alma está exposta a ambas, à realidade e à ilusão, por que então ela não tem suficiente discriminação para tomar o caminho certo?

Śrila Śrīdhara Mahārāja: Ela não tem uma discriminação profunda, real. Tem apenas um pouquinho de discriminação.

Mas esta existe; por menor que seja, existe.

Estudante: Poderia ela também se dirigir para a dimensão espiritual do Senhor?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Sim. E algumas almas vão para aquela região. Algumas vão para aquele lado e outras vêm para este. A alma tem independência. Não é que todos vão a um só lado, ou ao outro. Desse modo, haveria coação. Mas não há coação. É uma escolha livre. Alguns vêm para este lado e outros vão para o outro lado.

Estudante: Há algum conhecimento que possa vir de fora, ou é possível que a alma, na posição marginal, receba ajuda de um agente externo?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: O auxílio externo está presente em cada estágio de nossa existência espiritual no plano marginal. Indiferentemente de existência espiritual, no plano marginal somente pode haver ajuda provindo de agentes superiores. Uma pessoa santa comum não pode detectar os defeitos ou qualidades transcendentais na alma indiferenciada. Tal ajuda é trabalho para uma personalidade superior. Somente o próprio Deus ou uma pessoa santa dotada de poder por Ele podem ajudar uma alma nessa condição. Suponha que você tem uma criança recém-nascida. Apenas um médico especialista, com conheci-

mento avançado, pode tratá-la. Mas, quando a criança for um pouco crescida e puder falar, poderá expressar os sintomas que a afligem. Nesse momento, um médico comum poderá ajudá-la. Os santos comuns não nos podem ajudar em um certo ponto. Mas o próprio Senhor e aqueles santos altamente dotados de poder, que estão intimamente conectados a Ele, podem nos ajudar em qualquer estágio de nosso desenvolvimento espiritual.

7

O Super-sujeito

Pergunta: Como podemos aplicar discriminação e julgamento corretos em nossa busca por conhecimento do Infinito?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: A discriminação pode ocorrer em planos diferentes, mas tem de estar conectada ao plano superior. Julgamento e discriminação deveriam estar no plano certo. Julgamento e discriminação surgem de nosso lado. Mas nosso progresso depende do favorecimento do lado superior. Precisa ter essa conexão. Por isso, a entrega é necessária, pois, assim, o Senhor se aproximará de nós e nos levará a esse plano superior. De qualquer forma, temos de persuadir a autoridade superior a nos favorecer. Temos de convidar a autoridade superior a nos aceitar. Não depende tanto de nossa própria habilidade,

mas de nossa submissão e entrega, de nosso anseio por misericórdia; não de nossa capacidade positiva, mas de nosso caráter negativo, de nossa entrega. Como sujeito, não posso fazer do Infinito o objeto de minha discriminação. Ele é sempre o super-sujeito. A minha posição, a minha atitude, deve convidar a autoridade superior a descer até meu nível e me auxiliar, favorecer-me. Discriminação ou conhecimento reais deveriam levar-me à auto-entrega. Entrega é necessária para atrair a atenção do Senhor. Tudo depende de Sua doce vontade. Ele é um autocrata: Sua doce vontade é tudo. Se desejarmos progredir na vida espiritual, nosso verdadeiro problema será atrair Sua doce vontade, incrementar nosso lado negativo, nossa tendência à entrega, atrair Seu favor. E, a fim de atrair a atenção do Senhor, todas nossas qualificações devem possuir um caráter negativo. Precisaremos de entrega, submissão, humildade e, então, poderemos urgir nossa posição orando: “Ó meu Senhor, estou em grande necessidade. Sem Sua graça, não posso continuar. Estou desprotegido. Sem Seu favor, não posso aguentar.” Esse tipo de anseio, veemência e necessidade por Sua misericórdia poderão nos ajudar. Em outras palavras, temos de incrementar nosso caráter negativo e, ao fazê-lo, poderemos atrair o positivo, Kṛṣṇa.

Desse modo, desenvolveremos a discriminação apropriada, pois, nesse momento, nosso caráter subjetivo nos levará a agir apenas como Seu agente. Ele nos inspirará internamente em tudo que fizermos. Nossa discriminação será usada em levar adiante Sua ordem. Não será possível manter algum interesse separado, qualquer discriminação original. Eu levarei avante Sua ordem, ou a ordem do oficial superior do Senhor Supremo. Eu utilizarei a minha discriminação em como fazer os arranjos inferiores para levar adiante essa ordem. Contudo, em relação ao Senhor, que me é sempre superior, minha atitude será sempre de submissão, entrega, obediência, dedicação e escravidão incondicional. A mentalidade escrava nos auxiliará a entrarmos nesse plano. Se, de verdade, sentirmos que somos inferiores e necessitados, então, o suprimento de misericórdia virá do plano superior. Este deveria ser sempre o teor de nossos pensamentos: superior e inferior, subjetivo e objetivo. E Kṛṣṇa não está sujeito a nenhuma regra. Ele é um autocrata. Estas são as referências que devemos manter sempre em nossas mentes. Tudo se move segundo a Sua doce vontade. Nosso problema, então, é como atrair a Sua atenção. Isso será possível somente incrementando nossa tendência negativa, demonstrando a Ele, de forma genuína, que eu sou o mais necessitado. Nesse mo-

mento, desenvolveremos uma discriminação e conhecimento corretos, ou seja, a nossa discriminação será utilizada para executar a Sua ordem.

Pergunta: No Ísopaniṣad existe o *mantra*:

**vidyām chāvidyām cha yas, tad vedobhayaṁ saha
avidyayā mṛtyuṁ tīrtvā, vidyayāmṛtam aśnute**

A tradução que foi dada por Śrīpad Bhaktivedānta Swāmī Mahārāj diz: “Somente quem aprender, lado a lado, o processo da necedade e do conhecimento transcendental transcenderá a influência dos repetidos nascimentos e mortes e desfrutará da plena benção da imortalidade.” O que quer dizer “aprender, lado a lado, o processo da necedade e do conhecimento transcendental”?

Śrīla Śrīdhar Mahārāj: Um é negativo e o outro é positivo. Conhecimento quer dizer saber o que é falso e deixá-lo e reconhecer o que é verdade e a aceitar. Você entende? Cultivar uma compreensão sobre falsidade e verdade significa saber que, “Isto é falso e devemos rejeitá-lo”. E cultivar a verdade significa aceitá-la. Não que cultivar queira dizer que devemos cultivar ignorância a fim de obtê-la. O que está sendo encorajado aqui,

nesse *mantra*, é a rejeição da falsidade e a aceitação da verdade. Os defeitos de Mâyā devem ser analisados. Temos de saber, “Oh, isto é Mâyā. Isto é mau. Não há esperança para isto. Isto é indesejável.” Precisamos saber isso para evitar tais coisas. Temos de rejeitar a necidade e devemos tentar conseguir ciência, conhecimento. Devemos tentar compreender o lado brilhante e mirar a luz, aceitá-la cada vez mais e progredir rumo à verdade.

Pergunta: O filósofo alemão católico do século quinze, Nicholas de Cusa, ensinou a doutrina da Ignorância Culta. Como é que isso se compara com a filosofia Vaiṣṇava?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Podemos aceitar o lado brilhante. Nobre ignorância, em nosso ponto de vista, é a devoção desprovida de conhecimento. Nobre ignorância significa não tentar calcular neste mundo, mas entregar-se; perder a capacidade de cálculo e entregar-se ao Supremo. Podemos interpretar *jñāna sunya bhakti* dessa maneira. Ignorância culta é quando o saber compreende seus próprios limites, quando se entende que, “Eu sou finito e meu saber também é finito. A erudição não pode tornar-me um pesquisador genuíno do Infinito.” É melhor render-nos ao Infinito e deixá-lo trabalhar dentro de nós para nosso melhor interesse. A submissão e a entrega ao Infinito são

o alcance máximo do saber. Ignorância culta significa compreender que não podemos conhecer o Infinito. Se Ele se der a conhecer, então poderemos conhecê-lo e não de outra forma.

Pergunta: Nicholas de Cusa disse, “Deus é inconcebível para o pensamento”. O que o senhor diz?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Sim, é somente pela devoção e por sua graça que Deus pode ser conhecido. Nosso cultivo de conhecimento não nos dará Deus. O conhecimento é deficiente na investigação de Deus, o Infinito. Somente Sua graça pode dá-lo. Temos de vir para o lado da devoção e livrar-nos do conhecimento. Nosso esforço por obter algo através do conhecimento terminará quando entrarmos em contato com o Infinito. O conhecimento tem seus limites. E, quando o conhecimento falha, começa a fé. O conhecimento falha e a fé se desenvolve. Vocês precisam desenvolver a fé e abandonar sua esperança no conhecimento. Um laboratório de pesquisas não lhes pode dar Deus. Quando o cosmonauta russo Yuri Gagarin voltou do espaço, uma senhora perguntou-lhe: “Você foi tão alto! Você viu Deus por lá?” Mas ele era ateu e respondeu: “Deus é como um cavalo puxando nossa carruagem. Por que é que a senhora pensa em Deus? Nós usamos Deus em nosso serviço. Com nosso conhecimento e nossa pesquisa científica

forçamos Deus a nos servir.” Esta é a jactância orgulhosa da ciência: “Ocupamos Deus em nosso serviço. Estamos acima de Deus. Somos superiores a Deus. Deus é criação nossa.” Como se Ele fosse a criação de um grupo tresloucado da sociedade.

Pergunta: Nicholas de Cusa também ensinou que “Os opostos coincidem em Deus. Os opostos, menor e maior, unem-se em Deus”. Qual é a sua compreensão?

Śrila Śrīdhara Mahārāja: Não apenas o grande e o pequeno, mas também o mal e o bem. Até mesmo os antipartidos, tudo está harmonizado em Deus. Bem/mal, amigo/inimigo, tudo se harmoniza e se acomoda ali –e perde seu veneno. Tudo se torna bom. Ele é o princípio todo-acomodante, todo-harmonizante, todo-adequador, tanto direta quanto indiretamente. Tese e antítese encontram sua síntese superior no conceito Kṛṣṇa da divindade.

8

Ciência Versus “Nesciência”

Estudante: Terminei meus estudos e estou agora dando um tempo, umas férias.

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Por favor, não fique ofendido, mas o fato de você estar envolvido no atual sistema de educação significa que você está mergulhando profundamente no oceano de ignorância. Você está progredindo num oceano de ignorância.

Estudante: O que o senhor quer dizer com isso?

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Como um estudante da “nesciência”,

você se move no sentido oposto ao da verdade. Você está aprendendo que você e outras almas como você são os sujeitos, o centro do universo, e que tudo, tudo o mais, é um objeto destinado unicamente à sua exploração. Estão lhe ensinando que somos exploradores e que o meio ambiente existe inteiramente para nossa exploração. Este é o fundamento em que se baseia o atual sistema de educação, um conceito completamente falso.

Na realidade, nós não somos o sujeito, o centro do universo. A causa encontra-se no mundo superior. Kṛṣṇa é a Suprema Verdade Absoluta. É apenas por Sua vontade que tudo vem a existir. Ele diz: “Haja luz” e há luz; “Haja água” e há água; “Haja terra” e há terra. Sua vontade é todo-poderosa. Verdadeira educação é saber disso, um saber subjetivo. O que experimentamos brotou da vontade divina. Ele pode mostrar algo a mim e algo inteiramente diferente a você como se fosse um mágico. O Super-sujeito, o sujeito universal, tem tal poder. Desse modo, nossa idéia é completamente oposta à dos fossilistas. Não é que, desde tempos imemoriais, o fóssil vem se desenvolvendo até se transformar neste mundo de experiências. É exatamente o oposto. Portanto, ao conceber este mundo como estando baseado no fossilismo, estamos mergulhando

profundamente num intenso oceano de ignorância. Bhaktivedānta Swāmī Mahārāj pediu a alguns de seus discípulos, que eram acadêmicos pesquisadores, que esmagassem o fossilismo de Darwin, ou seja, a idéia de que tudo provém de fósseis. Esta idéia deve ser demolida; não é assim.

Tudo está vindo de cima. O que experimentamos atualmente é algo assim como o resultado da hipnose. No processo de hipnose, o hipnotizador, a qualquer momento, pode fazer com que removamos nossa consciência de algo, mostrando-nos outra forma de ver a realidade. Da mesma forma, o Supremo é livre e o que quer que deseje torna-se realidade. O que quer que imagine torna-se realidade (*satya-sankalpa*). Ele pode nos forçar a ver algo e, quando o faz, não podemos ver de outra maneira.

Se você puder compreender este princípio, poderá entender como tudo é possível para a Divindade. Então, você poderá ter alguma fé no que é o Supremo. Supremo significa a origem da Criação. E ainda, esta Criação é apenas uma parte insignificante de Sua natureza divina. Ele possui qualidades e atividades infinitas. Este mundo em que vivemos é apenas uma parte desprezível da manifestação cósmica. A inteira base de tudo está lá, n'Ele. Vem de cima para baixo e não de baixo para cima. Dizemos não à idéia de que tudo se desenvolve de baixo

para cima. Um fóssil não é algo perfeito ou capaz o suficiente de criar tudo isto. Dizer que a inteligência provém do fóssil é um conceito tolo.

Inteligência pode ser detectada por toda parte. Em tudo que analisemos encontraremos uma razão superior, uma inteligência superior. Os cientistas ficam atônitos ao descobrir a inteligência superior. Os cientistas ficam atônitos ao descobrir a inteligência que existe dentro da natureza. Continuam a descobrir leis maiores e superiores. E, mesmo assim, todas elas já existiam. Ocorre somente que estes tolos não eram conscientes delas. Mas um grau de uma ordem extremamente refinada existia muito antes de sua “descoberta”. As maravilhosas leis da natureza existiam muito antes de sua descoberta. Isto é evidente por toda parte. As leis físicas da natureza não existem devido à sua descoberta. Por acaso os cientistas inventaram as leis da natureza? Eles podem inventar muitas coisas, mas a inteligência que se encontra dentro da natureza, já existia antes. E ainda tem mais, o poder existe em toda parte. De onde provém a inteligência dos cientistas para inventar algo? De onde se origina? Surge do cérebro? Ou é meramente um pedaço de carne morta? Será que a inteligência vem de algum outro lugar?

A consciência –espírito– é todo-penetrante. Está presente

até mesmo nas árvores, pedras, terra, éter, ar, por toda parte. Para conhecermos a verdade temos de nos conectar ao princípio consciente do Infinito. O que é o Infinito? Ele é onipotente, onisciente, onisimpático, oniamoroso. Nossa aspiração real deve ser a de termos uma conexão direta com Ele, pondo de lado o encanto por Sua substância criada. Deveríamos querer negociar a forma de ter uma conexão com o próprio Criador.

Sua posição não é simplesmente de Criador. Este mundo é uma criação de uma ordem inferior. Mas existe também uma criação superior no plano da realidade, a qual é infinitamente superior a este mundo de experiência. Deveríamos inquirir quanto à possibilidade de viver nesse solo. Deveríamos tentar compreender as camadas de realidade nesse domínio de consciência e como ascender mais e mais nessa região. Deveríamos perguntar sobre isso e descobrir como poder entrar lá. Deveríamos tentar compreender qual é a chave de entrada nessa morada transcendental. Esta deveria ser a base de nossa busca da verdade. Deveríamos inquirir sobre como nos livrarmos tanto do plano da renúncia como do plano da exploração.

Certa vez, Kṛṣṇa foi à corte dos Kauravas, o campo de Duryodhana e Dhṛtārāṣṭra, para conversar sobre paz. Nesse momento, Karṇa, Duryodhana e os outros do grupo tentaram

atá-lo e pô-lo na prisão. Eles pensaram que, se Kṛṣṇa fosse aprisionado, todo o grupo dos Pāṇḍavas estaria automaticamente acabado. Eles sabiam que Kṛṣṇa era a vida e a alma bem como o conselheiro de seus inimigos, os Pāṇḍavas. Eles pensaram, “Agora, temos Kṛṣṇa em nossas mãos. Precisamos aprisioná-lo imediatamente”. Quando eles foram amarrá-lo, Kṛṣṇa manifestou Sua Forma Universal. Nesse momento, Ele revelou Sua natureza divina de tal forma que os homens que iam atá-lo ficaram perplexos. Eles pensaram: “O que Ele é!” Quando Kṛṣṇa manifestou Sua Forma Universal de milhares de cabeças, mãos e pernas, eles pensaram, “Isto é algo gigantesco! Aqui, nesta forma, encontra-se Baladeva de um lado, Arjuna de outro e Bṛghu ainda em outro lado. Onde é que vamos amarrar a corda? Não podemos!” Estavam perplexos.

Nesse momento, quando Kṛṣṇa mostrou Sua Forma Universal na Assembléia dos Kurus, em Hastinapura, todos os presentes começaram a cantar em glorificação a Kṛṣṇa. Nessa ocasião, Bhīśma, Drona, Nārada e Vyāsa estavam presentes na Assembléia e se puseram a glorificar o Senhor. Ouvindo suas vozes, o rei cego Dhṛtarāṣṭra ficou encantado e orou a Kṛṣṇa: “Eu não posso vê-lo. Eu sou cego. Mas ouço estas grandes almas cantando Suas glórias ao verem Sua forma magnífica. O Senhor

pode fazer o que quer que seja. Então, apenas por agora, por favor, remova minha cegueira. Deixe-me ver Sua figura e cor. Deixe-me contemplar a beleza que tanto estão elogiando. Após remover a minha cegueira, o Senhor pode novamente tornar-me cego.” Kṛṣṇa respondeu: “Não é preciso que se remova sua cegueira. Preciso apenas ordenar-lhe que Me veja e será capaz de ver-Me.”

Essa é a própria natureza de poder vê-IO. Nossa visão do Supremo depende de Sua vontade. Não é o olho que pode vê-IO, nem o ouvido que pode ouvi-IO. Ele está acima da experiência sensorial. Pode ser visto apenas por Sua vontade. Ele disse, “Veja-me” e Dhṛtāraṣṭra O viu. Mesmo sendo cego, ele pôde ver a forma divina de Kṛṣṇa. Então, o que é Kṛṣṇa? Se um surdo pode ouvi-IO e um cego pode vê-IO, qual é então a natureza dessa substância divina que é Kṛṣṇa?

Em outra ocasião, quando Arjuna desejou ver a Forma Universal de Kṛṣṇa, a Viśvarūpa, Kṛṣṇa disse, “Sim, Arjuna, Veja-Me!” Arjuna contemplou Sua Forma Universal. Kṛṣṇa perguntou-lhe: “O que você vê?” E Arjuna respondeu: “Vejo tantas manifestações divinas, maravilhosas. É a maravilha das maravilhas!” Portanto, a doce vontade de Kṛṣṇa é a base de tudo. Estamos vivendo em correlação com esse poder absoluto.

No ambiente em que vivemos atualmente não existe estabilidade. A importância toda se encontra na vontade divina do Supremo. Ele é a causa de todas as causas. Este mundo emana dEle, é mantido por Ele.

Entretanto, o plano da dedicação é muito superior a este domínio mundano. E ouvimos que, pela dedicação, pela entrega, podemos ter uma conexão direta com o centro de tudo o que existe. Deste modo, nosso conselho aos cientistas é: “Médico, cura-te a ti mesmo! Vocês vieram para apresentar tantos modelos estonteantes de civilização ao mundo! Mas , primeiro, devem curar a si mesmos plenamente. Tudo que vieram distribuir é uma fraude. As leis da natureza respeitadas por tudo à nossa volta são apenas a doce vontade do Supremo. As leis da natureza não são algo rígido. Sua base é a doce vontade de um autocrata. Assim, o que vocês sabem é nada, não é conhecimento.” A qualquer momento, as leis da natureza podem ser mudadas pela doce vontade do Autocrata Supremo e outro conjunto de regras pode vir a substituí-las totalmente.

A chave para operar a mudança em nossa habilidade de experimentar a realidade está em Suas mãos. Ele pode facilmente dizer: “Ó Arjuna, você vê isto, mas eu sou aquilo”. E Arjuna dirá: “Sim, agora vejo que o Senhor é aquilo”. Tudo

pode ser visto de uma forma por Sua vontade e, no momento seguinte, Ele pode remover essa visão da realidade. De modo que o conhecimento que podemos adquirir através da educação materialista não tem nenhum valor. Com esta percepção, deveríamos entusiasticamente iniciar nossa busca por Śrī Kṛṣṇa, a Realidade, o Belo.

Kṛṣṇa é o próprio encanto. Ele é o Absoluto todo-charmoso. Nossa necessidade inata é de encontrar doçura, beleza, *rasa*, *ānandam*, êxtase, felicidade. Todos desejam isso. Ninguém pode dizer: “Não desejo felicidade”. Ninguém –do mais baixo ateu ao mais elevado teísta– pode negar isso. Todos dirão: “Sim, desejo êxtase. Desejo doçura, felicidade, paz.” Esta é a demanda em cada unidade concebível. Do pior ateu ao melhor teísta, onde quer que haja concepção, todos desejam uma existência pacífica. Portanto, nossa necessidade direta está n’Ele, em Śrī Kṛṣṇa, A Realidade, O Belo. Ele é *raso vai saḥ*: o êxtase, a própria beleza. Devemos iniciar nossa busca por aí.

Não perca um momento, nem um minuto de sua vida nesta empreitada impossível. Abandone tudo. *Sarva dharmān parityajya*. Deixe tudo para trás. Abandone todas as fases do dever com as quais está tão comprometido. É tudo inútil. Comece a busca desse princípio divino que é o Criador, o Mestre de tudo, a

satisfação de tudo. Busque diretamente por Ele. Abandone todas suas assim-chamadas obrigações e deveres de sua posição relativa. São conceitos e visões equivocados a partir de sua posição defeituosa atual. Não confie neles. Busque diretamente pela causa primeira, de quem tudo provém como num milagre. Ele é o preenchimento de nossas vidas. Ele é a satisfação de cada existência atômica, em todos os mundos.

Temos de tentar marchar rumo a Kṛṣṇa, com Suas bênçãos sobre nossas cabeças. E seus agentes nos fornecerão auxílio importante nessa direção. Outros nada podem fazer para nos ajudar em nossa busca interior. Temos de buscar o abrigo dos santos. Temos de nos abrigar em Seu nome divino. É inseparável de Sua existência. O aspecto sonoro da Divindade pode nos ajudar muito em nosso retorno ao Supremo. Seu Santo Nome é nosso slogan, nosso grito de guerra: “Hare Kṛṣṇa!” Com tal slogan, marcharemos adiante com Seus agentes genuínos. Temos de segui-los e nos livrarmos de todas as outras possibilidades e promessas, de todos os assim-chamados projetos de vida. Eles são nada. Eles não tem valor algum.

Estudante: Há muitas iniquidades no mundo. Há muita injustiça, não é? Como podemos explicar isso?

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Justiça e injustiça são ambas falsas.

São como um sonho. Pode-se ter um bom sonho ou um mau sonho. Em ambos os casos, trata-se apenas de sonho. Assim, não se deveria perder energia para remover o que é injusto e incrementar a justiça. Justiça, injustiça, é tudo falso, completamente falso. No Chaitanya-charitamṛita (Antya-līlā, 4.176) está dito:

**'dvaite' bhadṛābhadrā-jñāna, saba –'manodharma'
'ei bhāla, ei manda', –ei saba 'bhrama'**

“No mundo material, todas as concepções de bem e mal são invenções mentais. Portanto é um erro dizer, 'Isto é bom, isto é mau'.” A base deste cálculo é falsa. Nosso real interesse não se encontra ali. Estamos indo atrás de uma pista falsa. Nossa satisfação não será encontrada nessa direção de forma alguma.

Neste mundo material, há pouquíssima diferença entre justiça e injustiça. Tudo neste mundo está baseado em trapaça. Todos estão trapaceando. Pode ser que haja trapaça de variados tipos, mas todos estão trapaceando. Qualquer justiça ou injustiça é apenas ilusão. Pode-se ter um sonho bom, esperançoso ou um sonho desastroso. Mas ambos são sonhos. Ambos são falsos. A justiça neste mundo também é falsa. É uma invenção mental.

E, o que quer que seja aparentemente perverso, dentro da concepção de perversidade, também é falso. Por que nos permitimos perder tempo numa causa perdida? No final, estes conceitos relativos de justo e injusto, bem e mal, são todos falsos. Sejam boas ou más, todas as esperanças dentro do plano do equívoco baseiam-se numa invenção mental.

Estudante: Mas há tantas pessoas esfomeadas no mundo. Parece injusto!

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: O que dizer da fome! Estamos numa caverna, aprisionados numa caverna! O que, de forma alguma, é algo desejável para a alma. O mundo inteiro, com seus sóis, estrelas, luas, oceanos e montanhas, está desaparecendo e novamente surgindo e indo. Você pode ser senhor de tudo o que examina, mas é um senhor no campo de cremação, um mestre no campo de cremação a se lamentar, “Oh, tudo está morrendo. A cada segundo tudo está morrendo!” Em sua elegia, Grey escreveu:

“O orgulho da nobreza, a pompa do poder,
E toda essa beleza, toda essa beleza aqui contida,
Espera igualmente a inevitável hora.
A senda da glória conduz apenas à sepultura.”

Tudo aqui conduz apenas à sepultura e estará acabado.

Estudante: Creio que o que desejo perguntar é como justificar todas estas injustiças. Entendo que o senhor está dizendo que não há diferença. Mas, por que existe o sofrimento?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: A causa é o uso equivocado que a alma *jīva* faz de seu livre-arbítrio. O mau uso da riqueza que lhe foi dada.

Estudante: Dada pelo poder supremo?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Pelo poder supremo. Sendo parte de uma potência particular, o livre-arbítrio existe eternamente dentro de si. E, pelo mau uso de sua liberdade, você escolheu tornar-se rei no mundo mortal. É como o Satan retratado no livro "Paraíso Perdido" de Milton. Ele desejava reinar no inferno ao invés de servir no céu. Ao usarmos erradamente este frágil, vulnerável e infantil livre-arbítrio, viemos aqui para ser monarcas de tudo o que observamos. Reinar no inferno! A adaptabilidade inerente é uma característica inata da alma. Poderíamos ter escolhido o serviço no céu. Então, nossos desejos teriam sido satisfeitos. Mas optamos pela coisa errada. Fomos na direção errada: desejamos ser monarcas. Não pudemos escolher a escravidão no domínio superior. Escolhemos a monarquia no inferno.

Este mundo material é o inferno, a terra da aflição. E aqui encaramos vários tipos de misérias que se classificam como nascimento, doença, velhice e morte. Estas coisas indesejáveis tem de existir no inferno. Esta é a diferença sutil. Se tiver de viver no céu, você terá de viver como uma alma rendida. Aquele é um solo muito mais elevado do que este. E, em última análise, notamos que servir no céu é infinitamente superior a reinar no inferno.

9

Evolução Espiritual

Pergunta: Eu gostaria de saber mais a respeito da posição da mulher em sua tradição. É permitido às mulheres participar no processo de praticar, orar e mostrar sua devoção?

Śrīla Śrīdhara Mahārāja: Quem é mulher aqui, pode não o ser no domínio superior. Quem é homem aqui, pode não ser homem lá. O corpo é apenas uma veste. A alma possui uma veste mental, em conformidade com a qual portamos esta veste física, esta veste carnal. Identidade sexual significa carne e mente. Aqui, neste plano, existe incerteza quanto a que tipo de identidade sexual a alma representará. Mas no domínio supe-

rior, lá no mundo espiritual, a mulher detém uma perspectiva superior, uma posição brilhante.

No domínio espiritual, aquelas almas femininas que alcançaram essa formação de realização da alma, sustentam uma posição melhor e superior à do homem. Aqui, no plano da exploração, o homem detém posição superior. Mas lá, no plano da submissão e entrega, a forma mental feminina é mais recompensadora do que a forma mental masculina. O aspecto negativo da submissão tem mais valor em conexão com Kṛṣṇa. O supremo positivo é o próprio Kṛṣṇa e Sua potência é de natureza negativa. Pertencemos ao grupo da potência negativa e não ao grupo mestre. O próprio Senhor é o possuidor da potência.

Pergunta: O senhor se refere a Kṛṣṇa como Ele. Quer isso dizer que Kṛṣṇa manifesta-Se tendo uma forma masculina?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Sim, masculina. Isto é, Ele é a divindade predominante, a metade predominante do Absoluto. E os outros existem para ser predominados por Ele. Há duas metades da Verdade Absoluta: a metade masculina, ou divindade predominante, e a metade feminina, ou divindade predominada. Positivo e negativo. É parecido ao conceito de próton e elétron, o positivo e o negativo. O próton é o centro e o elétron e inúmeras outras partículas sub-atômicas são como

muitos planetas girando em torno ao centro.

Pergunta: O senhor crê no conceito geral de igualdade?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Nunca duas coisas são iguais, seja neste mundo, seja no mundo espiritual. Nunca duas coisas podem ser o mesmo, ou iguais. Tudo possui sua característica específica. Um átomo difere de outro átomo. Um elétron difere de outro elétron. Isso não pode deixar de ser assim, pois tudo tem seu caráter diferenciado particular.

Pergunta: Como se pode determinar se algo é superior a outra coisa?

Śrīla Śrīdhara Mahārāj: Temos de julgar do ponto de vista universal. Se tivermos de julgar algo, deveremos julgar sua qualidade com base em sua conexão com o centro. Essa medição deve ser feita conforme o critério de êxtase, *rasam*. É assim como o ouro –que é usado como padrão para medir o valor das diversas moedas. Podem existir várias moedas, a libra, o rublo, o dólar, a rúpia, o iene, mas o ouro é o critério comum para determinar o seu valor. Da mesma forma, podem existir várias formas de calcular nossa relação com o Absoluto conforme o *rasa*, o êxtase ou o humor transcendental. *Rasa* divide-se também cientificamente. O *rasa* se classifica em cinco grupos: *śānta*, passividade, *dāśya*, servidão, *sakhya*, amizade, *vātsalya*,

paternal e *mādhura*, conjugal. E, novamente, estes grupos classificam-se conforme o grau de intensidade do *rasa* de cada grupo. Em última análise, o critério comum pelo qual podemos julgar qual religião é superior ou inferior é o *rasam*, *ānandam* — a felicidade.

Se desejamos estabelecer o valor de algo teremos de fazê-lo notando o quanto esse algo é portador de uma necessidade comum. Por exemplo, comida é uma necessidade comum. Em época de escassez de alimentos, não podemos comer dólares. Mas, aquele que possui alimentos encontra-se numa boa posição. Não podemos evitar comida. Nem sempre precisamos de dólares, mas temos de ter alimento. Uma nação não subsiste sem comida. Essa é uma necessidade indispensável para todos. Da mesma forma, a felicidade é um requerimento inato de cada alma, de qualquer coisa viva. E portanto, a posição de uma concepção religiosa particular poderá ser julgada conforme possamos detectar seu desenvolvimento de *rasa*.

Existem diversas propostas de conceitos religiosos nos variados povos. Há cristãos, budistas, muçulmanos e judeus. Entre os que seguem as doutrinas védicas há os Vaisṇavas, os Śāṅkaritas e tantos outros. Mas, se precisarmos julgar o valor das diversas concepções religiosas num estudo comparativo,

teremos de julgar seu valor segundo três itens: *sat*, *chit* e *ānandam*. Isso quer dizer que temos de julgar até onde uma religião é durável, eterna; qual é a qualidade do que está sendo concebido; até onde podemos concebê-la dentro do plano do conhecimento; e qual é seu desenvolvimento em termos de *rasa*, *anandam*. Três coisas precisam estar presentes: existência, consciência e o alimento para a consciência: a felicidade e o êxtase. Devemos comparar as religiões baseados nestes três itens.

Desta maneira deveremos perguntar: “Qual é a proposta do islamismo, do cristianismo, do judaísmo ou do budismo no que se refere à existência, ao conhecimento e ao êxtase, ou seja, a meta de toda “religião?” Cristianismo, islamismo, vaishnavismo – existem tantas fés religiosas. Devemos compará-las e, então, aceitar a que é melhor. Cada fé realiza seus variados ajustes. Não devemos descartar as diversas religiões do mundo, pois há aqueles para quem cada uma será útil e relevante, em dado momento.

Todavia, em nossa compreensão, Kṛṣṇa é a personificação do êxtase e da beleza. Portanto, o processo religioso mais elevado para obtermos êxtase completo será a busca de Śrī Kṛṣṇa, a Realidade, o Belo. Mas, como devemos buscar? Por meio da devoção. E o que é isso? Dedicção. O que é dedica-

ção? Entrega, auto-sacrifício, “morrer para viver”. E o que é viver? Viver em amor, *kṛṣṇa-prema*, amor divino. O quadro todo pode ser descrito em duas palavras, *kṛṣṇa-prema*. A busca de Śrī Kṛṣṇa é *sambandha jñāna*, ou compreender nossa relação com o objeto de nossa satisfação. Então, o que é essa busca e qual é o fim dessa busca? Em poucas palavras, resumidamente, descrevemos todas essas coisas no título de nosso livro, “A Busca por Śrī Kṛṣṇa, a Realidade, o Belo”. E isso pode ser compreendido com a ajuda de Śrī Guru e Sua Graça. Pode-se explicar a necessidade universal do Guru. Errar é humano, mas não errar é também uma tendência interna. Śrī Gurudeva chega para trazer-nos o alívio para nossos problemas internos. É desse modo que se pode desenvolver o conceito do Guru. A necessidade do Guru pode ser deduzida da base universal da natureza à nossa volta.

De lá, mover-se-á gradualmente até o Absoluto. Por último, o conceito do Guru chegará até Kṛṣṇa. Kṛṣṇa é o Guru neste sentido superior. Quem pode remover todas nossas dúvidas e satisfazer nossas indagações? Somente Kṛṣṇa. Nossa fé gradualmente se desenvolverá e nos levará àquele que pode esclarecer todas nossas dúvidas. Podemos ter dúvidas sobre dúvidas. Podemos livrar-nos de uma dúvida e milhares delas virão, mas

o Guru pode esclarecer todas nossas dúvidas, *bhidyate hṛdaya-granthiś chidyante sarva-saṁśayāḥ* (S.B. 1.2.21). Somente aquele que é pleno pode acabar com todas as desconfianças em nossa mente. Desta forma, devemos progredir. Pode ser que o nascimento de nossa fé ocorra no intelectualismo, mas sua meta é transcendental. O nascer de nossa busca se encontrará com seu destino. A fé nasce da potência de Kṛṣṇa e, após mover-se pelo todo do infinito, voltará novamente à potência, onde ocuparemos nossa posição eterna.

Consciência de Kṛṣṇa significa o Infinito no finito. A conexão afetiva do finito com o Infinito ajuda-o a viver na infinitude. O finito apoiado pelo Infinito pode tornar-se rico de recursos. Nosso Guru Mahārāj deu o exemplo de uma menina pobre que, ao casar-se com um príncipe, mesmo não tendo nada, devido a seu relacionamento afetivo com o príncipe, tornou-se uma princesa. De modo que aquele que nada possui, apenas por seu relacionamento amistoso, obtém o comando de tudo. Essa é a natureza da consciência de Kṛṣṇa.

Nossos recursos podem incrementar dessa maneira. Intrinsecamente, a alma *jīva* é insignificante. É um ponto insignificante do ponto de um ponto... Mas, ao estabelecer uma conexão afetiva com o Absoluto, consegue todas as

vantagens de uma vida com o Absoluto. Então, ele, ou ela, possui o todo. Não podemos, verdadeiramente, investigar a potência ou o poder de alguém sem considerar seu relacionamento com outros. Israel é um país pequeno. A Rússia poderia conquistá-lo em cinco minutos. Mas os Estados Unidos estão lá. Assim, os relacionamentos, os contatos e os amigos devem ser levados em consideração, quando quisermos compreender o poder de algo.

Há um conto que mostra como uma pequena rolinha foi capaz de perturbar, e até mesmo controlar, todo o oceano.

Certa vez, uma rolinha pôs seus ovos à margem do oceano, mas o oceano levou embora os ovos. Quando o oceano roubou seus ovos a ave ficou muito zangada e pediu-os de volta. Mas o oceano não os devolveu. Ela então foi até seu mestre e este foi a seu mestre até que finalmente chegaram até Garuḍa, o mestre de todos os pássaros. Garuḍa é o servil pássaro que carrega Viṣṇu em suas costas. E Garuḍa veio em auxílio daquele pequenino pássaro. Ele ameaçou o oceano: “Se você não devolver os ovos deste passarinho imediatamente, eu beberei você até a última ”gota”. O oceano teve de se render. Desta forma o oceano ilimitado foi conquistado por um pequeno pássaro. Pandit Viṣṇu Sharma oferece a seguinte conclusão

como moral da história: “Ao examinarmos uma pessoa, temos de levar em consideração seus amigos e os amigos de seus amigos. Sem tal consideração não poderemos estimar o poder de algo em particular.” Por causa de suas relações de amizade, o passarinho conquistou o oceano. Da mesma forma, fazendo amizade com o Infinito, podemos conquistá-lo.

10

Devoção

Pura

Certa vez, Bhaktivinod Ṭhākura teve um sonho em que passeava pelo céu cantando o santo nome. Ele chegou à corte de Yamarāja, onde Yamarāja, o próprio senhor da morte, sentara-se junto a Brahmā, Nārada e outros, discutindo uma questão de um verso do Bhagavad-gītā (9.30):

**api chet sudurāchāro, bhajate mām ananya-bhāk
sādhur eva samantavyaḥ, samyag vyavasīto hi saḥ**

O significado geralmente aceito para este verso é, “Mesmo

quem comete a atividade mais abominável, se for *ananya-bhāk*, um devoto que Me adora em serviço devocional, desprovido de *karma* e *jñāna*, deve ser considerado santo, pois seus esforços visam exclusivamente Meu benefício e tem determinação fixa”.

Aqui Kṛṣṇa diz: “Não importa o que tenha feito, se estiver exclusivamente entregue a Mim, deve ser considerado como Meu devoto. *Samyag vyavasito hi saḥ*, e não importa o que esteja fazendo, está cem por cento certo.” Mas, a seguir, Ele diz, *kṣipram bhavati dharmātmā*: “Breve, ele será virtuoso; ele se tornará *dharmātmā*, cumpridor do dever”.

Enquanto Yamarāja, Brahmā e Nārada discutiam este assunto surgiu uma dúvida. Kṛṣṇa diz, *bhajate mām ananya-bhāk* ou “Aquele que é meu devoto exclusivo”. Surge aqui a dúvida do que venha a ser a devoção exclusiva ou *ananya-bhajana*. Kṛṣṇa diz: “Abandone todas as demais concepções religiosas e renda-se somente a Mim”: *sarva dharmān parityajya mām ekaṁ śaranam vraja*. Isso é devoção exclusiva. Mas, ao se praticar devoção exclusiva já se é *dharmatma*, virtuoso. Como então, no verso seguinte, Kṛṣṇa diz: “Logo ele se torna *dharmātmā*”? Como podemos ajustar isto? Kṛṣṇa diz:

kṣipram bhavati dharmātmā, śāsṁch-chāntim nigachchati

kaunteya pratijānihi, na me bhaktaḥ pranaśyati

“Prontamente ele se torna virtuoso (*dharmātmā*) e alcança paz duradoura. Ó filho de Kunti, declare ousadamente que Meu devoto nunca perece.”

Este é o significado geral deste verso. Kṛṣṇa diz a Arjuna, “Ele prontamente se torna *dharmātmā*. Meu devoto nunca se arruina. Vá e declare isso publicamente.” Kṛṣṇa diz que depois de se tornar *ananya-bhāk*, isto é, depois de abandonar todos os tipos de deveres e se render a Kṛṣṇa, ele se torna novamente uma pessoa cumpridora de seus deveres.

Enquanto Brahmā, Nārada e Yamarāja discutiam este assunto, viram Bhaktivinod Ṭhākur passeando no céu, absorto no Santo Nome. Então, um deles sugeriu: “Ali está um devoto puro. Ele deverá ser capaz de apresentar o significado real.” Então, Bhaktivinod Ṭhākur foi convidado a se aproximar e lhe foi perguntando: “Como podemos ajustar estes pontos? Kṛṣṇa disse que esta pessoa é devota exclusiva, que renunciou a todos os tipos de deveres e se rendeu a Ele; e ainda assim, Ele diz que, em pouco tempo, será visto que essa pessoa é muito cumpridora dos deveres. Como podemos compreender isto?”

Bhaktivinod Ṭhākur explicou que: “Ele rapidamente torna-

se virtuoso” não se refere ao devoto exclusivo, mas àquele que considera o devoto exclusivo como sendo puro em todas as circunstâncias. “Mesmo que execute algum ato abominável, ele é realmente um *sādhū*, um santo” –aquele que puder pensar desta maneira a respeito de um devoto exclusivo se tornará prontamente *dharmātmā*. Esta foi a explicação dada por Bhaktivinod Ṭhākura.

Da mesma maneira, em meu comentário do Bhagavad-gītā segui a explicação de Bhaktivinod Ṭhākura. Eu também percebi que era redundante dizer que um devoto *ananya-bhāk* torna-se *dharmātmā*. Kṛṣṇa diz que um devoto exclusivo deve ser visto como um *sādhū*, uma pessoa honesta. Aquele que diz que se deve pensar que um devoto exclusivo, uma alma rendida a Kṛṣṇa, é puro, não importa quais sejam suas práticas externas –a pessoa que está afirmando isso torna-se virtuosa. Essa é a conclusão correta. O que ele diz é cem por cento verdade. E a seguir, Kṛṣṇa diz que aquele que vê de tal forma será prontamente purificado.

Kṛṣṇa diz que, por meio de tal apreciação de um devoto exclusivo, a pessoa logo alcançará a paz eterna. “Eu lhe peço, ó Arjuna, filho de Kunti, que assevere publicamente que Meu devoto exclusivo nunca estará perdido (*kaunteya pratijānīhi, na*

me bhaktaḥ pranaśyati). Desse modo, você alcançará o benefício da pessoa cuja afirmativa melhora a sua vida.”

Por outro lado, por que Kṛṣṇa diria a Arjuna: “Anuncie publicamente que Meu devoto nunca se arruina?” Qual o efeito que Arjuna obteria fazendo isso? Aquele que declara: “Um devoto seletivo de Kṛṣṇa é santo, não importa o que ele faça,” torna-se prontamente virtuoso. Se Arjuna declarar isto ele se tornará *dharmatma*. Ele obterá benefício. Então, Kṛṣṇa lhe diz: “Faça você essa afirmativa. Dê um passo destemido. Aceite o risco e faça essa afirmativa. Assim, você também obterá o benefício que descrevi.”

É claro que Arjuna é um *parṣada* –um associado eterno de Kṛṣṇa. Mas, usando-o como um exemplo, Kṛṣṇa diz a ele: “Faça-o você”. Independente de seu caráter *parṣada*, Arjuna adotou a posição de pesquisador.

Quando publicava meu comentário sobre o Bhagavad-gītā, um irmão espiritual me disse: “Se apresentar tal explicação, então, os devotos menos avançados tirarão proveito disto em nome de *ananya-bhāṅk-bhakti*, a devoção exclusiva. Você está revelando aqui um significado muito oculto. Não se destina ao público em geral. É um ponto confidencial: *api chet su-durācāro bhajate mām ananya-bhāṅk, sādhu eva*: 'Ele pode ser o pior

debochado em sua vida externa, mas se for *ananya-bhāk*, uma alma rendida, deve ser considerado como sendo uma pessoa realmente honesta'. Se explicar as coisas conforme sua interpretação, todos dirão: 'Ó, sou um devoto *ananya-bhāk*', e continuarão com seu deboche. Assim, por favor, não expresse tão explicitamente esta sua interpretação.”

Mas apesar desta objeção, publiquei meu comentário, porque o princípio sublinhado neste verso é muito importante. Aquele que está entregue a Kṛṣṇa é aceito como pertencendo a Ele mesmo. E, assim como Kṛṣṇa tem direito sobre tudo e nunca é um transgressor, assim, os Seus jamais devem ser considerados transgressores em nenhum momento. Isso é confirmado em outra parte, no Śrīmad-Bhāgavatam: *ātma bhuyaya cha kalpate*, “Meu devoto Me pertence”. Portanto, aquele que trabalha por inspiração de Kṛṣṇa nunca deve ser considerado um transgressor. Se for uma alma realmente rendida, pode desfrutar de qualquer coisa a favor de Kṛṣṇa; deve ser considerado como pertencendo a Kṛṣṇa. Mas houve quem se opusesse dizendo: “Não apresente uma interpretação tão ampla. Se o fizer, então, as pessoas em geral farão coisas abomináveis em nome da devoção pura. Elas dirão: ‘Oh, eu sou um Vaiṣṇava. Eu sou *achyuta-gotra*. Eu sou um dos homens de Kṛṣṇa. O que for Sua

propriedade é meu. Posso desfrutar de tudo’.”

A seguir, surge certamente a pergunta: “Como podemos reconhecer *ananya-bhāṅk-bhakti*, a devoção exclusiva?” Aqui está o verdadeiro problema. Meramente professar que eu sou um devoto puro não dá certo. Pelo contrário, um verdadeiro devoto pensará: “Não sou um verdadeiro devoto”. Esse será seu entendimento, seu sentimento interno. Devoção exclusiva não é algo pequeno. Um devoto genuíno pensa: “Eu não posso ser um *ananya-bhāṅk-bhakta*. Não atingi esse estágio. É muito difícil. Pelo contrário, estou me afastando disso.” Esse será o teor geral em sua atitude.

O que dizer de devotos menores –a própria Śrīmatī Rādhārāṇī diz: “As pessoas Me associam a Kṛṣṇa. Dizem que tenho uma conexão ilícita com Kṛṣṇa. Mas o que dizem é falso. Minha tristeza é que não posso dar Meu coração inteiramente a Kṛṣṇa. Não posso dizer que sou inteiramente d’Ele. Meu problema interno é que não pude tornar-Me totalmente d’Ele e pensam erradamente que sim. Não tenho objeção a tornar-Me plenamente d’Ele, até mesmo de ter uma conexão ilícita com Ele. Mas minha grande falha é que não sou capaz disso.”

Essa será a atitude geral de um verdadeiro *ananya-bhāṅk-bhakta*. É a tendência justamente oposta que virá. O fato é que,

aquele que aceitou Kṛṣṇa exclusivamente, não sente gosto por nada mais, portanto não é realmente *durācāra*, não é capaz de agir de forma abominável. Internamente, permanece sempre conectado a Kṛṣṇa. Na vida externa, é indiferente. Assim, o que quer que esteja fazendo não está sendo feito por ele. Aquele que atua nesse plano de realidade pode destruir milhares de universos, mas não faz nada (*hatvāpi sa imāl lokān na hanti na nibadhyate*). Ele age no plano transcendental, o plano *nirguṇa*. Não deve ser percebido em termos do que é considerado bom ou mau na estimativa deste mundo. Ele está ausente daqui.

Tudo que está conectado a Kṛṣṇa é bom, é *nirguṇa*, transcendental, sem qualidades materiais. Neste mundo, a verdade é algo relativo. “Isto é verdade, isto não é verdade; isto é meu, isto é seu.” Qual o valor dessas coisas? Se um devoto rouba uma flor para Kṛṣṇa você pode dizer: “Oh, por que você está roubando minha flor?” Mas que garantia existe de que a flor pertence a você? Estes são diversos graus de conceitos falsos de realidade. A pessoa que tem posse de uma terra declara-se o proprietário. Então, vem um latifundiário maior e diz: “Você não é o proprietário. Eu tenho a posse real desta terra e lhe permiti apenas usufruir dela. Mas acima do latifundiário pode vir um rei e dizer, “Oh, não, a terra é minha. Sua propriedade é

apenas relativa. Eu sou o governante desta terra. Ela me pertence.” Desta forma, um conceito relativo da verdade briga com outro. E a moralidade sustenta-se somente nesta concepção: “Isto é meu, isto é seu”.

Todas estas idéias de propriedade são falsas. Todas estas transações de moralidade são falsas, porque não estão conectadas com a Verdade Suprema. Portanto, o mau comportamento aparente do devoto é, de fato, bem o contrário.

'dvaite' bhadṛābhadrā-jñāna, saba - 'manodharma'
'ei bhāla, ei manda' - ei saba 'bhrama'
 (Chaitanya-charitāmṛita, Antya-līlā 4,176)

“Todos os conceitos de bem e mal, certo e errado do mundo material são invenções mentais. Portanto, é um erro dizer 'isto é bom e isto é mau'.” De modo que a onda profunda da consciência de Kṛṣṇa move-se no plano mais profundo da realidade e muitas almas *jīva* dançam sobre essa onda. E essa é a dança na qual tudo se rende a Kṛṣṇa no humor de Vṛndāvan: *sarva dharmān parityaja mām ekaṁ*. Tudo pertence a Kṛṣṇa e, para Sua satisfação, pode-se fazer qualquer coisa. Este é o único princípio seguido pelos devotos exclusivos, sem se preocupar

com as muitas exigências relativas e críticas deste plano falso. Isto é *nirguṇa*, transcendental. Naquele plano, o cálculo de falsa propriedade não se aplica. Na consciência de Kṛṣṇa, qualquer reivindicação de propriedade é sem valor.

Há ainda outro ponto a ser considerado neste verso. Certa vez, Parāśara Muṇi cruzava um rio. Uma jovem pilotava o barco. Quando chegaram ao meio do rio, repentinamente, Parassara ficou encantado com ela e lhe propôs que se unissem. Como resultado dessa união, nasceu Vedavyāsa. Parāśara já era um homem com um alto grau de controle dos sentidos. Mas por ter chegado a ocasião do nascimento de Vyāsa, isso criou nele um determinado tipo de necessidade. Repentinamente, ele foi dominado pela luxúria e se uniu àquela jovem. Dessa união, surgiu Vyāsadeva, o compilador de todas as escrituras védicas. De modo que essa foi a determinação da Vontade Universal. Parāśara não deve ser acusado ou condenado. Ele não é desse tipo. Ele é um instrumento da Vontade Universal. Não deveríamos considerar que foi um evento luxurioso nem criticar Parāśara por sua atividade imoral. Ele foi inspirado por algum desejo interior e dominado pela força divina da vontade *nirguṇa* de Kṛṣṇa. Só por isso tais coisas ocorreram.

Portanto, Kṛṣṇa diz no Bhagavad-gītā que não se deve

considerar a ação, mas o que está por trás dela. Isso deve ser examinado e não a mera ação. O réu é o motivo subjacente da ação e não o *karma*, apenas o propósito.

Draupadi tinha cinco esposos mas não por sua própria vontade. Teve de aceitar tal problema como seu dever. Ela não o fez objetivando prazer. Sendo assim, Draupadi não deve ser considerada responsável. Não se pode dizer que ela não era casta e não se pode responsabilizá-la por ter vários esposos. É dito no *sastra* que Draupadi ou Kuntī podem não parecer castas, mas se você cantar os nomes delas, será purificado com isso. Assim, o que deve ser levado em consideração é o significado interno de uma ação, seu propósito, e não a ação externa.

Não se serve ao princípio superior seguindo alguma lei comum, mas sim seguindo a lei superior. Nesse caso, a lei ordinária é ultrapassada. Alguém poderia pensar que um devoto é culpado do ponto de vista da lei ordinária. Mas, considerando uma lei superior, Kṛṣṇa disse que, se você puder apreciar o desrespeito desse devoto, você será enaltecido.

**ajñāyaiva gunān doṣān, mayā disthān api svakān
dharmān saṁtyajya yaḥ sarvān, mām bhajet sa cha sattamah
(Śrīmad-Bhāgavatam, 11.11.32)**

Kṛṣṇa diz: “As regras das escrituras existem por Minha direção, por Minha ordem. Mas aquele que quebra essas regras para satisfazer-Me deve ser considerado o melhor devoto”. Às vezes, para mostrar lealdade ao rei, pode ser necessário passar por cima das leis do próprio rei. De modo que aqui, Deus encontra-Se acima da lei. Quando analisamos a natureza da divindade, concluímos que Kṛṣṇa está acima da lei. A lei é para nós. Contudo, a lei não pode ser aplicada no caso d’Ele. Ele é Absoluto. Quando se entra de fato em conexão com o Absoluto, podem-se ignorar as leis destinadas às pessoas comuns. É claro, isso num sentido maior. Não é que os devotos, em nome da devoção, deixarão de observar as leis ordinárias que governam a sociedade. Mas, num sentido superior, precisamos compreender que Kṛṣṇa é a totalidade de tudo. Ele é o criador da lei e, às vezes, Ele mesmo quebra essa lei e, especialmente, gosta daqueles que estão prontos a quebrá-la por Ele. Aqueles que estão prontos a arriscar tudo em Seu serviço, que estão prontos a sofrer as consequências de desrespeitar a lei, são Seus favoritos.

Esta é a natureza de toda a *vraja-līlā* de Kṛṣṇa. Em Vṛndāvan, todas as considerações de interesse local e individual são sacrificadas. Em Vṛndāvan, há o mais elevado auto-sacrifício, até o

ponto em que se sacrifica ao fogo o interesse ou a consideração particulares de todos. Somente quando se atinge esse estágio de auto-sacrifício é que se pode nascer em Vṛndāvan e não antes. Esta é a conclusão do Bhagavad-gītā (18.66):

**sarva-dharmān parityajya, mām ekaṁ śaranam vraja
ahaṁ tvām sarva-pāpēbhyo, mokṣayiśyāmi mā śucaḥ**

Kṛṣṇa diz: “Você deve arriscar todos seus projetos. Você deve arriscar tudo, sem nenhuma outra perspectiva além de Mim. Não posso tolerar a presença de uma segunda entidade em seu coração. Não posso tolerar que você virá até Mim com outra consideração. Meu relacionamento com você deve ser incondicional. Não posso tolerar qualquer outro interesse no coração de Meu devoto. Apenas um interesse: Eu. Sacrifique todos seus assim chamados interesses, todas suas esperanças. Tudo. Então, você poderá vir encontrar-Me em Vṛndāvan.”

11

O Bhagavad-gīta Subjetivo

Tanto Viśvanātha Chakravarti Ṭhākura quanto Baladeva Vidyā-bhūṣana comentaram o Bhagavad-gītā e Jīva Goswāmī também explicou vários versos. Bhaktivinod Ṭhākura apresentou sua própria explicação e incluiu os comentários de Baladeva e Viśvanātha Chakravarti em sua tradução do Bhagavad-gītā ao bengali. O comentário original é de Śrīdhara Swāmī, quem também comentou o Śrīmad-Bhāgavatam e que foi muito apreciado por Śrī Chaitanya Mahāprabhu.

Eu tentei dar uma nova luz a alguns versos do Bhagavad-gītā. Baseando-me no que foi dito pelos comentadores ante-

riores, mostrei o desenvolvimento posterior de *mādhura-rasa* no Bhagavad-gītā e, até mesmo, o relacionamento de amantes da *parakīyā-rasa*. Quando mostrei a minha explicação a Bhaktivedānta Swāmi Mahārāj, eu perguntei: “O que você pensa deste ponto do Bhagavad-gītā? Eu dei minha interpretação incluindo *mādhura-rasa*.” Ele me disse: “O que mais há para se dizer? Sua interpretação está perfeitamente correta.”

Entretanto, esta era uma nova concepção que eu apresentava. Encontrei *parakīyā*, a devoção de amante das *gopīs* por Kṛṣṇa representada no verso *teṣāṃ satata yuktānām... yena mām upayānti te*. Da mesma forma que o Śrīmad-Bhāgavatam tem quatro versos essenciais, existem quatro versos essenciais no Bhagavad-gītā que contêm o próprio fundamento, a própria substância de todo o conceito ontológico do Bhagavad-gītā.

O primeiro dos quatro versos-resumo do Bhagavad-gītā, (10.8), é o seguinte:

**aham sarvasya prabhavo, mattaḥ sarvaṃ pravartate
iti matvā bhajante mām, budhā bhāva-samanvitāḥ**

“Eu sou a origem de tudo. Tudo emana de Mim (incluindo todas as concepções da Verdade Absoluta e até mesmo Minha

própria adoração). O sábio que sabe disso Me adora totalmente com *bhāva*, ou profundo êxtase devocional.”

Aqui, Kṛṣṇa diz; *aham sarvasya prabhavo, mattaḥ sarvaṁ pravartate*: “Tudo emana de Mim, incluindo todas as concepções da Verdade Absoluta”. As três concepções principais do Absoluto são apresentadas no Bhāgavatam: Brahman, Paramātmā e Bhagavān. Brahman significa o aspecto todo-includente do Absoluto. Paramātmā significa o aspecto todo-penetrante do Absoluto e Bhagavān significa a concepção pessoal do Absoluto.

Em seu Bhakti-Sandarbha, Jīva Goswāmī apresentou o significado verdadeiro de Bhagavān, a Personalidade do Supremo. O significado geral de Bhagavān é: Aquele que comanda todos os tipos de potências. Todo tipo de potência é controlada pessoalmente por Ele. Esse é o conceito de Bhagavān que encontramos no Narāyaṇa de Vaikuṇṭha. Mas Jīva Goswāmī deu uma interpretação particularmente refinada de Bhagavān. Ele diz que Bhagavān significa *bhajanīya sarva-sad-guṇa-viśiṣṭha*: “A natureza de Bhagavān é tal que, quem quer que entre em contato com Ele, sente uma tendência natural de servir sua charmosa personalidade. Ele é dotado de qualidades tais, que todos são atraídos a adorá-lo, a amá-lo. Ele atrai o

amor de todos. Todos querem servi-LO. Isso é Bhagavān. Ele é dotado de qualidades que atraem todos a servi-LO.”

Eu incluí esta interpretação pessoal de Jīva Goswāmī em meu comentário do verso supra citado do Bhagavad-gītā. No Śrīmad-Bhāgavatam, foram descritas três fases da Verdade Absoluta: o Brahman todo-includente, o Paramātmā todo-penetrante e a todo-atraente pessoa absoluta, Bhagavān. Expliquei em meu comentário que a afirmativa de Kṛṣṇa, aqui, *aham sarvasya prabhavo*, significa: “Eu sou *svayaṁ bhagavān*, a Personalidade Original do Supremo. Sou a raiz de todas estas três concepções do Absoluto todo-includente e do Paramātmā, o Absoluto todo-penetrante, mas também de Narāyaṇa, o mestre de todas as potências que atraí o respeito de todos. Eu sou a origem de todos eles: Eu sou *svayaṁ bhagavān*.”

Foi desse modo que interpretei o significado de *aham sarvasya prabhavo*. E, na linha seguinte, quando Kṛṣṇa diz, *mattaḥ sarvaṁ pravartate*, devemos aqui condensar ainda mais refinadamente. Kṛṣṇa diz: *sarvaṁ pravartate* – “Tudo provém de Mim”. Com isso, Kṛṣṇa está dizendo: “Até mesmo a adoração a Mim vem de Mim. Eu a revelo inicialmente. Eu próprio adoro a Mim mesmo. Faço isto como o Guru, como a Minha potência mais refinada. Esta potência nada mais é do que Eu próprio. E

Minha potência mais refinada é Rādhārānī. Por meio de Minha potência, adoro a Mim mesmo. Cada movimento inicia-se de Mim, até mesmo Minha própria adoração. Em Meu papel de Guru, inicio Meu próprio serviço. Eu revelo isso de público para que você possa Me adorar corretamente. É por esse motivo que o Guru também é chamado de Bhagavān, pois ele não difere de Mim (*ācāryaṁ mām vijānīyām*).”

A potência mais refinada de Bhagavān é Rādhārānī. De modo que, no sentido mais elevado, tanto o Guru quanto o serviço estão representados em Śrīmatī Rādhārānī. A seguir, Kṛṣṇa diz: “Aqueles que sabem disso Me adorarão: *iti matvā bhajante mām*”. Aqueles que entendem este conceito de que Rādhārānī serve a Kṛṣṇa da forma mais elevada, o servirão subordinados a Ela. Isso é *rādhā-dāsyam*, o serviço divino a Śrī Rādhā. O adorador virá adorar Kṛṣṇa com esta compreensão.

Em minha interpretação, aceitei que este é o intuito de Kṛṣṇa ao dizer, *iti matvā bhajante mām*: “Sabedores disso, eles Me adoram”. Ele denota que: “Aqueles que sabem que Minha adoração provém de Mim e que Minha potência mais refinada Me adora melhor, Me adorarão sob a direção dessa Minha potência mais refinada”. Nesse momento, encontramos a importância de *rādhā-dāsyam*, o serviço a Śrī Rādhā, que é a

meta superior dos seguidores de Rūpa Goswāmī, a *rūpānuga-gauḍīya-sampradāya*. Aqui, Kṛṣṇa está dizendo: “Sabendo que a Minha potência mais refinada Me adora melhor, a pessoa Me adorará sob a direção de Minha adoradora de primeira classe, Śrī Rādhā. Com este ideal, a pessoa Me adorará sempre sob a orientação de minha *śakti* mais refinada, Śrīmatī Rādhārāṇī, ou sua representação, Śrī Gurudeva. Desta maneira, sempre Me adorarão sob Sua direção e nunca como um adorador direto.” Este é o significado de *iti matvā bhajante mām*.

A seguir, Kṛṣṇa diz: *budhā bhāva-samanvitah*. Aqui, *budha* significa aqueles dotados de um refinado intelecto teísta (*sumedhasaḥ*). No Bhāgavatam, é dito que, aqueles que são dotados de um refinado intelecto teísta serão capazes de apreciar isto (*yajanti hi sumedhasaḥ*). A inteligência teísta refinada resulta da boa fortuna que vem de cima (*sukṛti*); não é obtida por si só. Essa direção interna intelectual refinada só pode vir do plano *nirguṇa* ou transcendental. *Budha* aqui significa: “Aquele que tem uma conexão direta com o plano *nirguṇa* ou transcendental”. Sua inteligência não provém desta região mayávida. Pelo contrário, brota da dimensão espiritual. Somente alguém assim pode apreciar estes pontos sutis. Isso é expresso no Bhāgavatam:

**kṛṣṇa-varṇam tviṣā-kṛṣṇam, saṅgopāṅgāstra-pārśadam
yajñaiḥ saṅkīrtana-prāyair, yajanti hi sumedhasaḥ**

“Somente as pessoas dotadas de um refinado intelecto teísta (*sumedhasaḥ*) adorarão Śrī Chaitanya Mahāprabhu por meio do *sankīrtana*.”

Deste modo, este verso do Bhagavad-gītā significa: “Aquele cuja devoção é o produto da onda *nirguṇa*, cuja fé não é produto deste mundo de equívoco, deverá Me adorar por meio de *rādhā-dāsyam*”. Aqui, *bhava-samanvitaḥ* significa *rāga-samanvitaḥ*, isto é, adoram Kṛṣṇa com *anurāga*, amor. Sua afinidade por Kṛṣṇa, sua devoção a Ele, não é governada por regras; não brota do seguir estrito das regras das escrituras, mas de *bhāva*, a inspiração interna. Esta adoração é chamada de *rāga-marga*, o caminho da atração espontânea.

As regras escriturais envolvem o cálculo das perdas e ganhos. Todavia, a adoração que é *bhava-samanvitaḥ* não se obtém considerando-se perdas ou ganhos. Flui naturalmente através do amor e da atração por Kṛṣṇa. É *jñāna-sunya-bhakti*, *bhakti* livre de cálculo, livre de lucros e perdas: *jñāna-karmādyanāvṛtam*.

O próximo dos quatro versos essenciais que contém a

inteira mensagem do Bhagavad-gītā (10.9) é o seguinte:

***mach-chittā mad-gata-prāṇā, bodhayantaḥ parasparam
kathayantaś cha māṁ nityaṁ, tuṣyanti cha ramanti cha***

“Os corações e as mentes de Meus devotos estão sempre plenos de Mim e eles estão continuamente experimentando prazer e êxtase falando sobre Mim.”

Aqui Kṛṣṇa diz: “Eu estou em seus corações, em seu pensamento (*mach-chittā mad-gata-prāṇā*). Sua vida inteira, toda sua energia, é gasta para Mim, é utilizada para Mim. Seu *prāṇā-śakti*, sua energia vital, é também plenamente devotada à Minha causa. Internamente, estão sempre pensando sobre Mim e devotando toda sua energia a Mim, e, externamente, falam sobre Mim para intensificar sua compreensão mútua (*bodhayantaḥ parasparam*). Eles adoram falar entre si sobre Mim. Não falam de mais nada. Tanto em sua vida privada como em sua vida pública, amam falar sobre Mim e nada mais. Eu sou o único assunto em suas conversas (*kathayantaś cha māṁ nityaṁ*). O que quer que façam, onde quer que estejam, em toda parte, Eu sou o sujeito de suas conversas.”

E a seguir, Kṛṣṇa diz: “Nisto, eles encontram grande

satisfação (*tuṣyanti cha ramanti cha*)”. O significado interno de *tuṣyanti cha ramanti* é o seguinte: aqui, descrevem-se dois níveis de devotos. Até *vātsalya-rasa*, ou o humor paternal da devoção, os devotos de Kṛṣṇa sentem grande satisfação (*tuṣyanti*). E acima disto, encontra-se o tipo superior de prazer (*ramanti*), experimentado em *mādhura-rasa*. Da mesma forma que marido e mulher desfrutam de um tipo peculiar de conexão, os devotos de Kṛṣṇa sentem êxtase (*ramanti*) em conexão com Ele, apenas por falar d’Ele. Aqui, os *āchāryas* concordaram que a palavra *ramanti* indica uma relação conjugal e que os devotos nessa relação conjugal podem experimentar a conexão mais profunda de marido e mulher em relação a Kṛṣṇa. Na companhia de Kṛṣṇa, sentem o êxtase da relação conjugal, *ramanti cha*. Sentem também esse êxtase da relação quando estão apenas pensando em Kṛṣṇa. Este significado da palavra *ramanti* foi apresentado em vários lugares por Viśvanātha, Baladeva, Bhaktivinod Ṭhākura e foi até mesmo admitido por Śaṅkarāchārya, que concordou que a palavra *ramanti* indica a relação conjugal.

A seguir, vem o próximo verso-resumo do Bhagavad-gītā (10.10):

**teṣaṁ satata-yuktānāṁ, bhajatāṁ prīti-pūrvakam
dadāmi buddhi-yogaṁ taṁ, yena mām upayānti te**

“Àqueles que constantemente Me adoram com devoção Eu concedo a inteligência com a qual podem vir a Mim.”

Este é o significado comum deste verso. Mas há um significado mais profundo. Aqui, Kṛṣṇa diz, “Aqueles pessoas que estão continuamente ocupadas coMigo sem interrupção (*satata-yuktānāṁ*), que estão sempre em Mim, que estão conectadas coMigo, que Me servem com suas orações plenas de grande amor e respeito, *dadāmi buddhi-yogaṁ taṁ*, Eu as inspiro dando-lhes a inteligência com a qual virão a Mim. Elas virão a Mim numa conexão íntima.” Mas eu vejo que isto é redundante. Kṛṣṇa já disse *satata-yuktānāṁ*, “Sua devoção é contínua. Estão sempre conectados a Mim.” Se já estão conectados a Kṛṣṇa, então, precisamos perguntar, por que Ele diria novamente, “Eles virão a Mim”?

Kṛṣṇa já disse que esses devotos falam apenas d’Ele, pensam somente n’Ele, sentem prazer somente com Ele e estão sempre ocupados em Seu serviço. Ele diz: “Estão sempre conectados coMigo sem interrupção e Me servem com amor sincero”. Já estão servindo com amor sincero e, então, Kṛṣṇa diz: “Eu lhes

darei a inspiração pela qual poderão vir a Mim” (*mām upayānti te*). Isto é redundante. Já foi dito que eles estão conectados a Kṛṣṇa. Como é que, novamente, “eles virão a Mim”? Como é que se pode harmonizar essa afirmativa de Kṛṣṇa, “Eles virão a Mim”? Então, eu encontrei um significado mais profundo para as palavras *mām upayānti te*. Eu tomei a palavra *upayāti*, que comumente significa, “eles vêm”, para indicar *upapāti*, ou “amante”. Assim, *upayānti*, “Eles vêm a Mim”, significa que eles consideram Kṛṣṇa como *upapāti*, como um amante.

Na sociedade, existe o esposo legal, ou *pati*, e existe o amante ou *upapāti*. As *gopīs* não consideram Kṛṣṇa como seu esposo legalmente casado, mas como o mestre, como o Senhor de seus corações.

Aqui, Kṛṣṇa diz: “Eu inspiro aqueles que constantemente se ocupam em serviço devocional a virem a Mim”. Que tipo de devoto Kṛṣṇa inspira aqui? Aqueles que são *ramanti*, o grupo mais elevado de devotos, aqueles que se relacionam a Ele conjugalmente, em plena *rasa*, *mukhya-rasa*. Kṛṣṇa diz aqui: “Eu os inspiro a vir a Mim, considerando-me como um amante, *upapāti*”. Kṛṣṇa está dizendo, *bhajatām priti-pūrvakam*: isso significa *prema*, que geralmente se encontra em *mādhura-rasa*, na relação conjugal. De modo que o real significado deste verso

é que Kṛṣṇa inspira aqueles que estão numa relação conjugal, a vir a Ele, vendo-O como amante, *upapati*. E como é que eles vêm até Ele? Ele os inspira a vir até Ele sem nenhuma consideração pelas exigências sociais ou escriturais. E, assim, inspiradas internamente por Ele, atravessando a linha das normas sociais e escriturais e até mesmo fraudando seus próprios esposos, as *gopīs* se unem a Kṛṣṇa numa relação conjugal de amantes (*parakiyā*).

A posição de Kṛṣṇa é absoluta. Ele desfruta mais da devoção daqueles que são capazes de contrariar tudo por Ele. E Ele inspira Seus devotos internamente com esta mensagem: “Externamente, você tem de cumprir as demandas sociais e escriturais. Mas, a Minha posição está acima do que quer que lhe mandem fazer as leis sociais e escriturais. Eu Me encontro acima dos Vedas e de tudo mais. Os Vedas são Minhas instruções para as pessoas em geral. Suas instruções destinam-se àqueles que estão desviados de Mim. A sociedade também está sob a orientação dessas instruções, que foram dadas aos decaídos. Mas Minha conexão com tudo é intrínseca. Independe das leis da escritura e da sociedade. Não preciso do reconhecimento de ninguém. Minha conexão com tudo é a constante em todas as equações. Nunca pode ser evitada. Desta forma, você deve

negligenciar todas as exigências de suas conexões prévias na vida e vir a Mim. Você não tem liberdade para fazer outra coisa. Quando sua natureza devocional surgir e exigir que você venha a Mim, você não estará livre. Seu coração terá de vir em Minha direção.”

Isso é *upapati*, a devoção de amante. A devoção de Vṛndāvan, *vṛndāvan bhajana*, significa devoção de amante: *yena mām upayānti te*. Então, Kṛṣṇa diz aqui que àqueles que são *ramanti*, que já se sentem inclinados a entrar numa conexão conjugal com Ele do tipo marido-mulher, Ele lhes concede um tipo especial de sentimento e inspiração, de dentro de seus corações, e eles deverão vir a Ele como *upapati*, como amantes. Neste ponto, Kṛṣṇa está, de fato, dizendo que, “Esta devoção de amante é tão magnífica que contraria as normas tanto sociais quanto escriturais. Independe de tudo. A conexão a Mim independe de tudo o que você possa conceber. É muito natural e inata. Não requer nenhuma aprovação escritural ou social. Você pode viver na sociedade mostrando respeito formal pelas convenções sociais e escriturais, mas, no âmago de seu coração, você é Meu. Isso é *yena mām upayānti te*, a instrução especial, ou a natureza, ou a intuição, que Eu concedo a esses devotos.”

Em outras palavras, essas pessoas devotas não permitem que

um segundo esposo, ou *pati*, se interponha entre elas e Kṛṣṇa. Não podem tolerar a intromissão de qualquer outra coisa, mesmo que envolva leis sociais ou normas escriturais. Sua posição é tão elevada que todos os Vedas buscam por esta idéia, por esta posição divina.

**āsām aho charaṇa-reṇū-juṣām ahaṁ syām
vṛndāvane kim api gulma-latauṣadhīnām
yā dustyajam svajanam ārya-pathaṁ cha hitvā
bhejur mukunda-padavīm śrutibhir vimṛgyām**
(Śrīmad-Bhāgavatam, 10,47,61)

“Ainda que a mais exaltada devoção das *gopīs* é apenas insinuada nos Vedas, posso agora compreender sua mais exaltada posição. Oh, quando deverei nascer como uma plantinha em Vṛndāvan para poder tomar a poeira dos pés de lótus das *gopīs* sobre minha cabeça? Essas grandes almas abandonaram sociedade, amizade, amor, seus parentes e até mesmo os princípios védicos para abrigar-se nos sagrados pés de lótus de Kṛṣṇa.”

Aqui, há algo que precisa ser mencionado: *parakīyā-bhāva* tem uma aplicação mais ampla. Não significa, apenas, devoção de amantes. Este sentimento de contrariar regras sociais e escri-

turais por uma relação “proibida” encontra-se não apenas em *mādhura-rasa*, ou a relação conjugal. *Parakīyā* significa literalmente “pertencendo a outro”. *Vātsalya-rasa*, o afeto paternal, e *sakhya-rasa*, amizade, também estão infundidos com os sentimentos de *parakīyā*. Este é o método de amor para aqueles que seguem o *rāga-mārga*.

No caso de Yaśodā, *parakīyā* toma a seguinte forma: Yaśodā diz: “Algumas pessoas afirmam que Kṛṣṇa não é meu filho. Dizem que Ele é filho de Devaki!” Esse sentimento reforça o afeto de seu coração em relação a Kṛṣṇa, porque, então, ela pensa: “Eu poderia perdê-lo a qualquer momento”, o que incrementa o afeto de seu serviço.

Em *sakhya-rasa*, também encontramos sentimentos de *parakīyā*. “Há quem diga que Kṛṣṇa provém de Mathurā e que Ele poderá retornar a Mathurā. Ele não nos pertence. Ele não é exclusivamente nosso amigo.” Este temor também preenche as mentes dos meninos pastores que ficam ansiosos pensando: “Podemos perdê-lo a qualquer momento”. Deste modo, todo o sentimento em Vṛndāvan é *parakīyā*.

Igualmente, no sentimento de servidão, ou *dāsyā-rasa*, existe algum sentimento semelhante a esse. Os devotos sentem: “Algumas pessoas dizem que Kṛṣṇa é de Mathurā e que Ele é o

filho de Vasudeva. Ele está aqui somente por algum tempo. Ele não é uma pessoa comum como nós.” Essa idéia é mais ou menos corrente em Vṛndāvan. Assim, *parakīya* não se encontra apenas em *mādhura-rasa*. Kṛṣṇa pode cativar a todos com esse sentimento. Mas, em *mādhura-rasa*, *parakīya* é algo muito especial. O especial é que, em *mādhura-rasa*, há algo mais condenável, tanto pelas escrituras quanto pela sociedade. Mas, para as *gopīs* não é condenável. Em *mādhura-rasa*, elas tem de passar por cima das diretrizes tanto dos Vedas quanto da sociedade. Elas tem de correr um risco maior. Mas, nos outros *rasas*, existe apenas o temor de que, “Pode ser que não tenhamos Kṛṣṇa permanentemente. Ele pode ir embora. Ele não pertence ao nosso meio...” Esta suspeita incrementa a intensidade de seu serviço. Mas em *mādhura-rasa*, é preciso contrariar as diretrizes positivas dos Vedas e da sociedade. É preciso ir em contra estas autoridades, como se aceitasse o risco de pecar. Esta é a característica especial de *parakīya* em *mādhura-rasa*, onde a intensidade da devoção alcança a condição suprema. Desta forma, a inspiração em relação a *parakīya* (*yena mām upayānti te*) que Kṛṣṇa discute aqui, em referência especial àqueles que são *ramanti* –que estão conectados a Ele numa relação conjugal– encontra-se presente também nos

demais servos de Vṛndāvan.

Finalmente, chegamos ao último dos versos-resumo do Bhagavad-gītā (10.11):

**teṣaṁ evānukampārtham, aham ajñāna-jaṁ tamaḥ
naśayāmy ātma-bhāvastho, jñāna-dīpena bhāsvatā**

Kṛṣṇa diz: “Para mostrar misericórdia especial, Eu entro em seus corações e destruo a ignorância com a luz do conhecimento”.

O significado interno deste verso é mais difícil de deduzir. As palavras *teṣaṁ evānukampārtham* podem ser interpretadas de duas maneiras. A interpretação externa é que Kṛṣṇa favorece seus devotos e a explicação interna é que Kṛṣṇa está dizendo: “Eu desejo sua estima. Almejo pela estima dos devotos da mais alta ordem.” Como no Bhāgavatam, Kṛṣṇa diz,

**mayi bhaktir hi bhūtānām, amṛtatvāya kalpate
diṣṭyā yad āsīn mat-sneho, bhavatīnām mad-āpanaḥ**

“Minhas queridas *gopīs*, todos se consideram afortunados se possuem devoção a Mim e por isso alcançam uma vida de eterno néctar. Mas Eu devo admitir que Me considero muito

afortunado porque entrei em contato com o maravilhoso afeto que se encontra em seus corações.”

No entanto, o paradoxo é que Kṛṣṇa parece dizer que, após tal aflição e contínuo envolvimento com Ele, Ele então concede conhecimento puro a estes devotos superiores. E, com tal conhecimento, eles alcançam a salvação de ir ao Brahman. Este é o ponto de argumentação dado pelos seguidores de Śaṅkarāchārya. Mas eu levei a coisa em outra direção.

Jñāna-dīpena, “Eu os ilumino com conhecimento”, é uma expressão problemática. Portanto, eu tenho apresentado outra interpretação: quando a angústia da separação que os devotos de Kṛṣṇa sentem alcança seu grau extremo, Kṛṣṇa, repentinamente, surge e Se mostra. Por exemplo, Śacīdevī sente uma intensa saudade quando cozinha para Nimai e, então, por misericórdia d’Ele, ela pode claramente ver que Nimai veio e tomou *prasādam*. Do mesmo modo, em Vṛndāvan, quando a angústia da saudade chega a seu grau máximo, então, repentinamente, os devotos podem perceber que, “Kṛṣṇa está aqui conosco”. Desta forma, quando Kṛṣṇa diz que, por sua misericórdia, Ele aparece e remove a ignorância, seu *ajñāna*, Ele está dizendo que, quando os devotos estão sentindo saudades d’Ele, Ele aparece diante deles e remove a escuridão que sentem

devido à saudade. Por Sua misericórdia, Ele lhes dá sustento. E, quando esse tipo de remédio foi aplicado, eles podem ir adiante. Em Vṛndāvan, quando os devotos sentiam saudades, às vezes, Ele tinha de Se mostrar a Seus amigos: “Eu estou entre vocês. Eu não deixei vocês.” É isso o que quer dizer remover a escuridão com a luz do conhecimento divino: *jñāna dīpena bhasvata*. Aqui, a palavra *ajñāna* significa *jñāna-śunya-bhakti*, a devoção desprovida de conhecimento. Os devotos não pensam que fazem parte ou parcela do *līlā*, dos passatempos do Deus Supremo. Não, sua devoção não inclui tais cálculos. É *jñāna-śunya-bhakti*: muito inocente.

Aqui, Kṛṣṇa está dizendo: “Não posso tolerar a angústia da saudade que Meus devotos sentem de Mim. Tenho de correr até eles e mostrar-lhes, 'Eu estou aqui, minha mãe. A senhora vê? Estou aqui comendo'.” Às vezes, Śachīdevī prepara comida para a Deidade e, depois de oferecê-la, vê que tudo sumiu. Nesse momento, ela pensa: “Terá sido um sonho? Eu vi Nimai. Ele comia a *prasādam* e é claro que não ficou nada na panela. Mas, Nimai foi embora há muito tempo! Então, quem comeu a *prasādam*? O que foi que eu vi? Foi um sonho, ou será que algum cachorro comeu a comida? Ou será que esqueci e não cozinhei hoje? Talvez não tenha oferecido a *bhoga* à Deidade de Bala

Gopala. O que foi que eu fiz?”

Desta maneira, Śachī está confusa. Isso pode ser visto como seu *ajñāna*, sua “ignorância”. Então, Śrī Chaitanya manda alguns devotos até ela, dizendo: “Diga a Minha mãe que, nos dias em que tal coisa acontece, Eu estou de fato lá. Eu como a comida de suas mãos. Não é um sonho. Lembrem à Minha mãe disso e consolem-na. Digam-lhe que Eu vou até ela e como a *prasādam* que ela cozinha. Lembrem-lhe que isto ocorreu.”

Este é o significado do quarto verso-resumo do Bhagavad-gītā: “Por sua misericórdia, Kṛṣṇa remove a escuridão produzida pela saudade que Seus devotos sentem d’Ele”. E, aqueles que nos fazem lembrar de Kṛṣṇa, removendo assim a escuridão que nasce da saudade d’Ele, são os verdadeiros humanistas. Estão distribuindo a cura suprema.

As *gopīs* dizem a Kṛṣṇa: “Estamos sofrendo desta angústia que Você criou. Mas, as mensagens sobre Seus passatempos nos concedem vida e sustento. Estamos ansiosas de ouvi-las porque, dessa forma, sentiremos que a vida está retornando. Não há outro remédio além de Sua garantia e consolo. Somente isso pode nos salvar destas angústias do coração ardente”. Esta é sua afirmativa no Śrīmad-Bhāgavatam (10.31.9):

tava kathāṁṛtaṁ tapta-jīvanam
kavibhir īḍitaṁ kalmaṣāpaham
śravaṇa-maṅgalaṁ śrīmad-ātataṁ
bhuvī gr̥ṇanti te bhuridā janāḥ

“Ó Kṛṣṇa, neste mundo, estamos sempre sofrendo! Mas, apenas o ouvir do néctar de Suas palavras e passatempos nos devolve a vida e, colateralmente, remove todas nossas reações pecaminosas. Este tipo de audição é todo-aupiciosa e nos enche de riqueza espiritual. Aqueles que transmitem esta mensagem do Supremo fazem o maior trabalho de alívio para a sociedade humana e são, na realidade, os maiores humanistas. “

12

O Gayatrī Mantram

O significado do Brahmā *gāyatrī* deve nos levar à conclusão do Śrīmad-Bhāgavatam. O *gāyatrī-mantram* e o Śrīmad-Bhāgavatam são unos e idênticos. Trata-se da própria essência do Vedānta-sūtra. Śrīmad-Bhāgavatam é o comentário elaborado do *gāyatrī*.

**artho 'yaṁ brahma-sūtrāṇāṁ, bhāratārtha-vinirṇayaḥ
gāyatrī-bhāṣya-rūpau 'sau, vedārthaḥ paribṛṁhitaḥ
(Garuḍa Purāṇa)**

O significado do *gāyatrī-mantram* deve situar-se na linha do

Śrīmad-Bhāgavatam. Ao analisarmos como isso é possível, devemos descobrir os passos que levam o *gāyatrī-mantram* até o Śrīmad-Bhāgavatam.

Qual é o significado do *gāyatrī*? A palavra *gāyatrī* é uma combinação de duas palavras sânscritas: *gānat*, (aquilo que é cantado) e *trāyate*, (aquilo que liberta). Isso significa que se trata de um tipo de canção por meio da qual podemos conseguir nossa salvação, alívio e emancipação. O *gāyatrī* é conhecido como *veda-mātā*, a mãe dos Vedas. E o *gāyatrī* produziu todos os Vedas. Se examinarmos a conclusão védica, desde seu mais conciso aforismo até sua mais ampla expressão, descobriremos que começa com o *om̐kara*: a sílaba védica Om̐. Essa verdade expressa como o *gāyatrī-mantram* aparece a seguir na forma dos Vedas e, logo, como Vedānta-sūtra. Finalmente, a conclusão védica recebe sua expressão plena no Śrīmad-Bhāgavatam. Desde que o significado, ou o propósito do conhecimento védico, progride nesta linha, o *gāyatrī-mantram* tem de conter em si o significado do Śrīmad-Bhāgavatam, ou seja, que Kṛṣṇa é o conceito mais elevado do Supremo.

Este deve ser o significado do *gāyatrī-mantram*. O problema, entretanto, é como extrair o Śrīmad-Bhāgavatam, o conceito Kṛṣṇa, do âmago do *gāyatrī*? Ouvi dizer que Jīva Goswāmī deu

tal interpretação, mas eu não pude encontrá-la em seus escritos. Ouvi dizer que ele apresentou o significado do *gāyatrī* conduzindo à consciência de Kṛṣṇa. De qualquer maneira, a tendência que surgiu em mim foi a de levar o significado para a concepção Kṛṣṇa.

O significado geral do *gāyatrī* é “a canção que concede libertação”. Libertação tem de ter algum significado positivo. Libertação não quer dizer liberdade do lado negativo mas um ganho positivo. Esta é a definição que o Śrīmad-Bhāgavatam oferece: *muktir hitvānyathā rūpaṁ svarūpena vyavaṣṭhiṭiḥ* –a menos e até que alcancemos o posicionamento positivo mais elevado possível, não terá ocorrido um *mukti* real, a verdadeira salvação. A mera retirada do plano negativo não pode ser chamada de libertação. Hegel disse que o objetivo de nossa vida é a auto-deteccção. Precisamos detectar nossa função normal no todo orgânico; não a mera emancipação do lado negativo, mas a participação numa função positiva, no domínio do serviço. Isso é considerado como sendo a maior meta da vida. Esse é o verdadeiro significado do *gāyatrī*.

A palavra *gāyatrī* surge de duas raízes sânscritas: *gānat* e *trāyate*. *Trāyate* significa obtenção positiva do estágio final (*svārūpena vyavaṣṭhiṭiḥ*). E *gānat* significa, não apenas o mero

som, mas o som musical. Um som musical que nos concede a libertação positiva suprema aponta para o *sankīrtana* de Śrī Chaitanya Mahāprabhu e a canção da flauta de Śrī Kṛṣṇa.

O significado do *brahma-gāyatrī-mantram* é o seguinte: a primeira palavra é Om̐. Om̐ é o *mantra*-semente que contém tudo dentro de si. A palavra seguinte é *bhur*. *Bhūr* é onde nos encontramos, *Bhū-loka*: o mundo de nossa experiência. A próxima palavra é *bhuvah*. *Bhuvārloka* é o mundo da aquisição mental. É o sustentáculo. É o plano de fundo de nossa experiência. Nosso nível de experiência atual é o efeito de nossa aquisição mental. O fato de estarmos aqui, no mundo da experiência, não é um acidente. Adquirimos esta posição por nosso *karma* anterior. A esfera física –este mundo de nossa experiência– é apenas o sub-produto, o resultado de nossos impulsos mentais anteriores. E o mundo sutil do *karma* anterior, a esfera mental, é conhecida como *Bhuvārloka*.

A próxima palavra do *mantra* é *svah*. Acima de *Bhuvārloka* está *Svaloka*. O mundo mental, *Bhuvārloka*, significa aceitação e rejeição, o que fazer e o que não fazer, “gosto disto, não gosto daquilo”. *Svaloka*, entretanto, é o plano da decisão, o mundo da inteligência *Buddhiloka*. Nossa inteligência nos diz: “Você pode gostar disto mas não o faça, pois, dessa maneira, sairá

perdendo”. Esse plano, o plano da razão, é conhecido como Svaloka. Portanto, este mundo material compõe-se de três camadas gerais: *bhur*, o mundo físico, *bhuvah*, o mundo mental e *svah*, o mundo intelectual.

É claro que uma análise mais minuciosa revelará sete camadas: *Bhūr*, *Bhuvah*, *Svah*, *Mahā*, *Jana*, *Tapa* e *Satyaloka*. Em seu *Bṛhad-Bhāgavatāmṛtam*, Śrī Sanātana Goswāmī lidou com este assunto de forma detalhada. Agora, estes sete estratos foram resumidos em três planos de existência: física, mental e intelectual. E estes três planos de experiência foram resumidos em uma só palavra: *tat*.

A palavra seguinte no *brahma-gāyatrī* é *savitur*. *Savitur*, em geral, quer dizer *sūrya*, o Sol. E o Sol significa figurativamente aquilo que revela ou ilumina; aquilo por meio do qual podemos ver. Os três extratos grosseiros e sutis dentro deste mundo nos são mostrados por algo particular: *savitur*. E o que é isso? A alma. Na verdade, não é o Sol mas a alma que nos mostra o mundo. O que é que realmente nos permite percepção e nos deixa ver as coisas? Não é, realmente, o Sol que nos ajuda a ver. Vemos auxiliados pela alma. Isso é dito no Bhagavad-gītā (13,34): *yathā prakāśayaty ekaḥ kṛtsnam lokam imam raviḥ*. A alma revela este mundo da mesma forma que o Sol, pois este

pode mostrar a cor a nossos olhos. O ouvido pode revelar o mundo-som e a mão pode revelar o mundo-tato. Mas, realmente, é a alma que se encontra no centro. A alma dá luz a este mundo e nos concede uma compreensão do meio ambiente, do mundo da percepção. Toda percepção é possível somente devido à alma. Aqui a palavra *savitur*, que geralmente significa Sol, pode apenas significar alma, pois é a alma, igual ao sol, que nos mostra tudo.

Todos os sete extratos de nossa existência representados por *bhūr*, o plano físico, *bhuvah*, o plano mental e *sva*, o plano intelectual, foram aqui reduzidos a uma entidade: *tat*, “aquilo”. “Aquilo” é mostrado pelo Sol que, neste contexto, indica a alma. Aqui, alma significa a alma individual. A alma individual é a causa de seu mundo. Não é que a mente está no mundo, mas é o mundo que está na mente. Berkeley disse que o mundo se encontra na mente. E aqui está sendo dito que tudo é visto com o auxílio do Sol. Se não houver Sol, tudo fica escuro, nada pode ser visto. E, num sentido elevado, luz quer dizer alma. A alma é o sujeito e os sete planos de experiência dentro deste mundo são seus objetos.

A próxima palavra no *gāyatrī-mantram* é *varenyam*, que significa *pūjya*: adorável, venerável. Isso indica o fato de que,

mesmo situada neste plano do mundo objetivo, a alma é o sujeito e existe outra dimensão a ser venerada e adorada pela, que é a região da Superalma.

Esse plano adorável de existência transcendental é conhecido como *bhargo*. *Bhargo* significa a região super-subjetiva, a região da Superalma. Isso é mencionado no primeiro verso do Śrīmad-Bhāgavatam: *dhāmnā svena sadā nirasta-kuhakaṁ satyaṁ param dhīmahi*. Śrīla Vyāsadeva diz que agora ele vai lidar com outro mundo, cuja glória original é de tal magnitude que um seu raio desfaz todos os equívocos. O sujeito é a alma e seu objeto são todos estes mundos de experiência. E o super-sujeito está na região venerável que é superior ao sujeito, à alma. Essa é a região super-subjetiva.

A palavra *bhargo* significa “mais sutil que a alma” e “tendo uma posição de maior importância que a da alma”. De modo que isso significa a Superalma –Paramātmā. Geralmente, é claro, a palavra *bhargo* significa luz. Assim como raios-X podem nos mostrar o que a visão ordinária não vê, *bhargo* é *svarūpa-śakti*: uma luz mais alta e poderosa capaz de revelar a alma. E a quem pertence essa energia *bhargo*? Pertence a *deva*. Qual é o significado da palavra *deva*? *Deva* quer dizer, “Aquele que é belo e brincalhão”, ou seja, Śrī Kṛṣṇa: a Realidade, o Belo. Ele

não é uma substância não-diferenciada, mas é pleno de *līlā* –passatempos. *Deva* significa a combinação de passatempos e beleza, o que significa Kṛṣṇa.

Sua dimensão é *bhargo*, brilhante e *varenyam*, venerável pela alma *jīva*. Qual é a natureza de *svarūpa-śakti*? É a *vaibhava*, a extensão de Śrīmatī Rādhārāṇī. Ela é totalmente responsável pelo serviço e possui a energia para servir a Kṛṣṇa. *Bhargo* não é menos do que *vaibhava*, o corpo expandido de Śrīmatī Rādhārāṇī, onde existe tudo para o serviço a Kṛṣṇa. *Bhargo* representa Mahābhāva, a divindade predominada e *Deva*, Kṛṣṇa, é Rasarāja, a divindade predominante.

No *gāyatrī-mantram* nos é pedido, *bhargo devasya dhīmahi*: “Venha meditar”. E qual o tipo de meditação que é viável naquele plano de dedicação? Não é uma meditação abstrata, mas o cultivo do serviço –*kṛṣṇānuśīlanam*. *Dhīmahi* significa “participar do fluxo espontâneo, da corrente da devoção em Vṛndāvan”. E qual será o resultado (*dhyo yo naḥ prachodayāt*): incrementará a capacidade de nosso cultivo. À medida que servimos, obteremos em troca a capacidade e a predisposição para realizar serviços maiores. É como um banco que soma juros ao capital depositado –*dāsa kari 'vetan more deha prema-dhana*. Desta forma, o princípio de dedicação incrementará cada vez

mais em nós. *Dhīmahī* significa *ārādhana*, adoração. Não pode deixar de ser explicado em termos de *ārādhana*, *pūja*, *sevā*: adoração, veneração e serviço amoroso. A palavra *dhī* deriva-se da palavra *buddhi*, que geralmente significa aquilo que cultivamos, auxiliados pela inteligência. Mas aqui, *dhī* refere-se àquele tipo de inteligência venerável que descende até esta dimensão para nos ajudar a cultivar o serviço. Assim, *dhīmahī* não significa uma meditação abstrata, mas sim o serviço devocional. Este é o significado recôndito do *gāyatrī-mantram*.

Gayātrī, a canção para a libertação, também significa *saṅkīrtana*. O *kīrtana* também é cantado e também nos aperfeiçoa rumo ao ideal maior. O *saṅkīrtana* de Śrī Chaitanya Mahāprabhu igualmente nos recoloca em nossa posição superior de serviço. Desta forma, o *brahma-gāyatrī* conectado a Mahāprabhu vem a significar *kṛṣṇa-kīrtana*. Em seguida, atinge Vṛndāvan e a flauta-*kīrtana*. E, ao entrarmos em Vṛndāvan, descobriremos que o doce som da flauta de Kṛṣṇa auxilia todos os servos do Senhor a se ocupar em seus deveres respectivos. Quando a flauta soa, as *gopīs* e os demais se ajustam a seus respectivos deveres. À noite, ouvindo o som da flauta, as *gopīs* correm até o Yamunā, pensando, “Oh, Kṛṣṇa está lá!” E, quando Yaśodā ouve o som da flauta de Kṛṣṇa, ela pensa, “Lá

está meu filho. Logo estará retornando ao lar”. Dessa maneira, o som da flauta ocupa todos os servos do Senhor em suas posições respectivas e os inspira a que sejam prestimosos em seu serviço.

A música da flauta de Śrī Kṛṣṇa expressa pelo *gāyatrī-mantram* nos está recordando e ocupando em nosso serviço. E qual é nosso serviço? Nosso serviço deve ser de nos entregarmos ao serviço de Śrīmatī Rādhārāṇī, de aceitarmos a sugestão de Rādhārāṇī. O *gāyatrī-mantram* nos entusiasmará a sermos cuidadosos com relação aos pés de lótus de Śrīmatī Rādhārāṇī – a seguirmos Suas ordens. Ela está principalmente representando a inteira dimensão do serviço. Portanto, servir a Śrī Rādhā é tentar se ocupar em Seu serviço, sob Suas ordens; é aceitarmos Sua direção e obedecê-la. Desse modo, o significado do *gāyatrī-mantram* culmina em *rādhā-dāsyam*, auto-determinação, *sva-rūpeṇa vyavasthitiḥ*.

Entretanto, a representação parcial de *vātsalya* e *sakhya-rasa* também são parte e parcela do sentimento original de amor conjugal, *mādhura-rasa*. O devoto em *vātsalya-rasa* servirá a Nanda e a Yaśodā, o devoto em *sakhya-rasa* servirá a Śrīdāma e a Sudāma. Mas, em última análise, em apenas uma concepção, todo o sistema está incluído em Rādhārāṇī.

O significado final a ser extraído do *gāyatrī-mantram* é

rādhā-dāsyam, o serviço a Śrīmatī Rādhārānī. Essa é a finalidade suprema de nossa vida. Não pode deixar de ser assim. O Śrīmad-Bhāgavatam é o teísmo máximo ou desenvolvido que pode ser extraído dos Vedas, Upaniṣads e tantas outras escrituras. Toda a verdade revelada eleva-se a seu cume, à sua posição mais elevada, na concepção que recebemos no Śrīmad-Bhāgavatam. E o Śrīmad-Bhāgavatam nos ensina que a realização maior, a auto-determinação, está no serviço a Śrīmatī Rādhārānī. E que, sob Sua orientação, poderemos servir a Śrī Kṛṣṇa. Aspiramos por uma conexão direta com Seu serviço.

Qual é então o significado interno e o propósito da palavra *bhargo*? *Bhargo vai vṛṣabhanuja-ātmā-vibhava-eka-ārādhana-śrī-pūram*. *Bhānu* significa o Sol ou “quem nos mostra por meio da luz”. Rādhārānī é a filha de Vṛṣabhānu. Assim, eu selecionei a palavra *bhānu*. Eu usei a palavra *vaibhava* para apresentar a extensão de Seu próprio ser. *Vaibhava* significa, “o que sai fora”, ou “o ser expandido”. *Prābhava* é a representação central e *vaibhava* é sua extensão exterior. Śrīmatī Rādhārānī é a própria essência de *svarūpa-śakti* e o todo de *svarūpa-śakti* é Seu ser estendido. A plenitude de *svarūpa-śakti* é a residência de Seu belo serviço, ou seja, o país, a morada de Seu belo serviço.

Da mesma forma que os raios de luz se expandem do Sol, a

potência interna é inteiramente uma expansão de *Mahābhāva*, Śrī Rādhikā. Ela se desenvolveu até uma região tão bela de esplendor, de energia interna e, dali, Ela serve ao Senhor. Todas estas necessidades brotaram d'Ela. Todas elas brotaram para auxiliá-la a servir ao Senhor. Quando a energia interna total é condensada numa forma concisa, esta energia é *Mahābhāva*, Rādhārānī. E, quando Rādhārānī deseja servir, Ela se expande em diferentes formas ilimitadas. E com alguma ajuda de Baladeva e Yogamāyā, o mundo espiritual todo –incluindo Vṛndāvan, Mathurā e Vaikuṇṭha– desenvolve-se gradualmente para dar assistência a Śrīmatī Rādhārānī em Seu serviço a Śrī Kṛṣṇa.

Desta forma, eu extraí *rādhā-dāsyam*, o serviço a Śrīmatī Rādhārānī, como o significado do *gāyatrī-mantram* e tentei representá-lo em versos sânscritos.

Goura Haribol!

Sobre o Autor

Sua Divina Graça Śrīla Bhakti Rakṣak Śrīdhar Dev-Goswāmī Mahārāj nasceu em Hāpānīya, Bengala Ocidental, Índia, em 1895. Em 1927, foi iniciado como discípulo de Śrīla Prabhupāda Bhaktisiddhānta Saraswatī Ṭhākura, o fundador-*āchārya* da Gauḍīya Maṭh e destacado erudito Vaiṣṇava do século vinte. O gênio escritural de Śrīla Śrīdhar Mahārāj, suas realizações penetrantes e a prática estrita dos princípios devocionais do Gauḍīya Vaiṣṇavismo foram logo reconhecidos por Śrīla Bhaktisiddhānta Saraswatī, quem, em 1930, premiou-o com *sannyāsa*, a ordem de vida renunciada. Ele recebeu o nome de Bhakti Rakṣak Śrīdhar, ou “guardião da devoção”, como do comentar original do Śrīmad Bhāgavatam, Śrīdhar Swāmīpāda.

Bhaktisiddhānta Saraswatī viu que ele era especialmente qualificado para proteger a linha Gauḍīya Vaiṣṇava de qualquer

representação equivocada. Depois de ler uma de suas composições glorificando a Bhaktivinod Ṭhākura, Bhaktisiddhānta Saraswatī comentou: “Agora estou satisfeito de que, após a minha partida, ficará ao menos um homem capaz de representar as minhas conclusões (*bhakti-siddhānta*)”.

Depois da partida deste mundo de Śrīla Bhaktisiddhānta Saraswatī, Śrīla Śrīdhara Mahārāja estabeleceu o seu próprio templo, o Śrī Chaitanya Sāraswat Maṭh, às margens do sagrado Ganges em Navadvīp Dhām, a terra santa de Śrī Chaitanya Mahāprabhu. Tendo assimilado profundamente os ensinamentos de Śrī Chaitanya, ele começou a compor textos originais. Seu primeiro trabalho, Śrī Śrī Prapanna-jīvanāmṛtam, é um estudo abrangente da rendição segundo as escrituras.

Sua Divina Graça compôs inúmeras canções, preces e comentários. Entre esses importantes trabalhos encontra-se seu comentário ao Śaraṇagati de Bhaktivinod Ṭhākura, traduções ao bengali do Bhagavad-gītā e do Bhakti-rasāmṛta-sindhu e seu próprio poema original em sânscrito de glorificação ao Chaitanya-līlā, Prema-dhāma-deva-stotram. Seu comentário sobre o *gāyatrī-mantram* na linha do Śrīmad-Bhāgavatam é sua destacada contribuição à Rupānuga Gauḍīya Sampradāya.

Trabalhos originais traduzidos ao inglês incluem: “O Tesouro

Oculto do Doce Absoluto (Bhagavad-gītā)” e “Vida-Néctar das Almas Rendidas: Imortalidade Positiva e Progressiva” (Śrī Śrī Prapanna-jīvanāmṛtam).

Já numa idade avançada em seu estágio plenamente amadurecido de realização, Śrīla Śrīdhara Mahārāja falou ampla e profundamente sobre os ensinamentos de Śrīla Sarasvatī Ṭhākura, Śrīla Bhaktivinoda Ṭhākura e os grandes *āchāryas* predecessores. Essas suas conversas foram gravadas e transcritas e continuam a ser publicadas no mundo todo. As publicações de suas conversas incluem livros como: “A Busca de Sri Kṛṣṇa, a Realidade, o Belo”, “Śrī Guru e Sua Graça”, “O Vulcão Dourado do Amor Divino”, “Evolução Subjetiva da Consciência”, “A Busca Amorosa ao Servo Perdido”, “Sermões do Guardião da Devoção (vol. de I a IV), “Conforto do Lar”, “Satisfação Interior” etc..

Dois anos antes de sua partida deste mundo (1988), ele nomeou publicamente como seu sucessor-*āchārya*, seu mais amado e querido discípulo, Śrīla Bhakti Sundar Govinda Dev-Goswāmī Mahārāja, quem já expandiu sua missão para mais de 70 centros no mundo todo, tendo inspirado a publicação de 350 livros em mais de 20 idiomas e aceito milhares de discípulos na sagrada linha do Śrī Chaitanya Sāraswat Maṭh de seu amado Guru Mahārāja Śrīla Śrīdhara Dev-Goswāmī.

Convite ao Leitor

Convidamos os leitores interessados nos temas deste livro a se corresponder ou visitar qualquer dos centros mais próximos do Śrī Chaitanya Sāraswat Maṭh no Brasil ou que liguem para obter maiores informações. Os endereços da Missão encontram-se na parte final deste livro.

O leitor pode ainda consultar a página da internet do Śrī Chaitanya Sāraswat Maṭh internacional:

www.scsmath.com
www.scsmath.com/portuguese

ou consultar sobre os livros da Missão:

www.casaprema.com

Livros do Śrī Chaitanya Sāraswat Maṭh publicados em Português:

Śrīla Bhakti Rakṣak Śrīdhar Dev-Goswāmī Mahārāj:

Śrīmad Bhagavad-gītā, o Tesouro Oculto do Doce Absoluto
Prapanna Jīvanamṛtam
Céu Consciente
Coração e Aura
As Divinas Instruções do Guardião da Devoção
A Busca por Śrī Kṛṣṇa, a Realidade, o Belo
Śrī Guru e Sua Graça
Evolução Subjetiva da Consciência
Vulcão Dourado do Amor Divino
A Busca Amorosa ao Servo Perdido
Conforto do Lar
Satisfação Interior

Śrīla Bhakti Sundar Govinda Dev-Goswāmī Mahārāj:

Atado Pelo Afeto
Dignidade do Servo Divino
Demolindo os Pilares do Ego
Reflexões Douradas
O Servo Divino
Religião do Coração

Outros:

Śrī Brahma Samhitā
Canções do Coração

Śrī Chaitanya Sarāswat Maṭh

Śrī Chaitanya Sarāswat Maṭh Road, Kolerganj, P.O. Nabadwīp,
District Nadia, Pin 741302, Bengal, Índia

Tels: (03472) 240086 & 240752

Email: math@scsmath.com

www.scsmath.com

Centros no Brasil

CAMPOS DO JORDÃO

Śrī Chaitanya Śrīdhār Govinda

Seva Ashram

Kṛṣṇa Shakti Ashram

Caixa Postal 386 - CEP: 12460-000

Campos do Jordão, São Paulo

Tel: (012) 3663 3168

www.ashram.com.br

ksa@scsmath.org

SÃO PAULO

Śrī Chaitanya Śrīdhār Asan

Casa Prema - Restaurante -Yoga

Rua Diogo Moreira 312, SP

CEP: 05423-010

Tel: (011) 3815-1448 e 3032-3322

casaprema@uol.com.br

www.casaprema.com

TERESÓPOLIS

Śrīla Govinda Mahārāj Seva Ashram

Estrada Prata dos Aredes

Teresópolis - Rio de Janeiro

Tel.: (21) 2644-6695

PORTO ALEGRE

Śrīla Govinda Mahārāj Seva Sangha

Estrada Chapéu do Sol, 620

CEP: 91787-030

Tel (51) 3264-2512

sevasangha@hotmail.com

SOROCABA

Śrī Chaitanya Śrīdhar Govinda Asan

Avenida Paraná, 2880 - Cajuru

Sorocaba - SP - CEP 18105-000

sandratubis@terra.com.br

UBERLÂNDIA

Instituto Prema de Yoga

Rua da Paz, 49 - Morada da Colina

Uberlândia - MG

CEP: 38411.016

prema@institutoprema.com

BRASÍLIA

Atma Centro de Yoga

SHIS CL QI 11 bloco G

Distrito Federal - CEP: 71640-015

www.atmayoga.pro.br

atma@atmayoga.pro.br

Prema
editora



Śrīla Bhakti Rakṣak Śrīdhar Dev-Goswāmī Mahārāj (1895-1988) foi o Fundador-Acharya da Missão do Sri Chaitanya Saraswat Math, em Navadwip, Bengala Ocidental, Índia. Ele legou os profundos ensinamentos da Consciência de Kṛṣṇa em mais de 900 horas de conversas gravadas, algumas já reunidas como livros pelos discípulos no mundo todo.



A Teoria da Evolução das Espécies, de Charles Darwin, teve grandes consequências no estudo científico da vida. Talvez a mais controversa de todas seja a hipótese, amplamente divulgada e aceita pelos cientistas desta era, de que o homem é um produto da evolução de um ancestral comum com os macacos. Mesmo não havendo evidências desta afirmação, ela é lecionada nas principais escolas do mundo. Segundo seus divulgadores, a consciência, fator determinante para o reconhecimento de um ser verdadeiramente humano, é fruto de um gradual aumento da complexidade neurológica da nossa espécie, onde um desenvolvimento dos cérebros foi criando um progressivo refinamento da capacidade intelectual dos animais até que, repentinamente, nasce a possibilidade de pensamento em termos metafísicos. Assim, a consciência humana viria na verdade de nossos antepassados fósseis, que não a possuíam, dando origem à hipótese identificada como "fossilismo". A ferramenta através da qual esse "progressivo refinamento" ocorreu seria, segundo Darwin, a mutação genética casual.

Neste livro, a discutível hipótese do fossilismo encontra sua mais completa e absoluta refutação. Através de um pensamento construído sobre bases sólidas e lógica perfeita, Śrīla Bhakti Rakṣak Śrīdhara Dev-Goswāmī Mahārāj explica como é impossível que o chamado "mais grosseiro" possa jamais criar o "mais sutil", e dá o panorama real de como a consciência, originalmente pura e imaculada, passa por um processo de "turvamento" para que só então seja capaz de manipular a matéria grosseira. O caminho da manifestação da consciência é portanto um caminho descendente, em que o mais sutil verdadeiramente cria o mais grosseiro, a fim de interagir com ele. Demonstrando profunda erudição escritural e fazendo paralelos com o conhecimento filosófico contemporâneo, Śrīla Śrīdhara Mahārāj desmonta completamente os argumentos materialistas mundanos, sobre os escombros dos quais decodifica, de maneira brilhante, o processo subjetivo de manifestação e posterior iluminação da consciência materialmente enredada.